

1 ESTUDOS
DE LITERATURA,
CULTURA
E CONTEMPORANEIDADE

Estudos de Literatura, Cultura e Contemporaneidade

organizadoras

Moema de Souza Esmeraldo
Rosidelma Pereira Fraga

PERCURSOS
METODOLÓGICOS



1 ESTUDOS
DE LITERATURA,
CULTURA
E CONTEMPORANEIDADE

Estudos de Literatura, Cultura e Contemporaneidade

organizadoras

Moema de Souza Esmeraldo
Rosidelma Pereira Fraga

PERCURSOS
METODOLÓGICOS

• São Paulo • 2025 •



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

E82

Estudos de Literatura, Cultura e Contemporaneidade:
Percursos metodológicos / Organização Moema de
Souza Esmeraldo, Rosidelma Pereira Fraga. – São Paulo:
Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-310-3

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-310-3

1. Estudos culturais. 2. Identidade. 3. Pós-colonialidade.
4. Circulação da literatura. 5. Roraima. I. Esmeraldo, Moema
de Souza (Org.). II. Fraga, Rosidelma Pereira (Org.). III. Título.

CDD: 306.918115

Índice para catálogo sistemático:

I. Cultura

II. Roraima

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 as autoras e o autor.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em editoração	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	floralpro, vector_corp - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Obviously, Belarius Poster
Revisão	Os autores e as organizadoras
Organizadoras	Moema de Souza Esmeraldo Rosidelma Pereira Fraga

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges

Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro

Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos

e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Valtenir Soares de Abreu

Prefácio 10

Moema de Souza Esmeraldo

Rosidelma Pereira Fraga

Introdução14

CAPÍTULO 1

Ayane Camila de Araújo Silva

A marginalidade na contemporaneidade:

a escrita de *fanfictions* e as vozes caladas19

CAPÍTULO 2

Hilvany Lannay Silva Araújo

Reflexões sobre escrita e poder

a partir da análise do romance *Circe*,

de Madeline Miller.....36

CAPÍTULO 3

Luany Araujo Pinho

Entre ficção e realidade:

a representação da exploração

sexual infantil em *Pssica*49

CAPÍTULO 4

Dalvina dos Santos da Silva Lima

Registro do cotidiano roraimense:

traços culturais, desafios sociopolíticos e contemporâneos

na literatura de Nenê Macaggi e Davi Kopenawa66

CAPÍTULO 5

Audeane dos Santos Lopes

Rosidelma Pereira Fraga

**A tradição oral em *O Cão e o Curumim*
de Cristino Wapichana e *Meu Avô***

Apolinário: um mergulho no rio

***da minha memória de Daniel Munduruku* 82**

CAPÍTULO 6

Jane Lima Peixoto

Moema de Souza Esmeraldo

Elementos regionais e o regionalismo

nas obras literárias de Eliakin Rufino 100

CAPÍTULO 7

Lucineth Salgado Barroso

Moema de Souza Esmeraldo

Literatura e educação inclusiva:

a audiodescrição dos livros de Zezé Maku

como recurso de inclusão 121

CAPÍTULO 8

Roberta Sagica Gomes

PARICHARA:

tradição do povo Wapichana 130

Sobre as autoras e o autor 144

Índice remissivo 148

PREFÁCIO

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.

Antônio Cândido

A coletânea **Estudos de literatura, cultura e contemporaneidade**, organizada pelas professoras Moema de Souza Esmeraldo e Rosidelma Pereira Fraga, contrubui de modo significativo com a circulação de estudos críticos realizados no âmbito da Pós-graduação da Universidade Federal de Roraima.

Os textos selecionados para esta coletânea fazem parte de uma trajetória de discussões sobre as temáticas de estudos literários, estudos culturais, pós-coloniais e literaturas pós-autônomas. Sendo assim, a partir dessas perspectivas teóricas apresentaram-se reflexões sobre autoria e poder, autobiografia, ficção e realidade, alteridade, minorias sociais, representatividade da cultura regional, tradição oral, leitura literária e educação inclusiva.

Foram reunidos oito textos, produzidos por pesquisadoras que guardam uma relação de afeto e compromisso científico, acadêmico e social com as temáticas propostas, cujo debate tem se tornado cada vez mais urgente e necessário. No primeiro capítulo, Ayane Camila de Araújo Silva, no artigo **A marginalidade na**

SUMÁRIO

contemporaneidade: a escrita de *fanfictions* e as vozes caladas, investiga a reconfiguração do conceito de autoria na literatura contemporânea, com foco nas *fanfictions*, tipo específico de expansão da literatura contemporânea. Discute também as influências da crítica pós-colonial, visando compreender como as *fanfictions* desafiam e redefinem os conceitos de autoria, além de destacar a importância do intelectual contemporâneo diante dessa prática literária.

No segundo capítulo, Hilvany Lannay Silva Araújo, no texto **Reflexões sobre escrita e poder a partir da análise do romance *Circe*, de Madeline Miller,** analisa a representação da figura feminina, partindo do próprio modo como a autora dialoga e revisa a personagem Circe, rompendo com os estereótipos acerca da feminilidade engendrada pela literatura tradicional ocidental.

Já o terceiro capítulo, de autoria de Luany Araujo Pinho, **Entre ficção e realidade: a representação da exploração sexual infantil em *Pssica*,** trata de compreender como a exploração sexual infantil é representada na narrativa do romance *noir Pssica*, de Edyr Augusto Proença. Para alcançar esse objetivo, Luany destaca como a obra traduz, do ponto de vista estético, discursivo e narrativo, essa questão social ambientada em cidades paraenses e na capital do país vizinho, Guiana Francesa, visando examinar o diálogo estabelecido entre a literatura e o contexto social amazônico, atravessando temas como o tráfico humano para fins de exploração sexual, a corrupção política e policial, a pobreza e a criminalidade, especialmente relacionada ao consumo de drogas e à prática ilegal do garimpo.

No quarto capítulo, escrito por Dalvina dos Santos da Silva Lima, intitulado **Registro do cotidiano roraimense: traços culturais, desafios sociopolíticos e contemporâneos na literatura de Nenê Macaggi e Davi Kopenawa,** a autora analisa o relato do cotidiano como uma expressão literária que captura as matrizes que compõem o tecido da existência diária. Para tanto, revisita as experiências de escritores importantes para a história do estado de Roraima, tais

como Nenê Macaggi e Davi Kopenawa, emblemáticos para a construção de uma identidade local. Neste contexto, Dalvina propõe uma reflexão sobre a arte de narrar em paralelo com a discussão sobre o papel crucial do regionalismo como uma lente através da qual se pode observar a cultura localizada.

No quinto capítulo **A tradição oral em *O cão e o curumim* de Cristino Wapichana e *Meu avô apolinário: um mergulho no rio da minha memória* de Daniel Munduruku**, as autoras Audeane dos Santos Lopes e Rosidelma Pereira Fraga transitam entre os saberes indígenas, mitos, conhecimentos e histórias por meio da oralidade, formando um rico legado que se entrelaça com sua visão dos povos originários diante do mundo. Nesse sentido, a pesquisa aborda a tradição oral ligada aos povos indígenas através da análise das obras ***Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da minha memória***, de Daniel Munduruku e ***O Cão e o Curumim***, de Cristino Wapichana. A análise dessas obras teve com base teórica Munduruku (2010), Spivak (2010), Hall (2006) entre outros que fundamentaram este trabalho. Destaca-se a literatura indígena numa perspectiva memorial e autobiográfica, dos próprios povos indígenas, enfatizando a aceitação da sua identidade, bem como sua autoafirmação diante do atual cenário de de descaracterização, de negação e da importância da autorreconstrução de quem se é e de como se vive, ligadas a histórias que habitam nas memórias dos dois autores.

Em consonância com os estudos regionais, no sexto artigo, **Elementos regionais e o regionalismo nas obras literárias de Eliakin Rufino**, as autoras Jane Lima Peixoto e Moema de Souza Esmeraldo abordaram obras poéticas de Eliakin Rufino, com a intenção de verificar quais são os elementos regionais de Roraima presentes na poesia deste importante autor roraimense e evidenciar a discussão sobre o conceito de regionalismo. Como aporte teórico, foram considerados, principalmente, estudos de Regina Dalcastagnè (2002,2007), Antonio Cândido (2005,2006), Cátia Monteiro Wankler (2013), Glaciele de Souza Harr (2007) e Roland Barthes (2004).

SUMÁRIO

No sétimo artigo, **Literatura e educação inclusiva: a audiodescrição de livros de Zezé Maku como recurso de inclusão**, Lucineth Salgado Barroso e Moema de Souza Esmeraldo buscam pensar meios de inclusão a partir da leitura literária da obra do escritor roraimense Zezé Maku voltada para o público infantil e juvenil. No contexto desse trabalho, propõem-se tecnologias assistivas como arcabouços que precisam ser inseridos nas práticas de ensino e aprendizagem. Dessa forma, apresenta-se uma pesquisa teórica inicial sobre a prática de leitura de literatura por meio da audiodescrição de livros da literatura infantil como forma de contribuição para a inclusão de Pessoas com Deficiências.

Finalizando a coletânea, Roberta Sagica traz o texto **Parichara: tradição do povo Wapichana**, que teve como objetivo abordar aspectos dos conhecimentos do povo Wapichana mediante a apresentação e a análise do *Parichara* como elemento de manifestação cultural vai que além de uma dança, figurando como uma tradição do Povo da etnia Wapichana, o que envolve uma gama de conhecimentos a serem estudados e que devem circular para toda a população.

Espero que a leitura desta coletânea de estudos críticos de literatura, cultura e contemporaneidade, organizada pelas professoras Moema de Souza Esmeraldo e Rosidelma Pereira Fraga, seja proveitosa, estimulando outras autoras e autores a mergulharem no rico e instigante terreno da cultura roraimense, com suas múltiplas possibilidades de investigação, fortalecendo ainda mais a ciência de Roraima.

Valtenir Soares de Abreu

INTRODUÇÃO

Moema de Souza Esmeraldo
Rosidelma Pereira Fraga

Apresentamos aos leitores uma coletânea de estudos sobre literatura, cultura e contemporaneidade produzidos por alunos do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima, durante o curso de Estudos Culturais, que ocorreu no segundo semestre do ano de 2023. Além de apresentar um trabalho fruto de pesquisa vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (Profei-UFRR).

Os textos da coletânea “Estudos de literatura, cultura e contemporaneidade” oferecem resultados parciais de pesquisas oriundas da pós-graduação e possuem temáticas relacionadas aos estudos literários com vistas a discutir referenciais teóricos e críticos que tratem das imbricações entre o cenário geopolítico e as construções identitárias, identidades culturais regionais, nacionais e continentais, bem como os conceitos colonialidade e hegemonia cultural, pós-colonialidade e literatura pós-autônoma.

As discussões realizadas durante o curso de Estudos Culturais perpassaram por uma trajetória teórica que contribuiu com a produção dos capítulos que compõem este livro. Esse percurso teórico, no primeiro momento possibilitou aprofundamento na temática “Estudos Culturais: valor, estética e ética”, a partir do texto de Stuart Hall “Estudos culturais e seu legado teórico”, que se encontra na obra “Da diáspora: identidade e mediações culturais”, além do texto “A morte do autor”, de Roland Barthes, em diálogo com os textos “O que é um autor”, de Michel Foucault e “O autor como gesto”, de Giorgio Agamben.

SUMÁRIO

No segundo momento dessa trajetória de reflexões sobre a recepção dos estudos culturais, realizamos estudos sobre o lugar do intelectual da contemporaneidade, pensando as disputas discursivas entre marginais e intelectuais. Para tanto, os estudos propuseram discussões teóricas realizadas com fundamentação no texto “Os intelectuais e o poder”, de Michel Foucault e Gilles e no livro *Pode o subalterno falar?* Gayatri Chakravorty Spivak. Ainda fizemos aproveitamento do texto crítico “Quando o subalterno fala: especulações sobre a razão pós-colonial”, da professora Sandra Regina Goulart Almeida, que faz parte da coletânea *Crítica pós-colonial. Panorama de leituras contemporâneas*, publicado pela FAPERJ em 2013.

Já no terceiro momento dessa trilha de pensamento, para aprofundar nas questões de identidade e alteridade, utilizaram-se as obras de Rigoberta Menchú e Carolina Maria de Jesus. Visando propor pensar essas produções literárias em consonância com os trabalhos críticos de João Camilo Penna no artigo *Experiência e pobreza* e das pesquisas de Regina Dalcastagnè sobre representatividade e autoria em *Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea*. Nesse momento, ainda houve leituras das obras dos autores da literatura marginal e periférica de São Paulo, Allan Santos da Rosa e Férrez.

Para finalizar essa caminhada teórica sobre estudos culturais e ressonâncias críticas em pesquisas no Brasil, o último momento foi dedicado ao debate sobre os conceitos de pós-colonial e literaturas pós-autônomas. Nesse contexto, centrou-se na temática do pós-colonial e a nação da nação relacionada ao texto “Quando foi o pós-colonial?”, de Stuart Hall, publicado na obra *Da diáspora: identidade e mediações culturais* e Disseminação e o texto “O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna”, de Homi K. Bhabha, publicado no livro *O local da cultura*.

Diante das questões teóricas apresentadas, verificamos que a produção, circulação e recepção da literatura na contemporaneidade assume diferentes implicações e a expansão da literatura e,

SUMÁRIO

consequentemente, de suas formas leituras crítico-analíticas de produções literárias têm demandado novos modos de abordagem.

Entre esses novos modos e abordagens da circulação e recepção da literatura na contemporaneidade, Josefina Ludmer, nos chamou a atenção em razão do conceito de “literaturas pós-autônomas”. Ludmer define as “novas condições de produção e circulação do livro que modificam os modos de ler. Poderíamos chamá-las de escrituras ou literaturas pós-autônomas” (Ludmer, 2010, p. 2).

Florencia Garramuño em *Frutos extraños: sobre a inespecificidade da estética*, aproxima-se da discussão ao conceituar esses novos modos de pensar e abordagens críticas como “inespecificidade” e “impertinência” da literatura na contemporaneidade. A pesquisadora argentina investiga os diversos fragmentos que se incorporam ao espaço do livro enquanto materialidades heterogêneas.

Diante dessa perspectiva crítica, as discussões realizadas tiveram o intuito de pensar as novas condições da literatura e as conexões com outras práticas artísticas, reflexões críticas e objetos culturais contemporâneos. Distanciando de uma perspectiva crítica reducionista que ainda insiste em abordar a literatura como um campo fechado em si mesmo. Nesse sentido, Ana Kiffer menciona uma literatura “fora de si”, que de forma similar Wander Melo Miranda coloca como “formas mutantes” da literatura na contemporaneidade.

Por isso, reunimos pesquisas no campo dos estudos culturais presentes nesta coletânea, com o intuito de fomentar trabalhos a partir de diferentes manifestações culturais veiculadas às mídias e às novas tecnologias, tendo como exemplo as fanfics. Ao mesmo tempo, em que evidenciamos estudos regionalizados sobre manifestações culturais e saberes locais, como cantos, ritos e histórias dos povos tradicionais da Roraima.

Apontamos os trabalhos que seguem como um movimento em direção aos estudos literários na atualidade, tendo em vista

diferentes perspectivas, modos e abordagens inespecíficas. O que conferiu a possibilidade de discussões sobre a literatura como uma manifestação cultural em expansão na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. "O autor como gesto". *In*: **Profanações**. Coleção Marxismo e literatura. São Paulo: Boitempo, 2007.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. "Quando o subalterno fala: especulações sobre a razão pós-colonial". *In*: ALMEIDA, Júlia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; GOMES, Heloisa Toller. (Orgs). **Crítica pós-colonial. Panorama de leituras contemporâneas**. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2013.

BARTHES, Roland. A morte do autor. *In*: **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BHABHA, Homi K. Disseminação. O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. *In*: **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Entre fronteiras e cercado de armadilhas**: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea. Brasília: Editora UNB/Finatéc, 2005.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor. *In*: **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Coleção Ditos & Escritos III. Manoel Barros da Motta. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, Michel; DELEUZE, Gilles. Os intelectuais e o poder. *In*: **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GARRAMUÑO, Florencia. **Frutos estranhos**: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Rocco, 2014.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. *In*: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. *In*: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

KIFFER, Ana. **O Brasil é uma heterotopia**. São Paulo: N-1 edições, 2020.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. **Aqui América Latina**. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

MIRANDA, Wander Melo. Formas mutantes. *In*: SANTURBANO, Andrea; MARSAL, Maritxell Hernando e PETERLE, Patrícia. (Orgs). **Fluxos literários**: ética e estética. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

PENNA, João Camilo. Experiência e violência. **Revista Metamorfoses**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

SUMÁRIO



1

Ayane Camila de Araújo Silva

A MARGINALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE:

A ESCRITA DE *FANFICTIONS*
E AS VOZES CALADAS

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-310-3.1

SUMÁRIO

RESUMO:

Este artigo investiga a reconfiguração do conceito de autoria na literatura contemporânea, com foco nas *fanfictions*, manifestações de escrita marginal enraizadas na cultura digital. Sob a influência da crítica pós-colonial, a pesquisa busca compreender como as *fanfictions* desafiam e redefinem os conceitos de autoria, destacando a importância do intelectual contemporâneo diante dessa prática literária. A metodologia adotada é teórico-bibliográfica, utilizando fontes dos bancos de pesquisa online. A análise revela que as *fanfictions*, ao permitirem a participação ativa dos leitores e desafiar a noção de autoria singular, representam uma forma de resistência cultural e expressão coletiva. A literatura marginal contemporânea, representada pelas *fanfictions*, surge como um campo de batalha simbólico que desafia as estruturas de poder da linguagem, proporcionando um espaço para a emergência de vozes outrora silenciadas. A pesquisa contribui para a reflexão sobre o papel do intelectual na contemporaneidade e destaca a necessidade de ampliar o debate acadêmico sobre a diversidade de vozes na literatura e seu impacto na construção do conhecimento. A conclusão ressalta a importância da pesquisa ao oferecer uma compreensão mais profunda das interconexões entre autoria contemporânea, crítica pós-colonial e leituras contemporâneas através do prisma das *fanfictions*, sugerindo novas direções para futuras investigações.

PALAVRAS-CHAVE:

Autoria Contemporânea; Crítica Pós-Colonial; *Fanfictions*.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, o conceito de autoria na literatura passa por uma profunda reconfiguração, desafiando noções tradicionais de singularidade e autonomia. Sob a influência da crítica pós-colonial, as leituras contemporâneas emergem como um terreno fértil para a desconstrução de hierarquias literárias e a inclusão de vozes historicamente marginalizadas. Nesse contexto, o papel do intelectual contemporâneo se torna crucial, exigindo uma postura reflexiva diante das narrativas emergentes e um compromisso com diálogos inclusivos. A subalternidade, entendida como a condição de estar subjugado pelos discursos hegemônicos, destaca-se como um conceito central, proporcionando um olhar crítico sobre quem tem o direito de falar e ser ouvido (Almeida, 2013).

A literatura marginal, enraizada nas margens da sociedade, encontra expressão contemporânea nas *fanfictions*, uma forma única de escrita marginal que desafia as normas literárias convencionais. As *fanfictions*, ou *fanfics*, referem-se a narrativas derivadas de obras preexistentes, onde autores reinterpretam, expandem ou subvertem elementos originais. Essa prática, vinculada à cultura digital, transcende os limites da autoria singular, transformando os leitores em coautores e desafiando a ideia de originalidade na literatura (Neves, 2011).

A escrita de *fanfictions* torna-se, assim, um espaço propício para a manifestação de vozes outrora negligenciadas. Ao abordar temas variados, as *fanfics* não apenas redefinem a noção de autoria, mas também servem como um meio de resistência cultural e expressão coletiva. Explorar as intrincadas relações entre autoria na contemporaneidade, crítica pós-colonial, leituras contemporâneas, subalternidade e a literatura marginal das *fanfictions* promove uma compreensão mais abrangente da diversidade literária e das dinâmicas socioculturais que permeiam a produção textual contemporânea (Spivak, 2010).

SUMÁRIO

A presente pesquisa busca responder à seguinte questão: Como as *fanfictions*, enquanto prática de escrita marginal, desafiam e redefinem os conceitos de autoria à luz da crítica pós-colonial e das leituras contemporâneas? Além disso, explora-se o papel do intelectual na contemporaneidade diante dessa manifestação literária, considerando a potencialidade das *fanfics* em proporcionar voz ao subalterno e desestruturar as normas literárias hegemônicas.

O objetivo do estudo se deleita sobre a análise crítica do impacto da crítica pós-colonial na concepção tradicional de autoria, destacando como essa perspectiva teórica influencia a leitura e produção literária contemporânea. Através da investigação das características intrínsecas das *fanfictions* como uma forma de escrita marginal, explorando como essa prática desafia as estruturas literárias convencionais e proporciona um espaço para vozes subalternas. Assim como, a examinação do papel do intelectual na contemporaneidade, considerando seu engajamento com as vozes marginalizadas presentes nas *fanfictions* e sua responsabilidade na promoção de diálogos inclusivos e a compreensão da relação entre o conceito de subalternidade, proposto por teóricos como Gayatri Spivak, e a prática de escrever *fanfictions*, avaliando como a possibilidade do subalterno falar se manifesta nesse contexto.

A importância desta pesquisa reside na necessidade de compreender as transformações no campo literário contemporâneo, especialmente em relação à autoria, crítica pós-colonial e leituras contemporâneas. As *fanfictions*, como uma forma de escrita marginal, oferecem uma lente única para explorar as dinâmicas de poder, representação e resistência presentes nas margens da produção literária. Além disso, a investigação visa contribuir para a reflexão sobre o papel do intelectual na contemporaneidade e sua responsabilidade ética diante das narrativas subalternas presentes nas *fanfictions*. Ao desvelar as complexas interconexões entre esses elementos, este estudo busca enriquecer o debate acadêmico sobre a diversidade de vozes na literatura e seu impacto na construção do conhecimento na contemporaneidade.

MÉTODO

Este estudo é de natureza teórico-bibliográfica, com uma abordagem qualitativa e crítica, visando fundamentar teoricamente a interseção entre autoria na contemporaneidade, crítica pós-colonial, leituras contemporâneas, e a escrita marginal representada pelas *fanfictions*. O embasamento teórico será construído por meio de uma análise aprofundada das principais fontes disponíveis nos bancos de pesquisa da SCIELO e do Google Acadêmico. A seleção de trabalhos se dará mediante o emprego de descritores específicos, tais como "autoria contemporânea", "crítica pós-colonial", e "*fanfictions*", assegurando uma cobertura abrangente e relevante para o escopo da pesquisa.

Para estabelecer critérios de inclusão, serão considerados, prioritariamente, contribuições recentes à discussão acadêmica. Além disso, a relevância temática e a consistência metodológica serão critérios fundamentais para a inclusão de trabalhos. Em contrapartida, para critérios de exclusão, serão consideradas publicações que não sejam relacionadas diretamente aos temas propostos, bem como trabalhos que não atendam aos padrões de rigor acadêmico, objetivando assegurar a qualidade e relevância das fontes selecionadas.

AUTORIA E A CRÍTICA PÓS-COLONIAL

A evolução dos estudos literários contemporâneos demanda uma análise aprofundada dos conceitos de autoria, permeados pela crítica pós-colonial, no contexto das leituras contemporâneas. A interseção destes elementos revela-se particularmente intrigante quando aplicada ao tema em foco: "A Marginalidade na Contemporaneidade: A Escrita de *Fanfictions* e as Vozes Caladas." A autoria, entendida

SUMÁRIO

tradicionalmente como um constructo singular e autônomo, enfrenta desafios substanciais quando submetida à lente da crítica pós-colonial. Nesse sentido, é imperativo compreender como as narrativas de *fanfics*, frequentemente relegadas ao domínio marginal, emergem como agentes catalisadores na contestação e reconfiguração das normas literárias estabelecidas.

A crítica pós-colonial, como corrente teórica, desvela-se como uma ferramenta analítica potente ao desafiar as hierarquias de poder e representação presentes na literatura. Ao transcender as fronteiras geográficas e culturais, a crítica pós-colonial incita a descolonização do pensamento acadêmico, permitindo a consideração das diversas vozes e perspectivas que, por muito tempo, permaneceram à margem. No contexto da escrita de *fanfictions*, essa perspectiva crítica evidencia-se crucial para entender como comunidades antes silenciadas encontram espaço para reivindicar narrativas próprias, subvertendo as estruturas literárias hegemônicas (Almeida, 2013).

As leituras contemporâneas, por sua vez, adquirem uma dimensão multifacetada quando aplicadas à escrita de *fanfictions*. A marginalidade, neste contexto, não é apenas uma condição geográfica ou étnica, mas uma expressão de resistência à normatividade literária. As vozes que emergem através dessas práticas de escrita desafiam não apenas as noções convencionais de autoria, mas também exploram os limites da representação, desafiando a dicotomia entre o "canônico" e o "marginal". As leituras contemporâneas, ao abraçarem a complexidade inerente à multiplicidade de vozes presentes nas *fanfictions*, revelam-se como uma resposta crítica às estruturas tradicionais que perpetuam a marginalização (Almeida, 2013).

A escrita de *fanfictions*, longe de ser uma mera manifestação de entretenimento, emerge como um campo fecundo para a expressão artística e intelectual. Ao desvelar as vozes caladas, estas narrativas oferecem um olhar perspicaz sobre as dinâmicas sociais, culturais e políticas da contemporaneidade. O desafio à autoridade

SUMÁRIO

singular e a celebração da multiplicidade de perspectivas convergem para redefinir não apenas o conceito de autoria, mas também para questionar as estruturas que perpetuam a marginalização literária. Portanto, explorar as entrelaçadas relações entre autoria, crítica pós-colonial e leituras contemporâneas revela-se essencial para compreender a complexidade da escrita de *fanfictions* e as vozes que, por muito tempo, permaneceram à margem do discurso literário (Murakami, 2016).

A posição do intelectual na contemporaneidade revela-se como um ponto de inflexão crucial ao abordarmos a escrita de *fanfictions* e as vozes marginais. No cenário atual, o intelectual não apenas se depara com o desafio de redefinir sua função diante das transformações sociais, mas também enfrenta a necessidade premente de engajar-se em diálogos inclusivos que respeitem e acolham as narrativas marginais. A crítica pós-colonial, ao questionar as estruturas de poder, instiga o intelectual contemporâneo a transcender as barreiras convencionais e a reconhecer a importância de amplificar as vozes anteriormente silenciadas (Adorno, 2002).

A noção de subalternidade, central na análise pós-colonial, oferece uma perspectiva adicional à compreensão das vozes marginalizadas nas *fanfictions*. O subalterno, frequentemente subjugado pelos discursos hegemônicos, encontra na escrita uma ferramenta de resistência e expressão (Hall, 2003). A possibilidade do subalterno falar, conforme proposto por teóricos pós-coloniais como Gayatri Spivak, desafia a noção tradicional de autoria ao conceder voz àqueles historicamente excluídos do discurso dominante. Ao considerarmos as *fanfictions* como um espaço propício para o subalterno falar, percebemos que estas práticas de escrita não apenas desconstróem narrativas hegemônicas, mas também reivindicam a legitimidade das experiências marginalizadas (Foucault, 2009).

A literatura marginal, cujas raízes estão profundamente entrelaçadas com as vozes à margem da sociedade, encontra eco nas

SUMÁRIO

fanfictions como uma forma de escrita marginal. Enquanto a literatura marginal tradicionalmente emergiu de contextos sociais marginalizados, as *fanfictions* estendem essa margem para além dos limites físicos, inserindo-se em espaços virtuais onde a expressão individual e coletiva converge. Essa escrita marginal, ao se apropriar de universos ficcionais preexistentes, transcende as fronteiras tradicionais da autoria ao desafiar as estruturas estabelecidas da narrativa e da representação (Spivak, 2010).

Define-se *fanfics* como narrativas derivadas de obras preexistentes, nas quais autores reinterpretam, expandem ou subvertem os elementos originais. Essa forma de escrita, enraizada na cultura digital, proporciona uma plataforma para a participação ativa dos leitores, transformando-os em coautores e desafiando a noção de autoria singular. Ao explorar personagens e universos já existentes, as *fanfictions* ampliam a conversa literária para além dos limites convencionais, possibilitando a emergência de vozes antes negligenciadas. Nesse contexto, as *fanfictions* não apenas rompem com a tradição literária, mas também redefinem a noção de literatura ao abraçar a diversidade, a multiplicidade de perspectivas e a democratização do ato de escrever (Jenkins, 2010).

LITERATURA MARGINAL: ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS

A literatura marginal, por sua própria natureza, constitui-se como um movimento insurgente, cujas raízes profundas estão fincadas nas margens socioculturais. Este fenômeno literário, que ganhou proeminência nas últimas décadas, transcende as fronteiras tradicionais da expressão artística, desafiando as normas estabelecidas e proporcionando um espaço de visibilidade para vozes historicamente subalternizadas (Spivak, 2010).

SUMÁRIO

O cerne da literatura marginal reside na ruptura com paradigmas canônicos, evidenciando-se como um contraponto às narrativas dominantes. Este movimento literário, ao contrário de ser uma mera manifestação de dissonância, emerge como um poderoso veículo de resistência, no qual autores, muitas vezes oriundos de contextos periféricos, exploram a complexidade de suas realidades, reivindicando uma presença legítima no panorama literário. Nesse contexto, a literatura marginal revela-se como uma narrativa insurgente, permeada por questões sociais, políticas e identitárias, que transborda as limitações convencionais da linguagem para forjar um diálogo autêntico e impactante (Barther, 2012).

Ao abordarmos a interseção entre literatura marginal e a contemporaneidade, emerge uma dicotomia intrigante. A literatura marginal contemporânea não se limita a ser um mero reflexo das margens sociais; ela é, em si mesma, um agente de transformação, desafiando constantemente as estruturas vigentes. No contexto da produção literária contemporânea, a literatura marginal não é apenas uma expressão de resistência, mas também uma força motriz que incita reflexões sobre as dinâmicas sociais, a marginalização sistêmica e a necessidade premente de inclusão (Neves, 2011).

A complexidade da literatura marginal contemporânea reside na sua capacidade de transcender rótulos e categorias predefinidas. Ela abarca uma multiplicidade de formas, desde manifestações poéticas e prosaicas até experimentações narrativas que desafiam as convenções literárias estabelecidas. Este ecletismo intrínseco reflete a diversidade de vozes presentes nas margens da sociedade, que encontram na literatura um meio de expressão e reivindicação de identidade (Neves, 2011).

Além disso, a literatura marginal contemporânea estabelece diálogos intertextuais enriquecedores, conectando-se a movimentos literários globais e redefinindo o cânone literário estabelecido. Este fenômeno transcultural não apenas amplifica a visibilidade de

SUMÁRIO

narrativas até então negligenciadas, mas também desafia a universalidade normativa, dando voz a perspectivas que, embora marginalizadas, transcendem fronteiras geográficas e culturais (Murakami, 2016).

No âmbito da literatura marginal contemporânea, a reflexão sobre o conceito de subalternidade emerge como um elemento crucial para compreender as dinâmicas de poder e as vozes historicamente silenciadas. A teoria do subalterno, cunhada por Gayatri Chakravorty Spivak, destaca-se como um instrumento teórico significativo nesse contexto. Spivak, em seu seminal texto "Can the Subaltern Speak?" (1988), indaga sobre a possibilidade de o subalterno realmente ter voz dentro de estruturas hegemônicas (Spivak, 2010).

A abordagem de Spivak desloca a discussão da subalternidade para além da mera ausência de representação, adentrando as complexidades inerentes à própria linguagem e aos mecanismos de poder. A perspectiva *spivakiana* argumenta que a subalternidade não apenas implica a falta de voz, mas também a impossibilidade de o subalterno ser completamente representado dentro dos discursos dominantes. Isso lança luz sobre as limitações e desafios intrínsecos à expressão autêntica do subalterno, mesmo quando se tenta articulá-la por meio da linguagem (Bhabha, 1999).

Na literatura marginal contemporânea, a influência da teoria de Spivak ressoa na medida em que autores exploram as nuances da subalternidade, questionando não apenas a representação, mas também os próprios fundamentos da linguagem como veículo de expressão. A literatura marginal contemporânea, ao assimilar e reinterpretar conceitos como o de subalterno, propicia uma exploração mais profunda das condições de produção de discurso nas margens (Spivak, 2010).

Spivak (2010) pontua que a escrita marginal, ao adotar uma perspectiva influenciada por Spivak, transcende a mera busca por visibilidade, tornando-se um espaço de resistência epistêmica. Os escritores marginais contemporâneos, conscientes das limitações da linguagem normativa, desafiam as estruturas linguísticas e narrativas

dominantes. Assim, a literatura marginal contemporânea não apenas se volta para a representação das vozes marginalizadas, mas questiona as próprias estruturas que historicamente as calaram. A contribuição de Spivak torna-se, assim, uma lente teórica valiosa para compreender não apenas a subalternidade na literatura marginal contemporânea, mas também para avaliar criticamente como as vozes anteriormente subjugadas podem encontrar expressão autêntica. A teoria do subalterno não apenas instiga uma reflexão sobre as condições de possibilidade da fala, mas também incita os escritores a adotarem estratégias mais conscientes e subversivas na articulação de suas narrativas.

Dessa forma, ao considerarmos a interseção entre literatura marginal contemporânea e o conceito de subalterno proposto por Spivak, somos levados a uma compreensão mais abrangente da complexidade inerente à busca por voz nas margens. A literatura marginal, nessa perspectiva, não se limita a representar as experiências subalternas, mas se transforma em um campo de batalha simbólico onde as estruturas de poder da linguagem são desafiadas e reconfiguradas, proporcionando, assim, um espaço propício para a emergência de vozes outrora silenciadas.

QUANDO O SUBALTERNO FALA: *AS FANFICTIONS*

Termo advindo da língua inglesa, *fanfiction* pode ser traduzido como “ficção de fã” pela junção das palavras *fan* e *fiction*. Apesar dessa tradução ser literal, ela também significa basicamente o que é esse universo que advém da cultura de massa¹ e gerou o que

1 Cultura de massa é a expressão que designa a mercantilização de produções artísticas e culturais que são produzidas pela indústria do entretenimento visando atender às demandas capitalistas pela arte e cultura.

SUMÁRIO

Jenkins (2010), em seu livro *Piratas de Textos*, chamou de cultura participativa. De acordo com o autor, tendo o início conhecido nos anos 60 com a série de TV *Star Trek*, o grupo de fãs quebrou a distinção fixa que existia entre leitores e escritores. Os fãs passaram de consumidores de história pré-fabricadas para produtores de novas narrativas, fanzines, pôsteres artísticos, canções, vídeos, etc. É assim que esses grupos se convertem na cultura participativa e transformam as experiências do consumo dos meios de comunicação e da produção de novas narrativas, culturas e comunidades (2010, p. 62 e 63).

O que antes era conhecido como grupos de fãs passa a ter o nome de *fandoms* e de uma série de TV surgem outras obras que passam a ter novos grupos a dedicar-se das mais diferentes formas. Com o advento das redes sociais os FC's² organizaram-se e, com o tempo, novas plataformas foram abertas para a maior interação. Essas plataformas se materializaram em blogs, sites e na atualidade também em aplicativos para o celular. Das fanzines antes elaboradas em papel, surgem as *fanfictions* já ambientadas nos meios virtuais. Irrrompem assim uma verdadeira globalização da cultura de fã e o compartilhamento das mais diferentes formas do ser fã.

Com efeito, as *fanfics* assumem hoje as mais diferentes características e gêneros passeando pela comédia, o terror, o romance ou mesmo as misturas de vários deles. Passa-se assim por uma mutabilidade que faz com que surjam diferentes dicionários com as tipologias, os distintos elementos e as nomenclaturas recebidas para cada situação. Neste trabalho não abordarei todos esses elementos, entretanto é importante salientar uma das principais características intrínsecas as *fanfics*: todas elas partem de, pelo menos, um elemento cultural; seja esse livros, cantores, atores, bandas ou até as mesclas de vários universos, uma vez que uma pessoa pode participar de mais de um *fandom*. A escrita também pode ocorrer de forma participativa, não sendo difícil encontrar histórias com mais de um autor.

SUMÁRIO

A análise da escrita de *fanfictions* como uma manifestação de literatura marginal demanda uma exploração aprofundada das características intrínsecas que conferem a essa prática sua natureza periférica. As *fanfics*, predominantemente ancoradas em universos ficcionais preexistentes, representam uma forma de expressão que, por sua própria essência, desafia as estruturas literárias convencionais, emergindo como uma escrita que se situa à margem dos cânones estabelecidos. Este fenômeno literário contemporâneo, embora frequentemente marginalizado em discursos acadêmicos tradicionais, merece uma análise crítica devido à sua capacidade de subverter as normas, deslocar fronteiras autorais e oferecer espaço para vozes que, de outra forma, seriam silenciadas (Jenkins, 2010).

A partir de Spivak (2010) pode-se afirmar que a marginalidade inerente às *fanfictions* não se restringe meramente à sua condição de ser derivada de obras preexistentes, mas transcende para a própria natureza descentralizada e participativa da prática. Ao permitir que uma audiência diversificada intervenha e reinterprete narrativas já existentes, as *fanfics* desafiam o modelo tradicional de autoria singular, inserindo-se em um domínio onde as vozes coletivas convergem para a criação colaborativa de novas narrativas. Este processo de escrita colaborativa não apenas desconstrói hierarquias autorais, mas também reconfigura a própria concepção de autoria, situando-se em desacordo com as normas literárias que historicamente restringiram a produção textual a indivíduos isolados.

A escrita de *fanfictions*, ao se apropriar de universos ficcionais pré-estabelecidos, desafia a noção de originalidade que permeia as normas literárias. Este desafio não se limita à mera recriação de personagens e enredos; ele se estende à reinterpretação e expansão desses elementos de maneiras que frequentemente desafiam as intenções originais dos criadores. A escrita marginal das *fanfics*, assim, não apenas questiona a autoridade singular da obra original, mas também amplifica as possibilidades interpretativas e as múltiplas perspectivas que podem ser incorporadas na reescrita ficcional (Spivak, 2010).

SUMÁRIO

Ademais, as *fanfictions* operam em uma esfera de recepção pública que, muitas vezes, não é devidamente reconhecida nos círculos literários convencionais. Essas narrativas não oficiais, compartilhadas e discutidas em comunidades online, escapam ao escopo tradicional de publicação e distribuição, permanecendo à margem dos canais literários mainstream. A marginalidade aqui reside não apenas na origem e na natureza da escrita, mas também na sua disseminação descentralizada e na falta de validação institucional, restringindo seu acesso a um público mais amplo (Murakami, 2016).

Em última análise, a escrita de *fanfictions* é uma prática marginal devido à sua natureza descentralizada, participativa e desafiadora das normas literárias. Este fenômeno literário contemporâneo transcende a simples recriação de mundos ficcionais, operando como uma expressão coletiva que contesta a autoria singular, questiona os limites da originalidade e, ao mesmo tempo, oferece espaço para vozes subalternas se expressarem em um contexto literário mais amplo. Assim, ao explorar as intrincadas razões que tornam as *fanfictions* uma escrita marginal, é possível lançar luz sobre as complexas dinâmicas que permeiam a produção literária contemporânea (Jenkins, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a análise da prática de escrever *fanfictions*, inserida na dinâmica da literatura marginal, oferece uma perspectiva intrigante sobre os paradigmas contemporâneos da autoria, conectando-se de maneira intrínseca com a crítica pós-colonial e as leituras contemporâneas. Ao desafiar a concepção tradicional de autoria singular, as *fanfictions* revelam-se como um fenômeno literário que transcende os limites impostos pela hegemonia literária, proporcionando um espaço propício para a manifestação de vozes

subalternas. A reinterpretação criativa de universos ficcionais preexistentes não apenas desconstrói as normas literárias estabelecidas, mas também enfatiza a capacidade das *fanfictions* em oferecer uma plataforma inclusiva para grupos historicamente marginalizados.

A interseção entre a escrita de *fanfics*, a crítica pós-colonial e as leituras contemporâneas evidencia-se na capacidade dessas narrativas de romper com os estereótipos e as narrativas hegemônicas, permitindo que vozes silenciadas encontrem expressão autêntica. A prática de recriar, subverter e expandir narrativas preexistentes não só desafia a noção de autoria singular, mas também desestrutura as normas literárias tradicionais. Nesse contexto, as *fanfictions* operam como um espaço de resistência que promove a diversidade de perspectivas e questiona as estruturas que historicamente perpetuaram a marginalização literária.

Quanto ao papel do intelectual na contemporaneidade, a análise das *fanfictions* destaca a responsabilidade de engajar-se de forma significativa com essas manifestações literárias. Ao reconhecer a potencialidade das *fanfictions* em proporcionar voz ao subalterno, o intelectual contemporâneo é desafiado a superar barreiras convencionais, promovendo diálogos inclusivos e contribuindo para a desconstrução das hierarquias no campo literário. A crítica pós-colonial, ao questionar as estruturas de poder, instiga o intelectual a assumir uma postura reflexiva e ativa diante das vozes marginalizadas presentes nas *fanfictions*, consolidando um papel transformador na construção de uma literatura mais plural e representativa.

Concluindo, este estudo oferece uma contribuição significativa para a comunidade acadêmica ao proporcionar uma compreensão mais profunda das interconexões entre autoria contemporânea, crítica pós-colonial e as leituras contemporâneas através da lente das *fanfictions*. Ao desvelar as complexas dinâmicas entre esses elementos, este trabalho não apenas amplia o entendimento sobre as práticas de escrita marginal, mas também estimula discussões

cruciais sobre a democratização da autoria, a representação literária e a inclusão de vozes historicamente negligenciadas. Sugerindo uma nova linha de pesquisa, recomenda-se a investigação mais aprofundada sobre como as *fanfictions* podem influenciar e moldar as narrativas culturais contemporâneas, examinando seu impacto além do campo literário e explorando suas implicações nas esferas sociais e políticas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. Seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. Tradução de Juba Elisabeth Levy... [et al.]. — São Paulo Paz e Terra, 2002.

ALMEIDA, Júlia. **Perspectivas pós-colônias em diálogo**. In: ALMEIDA, Júlia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; GOMES, Heloisa Toller. (Orgs). *Crítica pós-colonial. Panorama de leituras contemporâneas*. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2013.

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. **"Quando o subalterno fala: especulações sobre a razão pós-colonial"**. In: ALMEIDA, Júlia; MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia; GOMES, Heloisa Toller. (Orgs). *Crítica pós-colonial. Panorama de leituras contemporâneas*. Rio de Janeiro: 7Letras/FAPERJ, 2013.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BHABHA, Homi K. Disseminação. **O tempo, a narrativa e as margens da nação moderna**. In: *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FOUCAULT, Michel. O que é um autor. In: **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema. Coleção Ditos & Escritos III. Manoel Barros da Motta**. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

HALL, Stuart. **Quando foi o pós-colonial?** Pensando no limite. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.

JENKINS, Henry. **Piratas de textos:** Fans, cultura participativa y televisión. Traucción de Alicia Capel Tatjer. 1ª ed. septiembre 2010.

LUDMER, Josefina. **Literaturas pós-autônomas.** Aqui América Latina. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

MURAKAMI, Raquel Yukie. **O ficwriter e o campo da fanfiction:** reflexão sobre uma forma de escrita contemporânea. Dissertação - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas -(Universidade de São Paulo), 2016.

NEVES, André de Jesus. **A Literatura Marginal na Internet:** O Fenômeno Fanfiction como instrumento de Disseminação e Divulgação das/nas Margens. A invasão da cultura nos estudos de língua e literatura - Vol. 1, n. 1, jan./jun. 2011 (pg. 158 À 172).

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

SUMÁRIO

2

Hilvany Lannay Silva Araújo

**REFLEXÕES SOBRE
ESCRITA E PODER
A PARTIR DA ANÁLISE
DO ROMANCE *CIRCE*,
DE MADELINE MILLER**

SUMÁRIO

RESUMO:

Circe é um romance, escrito por Madeline Miller, baseado na mitologia da feiticeira/bruxa Circe, filha do titã Hélio com uma náiade, chamada Perseis. A autora promove uma releitura da personagem que surgiu na literatura pela primeira vez em *Odisseia*, de Homero. Miller apresenta a história da vida de Circe, permitindo ao leitor uma perspectiva mais ampla dos acontecimentos a respeito da personagem, porém, intimista, uma vez que a narrativa transcorre em primeira pessoa. Os pressupostos teóricos apresentados neste trabalho propiciam uma discussão a respeito da importância social e política daquele que escreve, Gayatri Spivak (2010), Sandra Regina Goulart Almeida (2013) e com base nas teorias do feminismo, tais como os escritos de Judith Butler (1990), Heleieth Saffioti (2004) e Simone Beauvoir (1970), o trabalho analisa a representação da figura feminina, partindo de como a autora dialoga e revisa a personagem Circe rompendo com os estereótipos acerca da feminilidade engendrada pela literatura tradicional ocidental.

PALAVRAS-CHAVE:

Feminismo; Circe; Mitologia; Literatura; Poder.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura no Ocidente, durante muitos séculos, não foi um espaço plural, uma vez que as narrativas favoreciam a naturalização dos papéis de gênero convencionados socialmente, pois eram escritas a partir de uma vivência majoritariamente masculina. Historicamente, a literatura ocidental reforça papéis de gênero que subalternizam a figura feminina. Conforme Carola (2006), tanto na tradição grega quanto na judaico-cristã a representação do feminino está intrinsecamente ligada aos adjetivos ruins e inferiores:

A representação do feminino como símbolo do mal está bem caracterizada nas duas principais tradições do mundo ocidental. [...] e tanto no mito grego de Hesíodo, como na narrativa do gênesis da bíblia cristã, a mulher é associada ao mal, com a diferença de que Pandora foi intencionalmente criada para trazer o mal e Eva foi criada para ser “ajudante” de Adão. Ambas foram pensadas e criadas em função do homem, a primeira para ser uma carga tal como um zangão e a segunda para ser o complemento do homem, fazendo-o feliz. (Carola, 2006, p. 25)

A discussão sobre gênero, bem como a problematização das categorias de gênero, é relativamente recente, pois falar sobre isso era visto como uma “dor de cabeça” que deveria ser evitada:

Os debates feministas contemporâneos sobre os significados do conceito de gênero levam repetidamente a uma certa sensação de problema, como se sua indeterminação pudesse culminar finalmente num fracasso do feminismo (Butler, 2022, p. 7).

Dessa forma, a escrita de mulheres na literatura foi importante para, paulatinamente, inserir reflexões a respeito do feminino que outrora foi apenas concebido como um conceito determinado e taxado de estereótipos. Butler (2022), aponta que o sujeito mulher é presumido como estável pelo patriarcado, que dita um modelo ideal

do que é ser mulher, buscando, dessa maneira, manter algum controle sobre os corpos femininos.

A partir de então, passou-se a ter espaço para que mulheres dedicassem suas pesquisas e escritos ao desenvolvimento da vida da mulher em sociedade e às várias violências que vieram com o surgimento/progresso do capitalismo e a divisão sexual do trabalho. Afirma Federici (2023) que os corpos femininos eram explorados não somente para o trabalho em minas e fábricas, mas também para gerar novos trabalhadores e tal fato foi primordial para acumulação primitiva de capital.

Dessa maneira, a escrita de mulheres na literatura foi importante para, paulatinamente, inserir reflexões a respeito do feminino que outrora foi apenas concebido como um conceito determinado e taxado de estereótipos. Butler (2022), aponta que o sujeito mulher é presumido como estável pelo patriarcado, que dita um modelo ideal do que é ser mulher, para, dessa maneira, manter algum controle sobre os corpos femininos.

Nos romances, em que há protagonistas mulheres, escritas por mulheres, há uma abordagem mais atenta e menos generalizada sobre a existência feminina e, sobretudo, um entendimento de que não são seres estáveis, os quais seguem um modelo de comportamento, tampouco permanentes. Tais características são notórias na personagem Circe, uma vez que podemos acompanhá-la desde o nascimento até sua fase adulta, conhecendo, assim, inúmeras facetas da personagem, as quais podem promover algumas identificações com as leitoras.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A literatura é política e diversa, portanto, concede voz a quem por muito tempo permaneceu relegado ao silêncio, aqueles que

SUMÁRIO

segundo Spivak pertencem “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (p. 12). Dentro desse espectro temos as mulheres que, ao longo da literatura ocidental, foram narradas por homens e, conseqüentemente, correspondiam a um modelo social estratificado.

As teorias de gênero que foram desenvolvidas ao longo da história irão argumentar acerca das dissidências sobre como e o que se conceitua como gênero, sobretudo no que tange às mulheres. Scott (2019) afirma que as relações sociais são interceptadas pelo gênero, uma vez que as diferenças entre os sexos são usadas como justificativa para a não equidade de poder que existe nessas relações.

A autora declara que apesar dessa diferença, as categorias “homem” e “mulher” são indefinidas e flutuantes, pois não há respostas concretas a respeito disso, uma vez que “elas contêm ainda em si definições alternativas negadas ou reprimidas” (SCOTT, 2019, p. 75). Butler (2022) compartilha do mesmo pensamento quando comunica que o gênero é algo inconstante por ir além da oposição do sexo biológico e do contexto cultural:

Se o sexo é, ele próprio uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (Butler, 2022, p. 27).

Há na sociedade o que Simone Beauvoir (1970) denomina de mito da feminilidade, a autora explica que ele é usado para estereotipar

os comportamentos das mulheres e que isso se inicia na infância, visando que a criança cresça de forma a ser moldada para uma vida que escolheram para ela, esses estereótipos, conforme a autora, sempre apontam para um incômodo social que favorece os homens.

Conforme Spivak, a condição de subalterno é imposta ao gênero feminino com maior veemência, visto que a “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (p. 15). Para além da violência física e psicológica, a autora aponta que há também a violência intelectual, chamada de epistêmica, que consiste no silenciamento do subalterno a partir da sua não representação, ou seja, da sua invisibilidade. Pode-se inferir que tal apagamento se reflete na marginalização das mulheres na produção literária dominada por homens. A obra de Madeline Miller se relaciona com os textos teóricos abordados porque reescreve a trajetória de uma das personagens mais emblemáticas da mitologia grega, concedendo, assim, uma oportunidade de conhecê-la à parte da escrita masculina.

A REESCRITA DE *CIRCE*: UMA REPRESENTAÇÃO FEMINISTA

No livro *Circe*, lançado em 2018, Madeline Miller, séculos após a primeira aparição da feiticeira na literatura, rescreve o mito em uma narrativa envolvente que ressignifica a trajetória de uma das bruxas mais temidas pelos homens. A autora nos mostra a vida da personagem em uma narrativa íntima, pois o texto se dá em primeira pessoa, promovendo, assim, uma maior aproximação e possível identificação com os dramas vividos por ela.

Desde que nasceu, Circe tem uma vida pré-determinada e uma identidade particular negada:

SUMÁRIO

Quando nasci, o nome para o que eu era não existia. Chamavam-me de ninfa, supondo que eu seria como minha mãe e tias e milhares de primas. Menores entre as deusas menores, nossos poderes eram tão modestos que mal asseguravam nossa eternidade. Falávamos com peixes e nutríamos flores, extraíamos gotas das nuvens ou sal das ondas. Essa palavra, ninfa, marcava a extensão e a amplitude de nosso futuro. Em nossa língua, significa não apenas deusa, mas também noiva. (Miller, 2022, p. 1)

Entretanto, ao nascer não correspondeu às expectativas dos pais, sendo, portanto, rejeitada por ambos, o deus do sol, Hélios, e a ninfa do oceano Perseis, conseqüentemente, é vista como pária por todos os outros que a cercam. O repúdio da mãe inicia quando percebe que o primeiro filho, na verdade, é uma menina, e a situação piora a partir do momento que é predito o casamento de Circe com um príncipe mortal.

Circe, portanto, tem sua vida determinada pelo seu sexo e, por essa razão, também é vista como um objeto de troca, em que os passos que deve seguir já foram traçados, sem considerar seu consentimento, por um sistema patriarcal que dita, desde o ventre, o caminho que a mulher deve percorrer e o lugar que deve ocupar na sociedade. Conforme Beauvoir, quando duas categorias humanas coexistem, em que uma delas é privilegiada, há uma relação de dominador e dominado, em que vários subterfúgios são realizados para a manutenção dessa opressão, “compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher” (Beauvoir, 1970, p. 81).

Em *Odisseia*, poema épico de autoria atribuída a Homero e em que Circe surgiu pela primeira vez, narra a história de Ulisses, um homem que por 10 anos se esforça para retornar à sua terra natal, Ítaca, após a Guerra de Troia, para, então, reencontrar seus familiares e esposa. Entre as muitas aventuras vividas pelo protagonista, a narrada no canto X é que destacamos nesse trabalho por se tratar do encontro de Ulisses com Circe, a feiticeira de “belas tranças” (HOMERO, *Odisseia*, X, 135) que a princípio é vista como

ameaçadora, mas depois se torna amante de Ulisses, ajudando-o na sua trajetória de regresso à Ítaca.

Ao longo da história da literatura ocidental, Circe foi citada em outros poemas, tais como na escrita de Virgílio, em que é descrita como sedutora, mas temida, uma criatura que precisa ser evitada e da qual os navegantes precisam

de proteção para não caírem no “influxo maléfico” dos seus “sortilégios”. A escolha das palavras faz com que Circe possa ser interpretada como uma deusa manipuladora e má. Em Metamorfoses, de Ovídio, o poeta faz um percurso sobre centenas de mitos, dentre eles, está Circe. Nos versos do canto XVIII e XIV do poeta latino, a deusa é descrita como uma feiticeira vingativa que destrói a relação de Glauco e Cila por não ter o amor que sente por Glauco correspondido:

“[...] Para não teres dúvidas e acredites na tua beleza,

*eis-me a mim que, embora deusa e filha
do Sol resplandecente,*

*e tendo tanto poder com as encantações como tenho
com as ervas, desejo ser tua. Despreza quem te despreza,
paga na mesma moeda e, com um único ato, pune
uma e ving a outra.”*

*A esta tentativa de sedução, responde Glauco: “Hão de no
mar nascer árvores e algas nos altos montes*

antes de eu mudar de amores, enquanto Cila viver.”

A deusa foi invadida pela indignação e, uma vez que

*não podia fazer-lhe mal a ele, nem queria, pois que o
amava, dirige a sua ira contra aquela que foi preferida a si*

(Ovídio, Metamorfoses, XIV, 32-42).

Nos versos, Circe soa soberba e infantil por não saber lidar com uma rejeição amorosa, o poeta descreve Circe como uma deusa

mesquinha e cruel, por atacar Cila sem direito de defesa, uma vez que irá envenenar a enseada onde a ninfa frequenta. Quando Ovídio descreve a forma como Circe irá manipular as ervas para se vingar de Cila, escolhe palavras como “funestas”, “temíveis”, “monstruosos”, “venenosas” remetendo sempre a termos com significados negativos para os poderes de Circe:

[...] A deusa começa por degradá-lo, impregnando-o de venenos monstruosos. Espalha seiva de raízes venenosas e,

numa amálgama obscura de palavras incompreensíveis,

recita três vezes nove vezes um encantamento mágico. Cila chega. Tinha submergido até a cintura, quando se apercebe de que as duas partes estão desfiguradas por monstros latrantes (Ovídio, Metamorfoses, XIV, 55-60).

Ovídio também faz referência a Odisseia quando cita que Cila ataca Ulisses e seus tripulantes pelo ódio que alimenta por Circe. Esse intertexto reafirma a importância de Homero para a literatura clássica, pois influenciou a escrita de outros poetas a respeito da mitologia de Circe:

[...] Cila mantém-se no mesmo lugar e, logo que a oportunidade surge, arrebatou a Ulisses os seus companheiros por causa do ódio a Circe. Logo depois, teria submergido as embarcações troianas, se não houvesse sido transformada em rochedo, cuja massa ainda hoje se ergue acima das ondas, que os marinheiros evitam (Ovídio, Metamorfoses, XIV, 69-74).

Voltando-se para a contemporaneidade, temos o romance do autor Rick Riordan, precisamente no segundo volume da série de livros de *Percy Jackson e os Olimpianos*, intitulada *O mar de monstros*, lançado em 2009, livro este em que Circe surge no capítulo doze, momento em que o protagonista, Percy, e seus companheiros, Annabeth e Tyson, se hospedam em um spa e *resort* comandado por Circe, que usava o codinome de “C.C.” O spa e *resort* ficavam em uma

ilha, os personagens, em uma de suas aventuras, estavam à deriva no mar quando avistaram a ilha de Circe:

[...] Mais um minuto e pude distinguir uma ilha com uma pequena montanha no centro, um ajuntamento de prédios de um branco deslumbrante, uma praia pontilhada de palmeiras e um porto cheio de um estranho agrupamento de barcos.

A corrente estava puxando nosso bote na direção daquilo que parecia ser um paraíso tropical (Riordan, 2009, p. 175).

Ao desembarcarem na ilha, foram recebidos por uma moça que logo ofereceu um “emplastro de ervas” para Annabeth e “uma transformação completa” para Percy (p. 176). Adentrando o grande prédio, perceberam peculiaridades, tais como animais selvagens domesticados e apenas mulheres jovens como hóspedes do *resort*. Quando os personagens encontram Circe, a descrição da deusa se assemelha aos poemas gregos e latinos, cabelos trançados, muito bela, cercada de animais:

Sua voz pairava no ar como uma canção de ninar. A letra era alguma língua que não o grego antigo, mas igualmente velha [...] Eu conseguia entender sobre o que era – luar em olivas, as cores da aurora. E magia. Algo sobre magia. A voz parecia me erguer dos degraus e me transportar em sua direção. [...] Estava sentada em frente a um tear do tamanho de uma TV de tela grande, as mãos tecendo fios coloridos [...] A mulher se virou. Era ainda mais bonita que seu tecido. Os longos cabelos escuros estavam trançados com fios de ouro. Tinha olhos verdes penetrantes [...] Os animais da gaiola começaram a guinchar [...] Nos apresentamos a C.C. Ela me examinou com olhar de desaprovção, como se eu não tivesse passado em algum tipo de teste. Eu imediatamente me senti mal. Por alguma razão queria muito agradar àquela moça (Riordan, 2009, p. 178).

Percebe-se que Circe é descrita como bela e sedutora, uma vez que Percy se sente impelido a ir até ela e em querer agradá-la; também é descrita como alguém que tem preferência por mulheres

ao seu redor, tendo em vista as hóspedes do hotel e a forma como reagiu à Percy. Após esse encontro, Circe decide separar os amigos, ficando a sós com Percy decide dissuadi-lo a mudar de aparência, para uma versão mais bonita e forte, ofereceu-lhe, então uma poção mágica:

Ela foi até seu bar e encheu um copo com água. Depois rasgou um pacote de bebida em pó e despejou um pouco de pó vermelho. A mistura começou a brilhar. Depois que o brilho se extinguiu, a bebida parecia um milk-shake de morango. [...] C.C sorriu e me entregou o copo. Levei-o aos lábios. [...] Quase imediatamente uma sensação calorosa se espalhou pelo meu estômago: agradável no início, depois dolorosamente quente [...] vi minhas mãos murchando, se encurvando, enquanto cresciam garras compridas e delicadas. Pelos brotaram em meu rosto [...] Minhas roupas estavam ficando grandes demais – não, eu estava encolhendo (Riordan, 2009, p. 182).

Circe, no romance, mostra-se ser também manipuladora e sarcástica, uma vez que convence os homens, por meio da própria vaidade deles, a tomarem as bebidas mágicas manipuladas por ela, transformando-os em animais. A jaula com animais guinchando notada por Percy no início do capítulo estava repleta de homens, assim como os animais que vira na entrada do spa também o eram. Nessa parte do texto de Riordan, o autor faz um intertexto explícito com o mito de Circe descrito em Odisseia, em que a bruxa era famosa por transformar homens em porcos, pois, assim que transforma Percy, a feiticeira o pega nas mãos e exclama:

Um porquinho-da-índia [...] Os homens são porcos, Percy Jackson. Eu costumava transformá-los em porcos de *verdade*, mas eles eram tão fedidos e grandes, e difíceis de manter... Porquinhos-da-índia são muito convenientes! Agora venha, e conheça os outros homens (Riordan, 2009, p. 182-83).

Riordan escreve uma Circe que é gananciosa por poder e que menospreza por se ressentir dos homens, além de demonstrar

odiá-los independentemente da idade ou das atitudes, sendo homem já basta para decidir castigá-los como animais. A partir das leituras dos poemas épicos, bem como das adaptações modernas de Circe, pode-se perceber que há um discurso que ecoa desde a *Odisseia*, de Homero: a vilanização da personagem feminina. Essa visão antagonizada da mulher advém de uma ideia sobre o feminino que data da Grécia Antiga, pautada em um conhecimento que era dominado por homens; na língua grega, por exemplo, não havia uma palavra para determinar algo que fosse belo e mal ao mesmo tempo, porém, esses dois adjetivos se unem para “dizer aquilo que a mulher é” (Andrade, 2001, p. 52).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Madeline Miller, ao reescrever a história de Circe, ecoa uma voz que há muito havia sido silenciada, faz com que haja, por meio da literatura, uma ruptura do que os homens ditaram, também se utilizando da escrita, a respeito do feminino, com base em expectativas que eles possuíam sobre o comportamento das mulheres. A autora traz, assim, a mitologia grega como alegoria para o mito que circunda a existência da mulher, pois, ao humanizar Circe, promove-a de objeto à mulher, apresentando uma personagem complexa que possui em sua trajetória experiências comuns a várias mulheres, tais como solidão, violência e apagamento. Miller não faz de Circe uma personalidade cruel para ser grandiosa, mas constrói uma personagem cativante por não ser maniqueísta e representar a dualidade que permeia os seres humanos.

A escrita do romance pode permitir às leitoras uma identificação com Circe, pois, pelas mãos de Madeline Miller, tem-se uma personagem cativante que pode levar com que mulheres se enxerguem nas atitudes e situações vividas pela protagonista, por todas as vezes em que a sociedade fez com que essas mulheres

se sentissem deslocadas e perdidas por não corresponderem a um modelo de feminino escrito e reescrito durante séculos por homens na literatura ocidental.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Marta Mega de. **A Cidade das Mulheres: cidadania e alteridade feminina na Atenas clássica**. Rio de Janeiro: LHIA, 2001.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo, fatos e mitos**. São Paulo, Difusão Européia do livro, 4ª edição, [1949], 1970.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, [1990], 2022.

CAROLA, Carlos Renato. **Pandora, Eva e Sofia: a naturalização da desigualdade de gênero na história do pensamento ocidental**. 2006.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço; introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, [2011], 2022.

MILLER, Madeline. **Circe**. São Paulo, Planeta, 2ª edição, [2018], 2022.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. Apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.

RIORDAN, Rick. **Percy Jackson & Os Olimpianos – O Mar de Monstros**. Intrínseca, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo, [2004], 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-77.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. 1ª edição. Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2016.

3

Luany Araujo Pinho

ENTRE FICÇÃO E REALIDADE:

A REPRESENTAÇÃO
DA EXPLORAÇÃO SEXUAL
INFANTIL EM *PSS/CA*

SUMÁRIO

RESUMO:

Este estudo visa compreender como a exploração sexual infantil é representada na narrativa do romance *noir Pssica*, de Edyr Augusto. Para alcançar esse objetivo, destacamos a forma como a obra traduz, do ponto de vista estético, discursivo e narrativo, essa questão social ambientada em cidades paraenses e na capital do país vizinho, Guiana Francesa. Nesse sentido, nossa proposta é analisar trechos da obra para examinar o diálogo estabelecido entre a literatura e o contexto social amazônico, atravessando temas como o tráfico humano para fins de exploração sexual, a corrupção política e policial, a pobreza e a criminalidade, especialmente relacionada ao consumo de drogas e à prática ilegal do garimpo.

PALAVRAS-CHAVE:

Representação; Exploração sexual infantil; Romance *noir*.

INTRODUÇÃO

Um dos temas mais delicados que afeta o Brasil, causando constrangimento tanto na sociedade brasileira quanto no cenário internacional, é a presença da exploração infantil. Apesar de todos os esforços do Estado para enfrentar esse problema, persiste uma realidade hostil para muitas crianças, especialmente meninas, nas regiões mais carentes do país. De acordo o Unicef³, a cada 24 horas, 320 crianças e adolescentes são explorados no país, sem contar que apenas 7 em cada 100 casos são denunciados, conforme dados divulgados em 2023 no site da instituição.

Em linhas gerais, a exploração sexual infantil caracteriza-se pela violência sexual de crianças que, devido a diversos fatores, como a condição de pobreza ou a ausência de apoio social e psicológico, acabam em situações vulneráveis. Desse modo, essas crianças tornam-se alvo de adultos que as aliciam, aproveitando-se de sua fragilidade. Esses adultos, por vezes, buscam por prazer sexual de maneira fácil e barata, enquanto em outros casos visam lucrar corrompendo os menores e introduzindo-os no mercado da prostituição.

No tocante ao tráfico de pessoas, esse é considerado o terceiro negócio ilícito mais rentável do mundo, depois das drogas e das armas. O Conselho Nacional da Justiça (CNJ) divulgou dados da ONU de que “o tráfico de pessoas movimenta anualmente 32 bilhões de dólares em todo o mundo. Desse valor, 85% provêm da exploração sexual.”⁴ Essa prática tem como principais vítimas mulheres, crianças e adolescentes, sendo os países mais vulneráveis aqueles marcados

3 O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) recebeu da Assembleia Geral da ONU o mandato de defender e proteger os direitos de crianças e adolescentes, ajudar a atender suas necessidades básicas e criar oportunidades para que alcancem seu pleno potencial. O UNICEF é guiado pela Convenção sobre os Direitos da Criança e é o principal defensor global de meninas e meninos.

4 <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/trabalho-escravo-e-trafico-de-pessoas/trafico-de-pessoas/>

pela pobreza. O Brasil, por sua vez, destaca-se entre os dez países com mais vítimas do tráfico internacional de pessoas (Novo, 2018).

Na literatura, esse fenômeno social é frequentemente abordado de maneiras diversas, revelando não apenas as realidades cruas desse tipo de violência sexual, mas também as complexidades psicológicas, sociais e culturais que a cercam. No contexto do romance *Pssica*, somos convidados a mergulhar em um universo ficcional onde a representação da exploração infantil assume forma intrigante e desafiadora. O próprio nome da obra traz uma perspectiva de cenas trágicas que o leitor já deve esperar antes de fazer a leitura, já que se trata de uma expressão cujo sentido usado pela população paraense significa má-sorte, azar ou desejo de agouro a uma pessoa.

Pssica não se limita a seguir os padrões associados ao contexto cultural, já que o desafia ao apresentar personagens que não se encaixam nos papéis estereotipados esperados para eles, além de proporcionar uma oportunidade única para explorar as nuances da experiência de crianças e adolescentes envolvidos na exploração sexual. Este artigo busca, pois, desvendar as representações da exploração sexual infanto-juvenil desta obra, desafiando-nos a questionar preconceitos arraigados e a considerar as múltiplas dimensões que envolvem essa prática. Ao examinar a interseção entre realidade e ficção na construção narrativa de *Pssica*, pretendemos lançar luz sobre como a literatura pode servir como uma lente crítica para compreender e questionar as complexidades sociais que permeiam a vida das crianças e adolescentes traficadas para fins sexuais no contexto da região amazônica.

Ao longo deste artigo, exploraremos as escolhas narrativas, os simbolismos e as interpretações que *Pssica* oferece, buscando desvendar a representação da exploração sexual infantil como um fenômeno cultural profundamente entrelaçado com questões de poder, identidade e resistência na Amazônia. Através dessa análise, esperamos proporcionar uma compreensão mais rica e matizada dessa

representação na obra, contribuindo para um diálogo amplo sobre as diversas facetas dessa prática criminosa no drama vivido pelas personagens e, por extensão, o seu impacto na sociedade retratada.

RECONHECENDO O GÊNERO E O ENREDO DA OBRA

Embora outros trabalhos acadêmicos que já buscaram analisar *Pssica* a conceberam como um romance policial, nesse estudo acompanho a compreensão da sinopse da obra ao classificá-la como um romance *noir*,⁵ ou romance negro, que se institui como uma variação do primeiro. Isto posto que esse subgênero se caracteriza por apresentar histórias que misturam terror, mistério e elementos policiais, detetives e investigações que ultrapassam os conhecimentos de investigação criminal. Além disso, sua denominação deriva do cenário predominante, muitas vezes ambientado durante a noite, em bares, ruas desoladas e casas impregnadas de atmosfera sombria.

Os ambientes retratados em *Pssica* são as ruas, casas, bordéis, espaços escuros de uma Kombi, transportes fluviais, onde geralmente ocorrem as barbáries da narrativa, não escolhendo hora para acontecer. Conforme o prefácio de Daniel Galera, temos na obra de Edyr Augusto uma narrativa que dá conta da violência e miséria como representação da literatura brasileira, seguindo os passos dos consagrados Rubem Fonseca, com o conto *Feliz Ano Novo*, e Paulo Linz, com o romance *Cidade de Deus*. A presente obra analisada tem como estética o choque como um fim em si mesmo, apresentando uma narrativa composta por episódios terríveis em frases curtas e aceleradas.

5 O gênero nasceu nos Estados Unidos pouco depois da Primeira Grande Guerra, em publicações baratas chamadas revistas pulp. Nomes como Raymond Chandler, Dashiell Hammett e James M. Cain escreveram histórias *noir* que permanecem até hoje com sucesso entre as listas de livros mais procurados. Fonte de pesquisa: <http://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/o-que-e-literatura-noir/>

SUMÁRIO

Desse horror acelerado ao máximo brota uma estranha poesia. Isso ocorre, talvez, porque o motor do texto é silencioso e eficiente. Os personagens, entre eles um imigrante angolano que busca vingar o assassinato da esposa e um garoto que assume uma operação de roubo de cargas nos rios sem lei do Pará, nunca deixam de ter uma desejável ambiguidade (Galera in Augusto, 2015).

Se a literatura *noir* é conhecida por suas tramas envolventes e personagens complexos, muitas vezes envolvendo anti-heróis e protagonistas moralmente ambíguos, a obra de Edyr Augusto também apresenta vítimas e vilões que “se confundem à medida que suas paixões, sofrimentos e crueldades convergem para uma série de acertos de contas, desencontros, fins abruptos” (*Ibidem*, p. 1).

A trama de *Pssica* (2015), escrita por Edyr Augusto, retrata a história de Janalice, uma adolescente de quatorze anos que enfrenta sérios desafios após ter sua intimidade com o namorado Fenque exposta em um vídeo que circula nos celulares da sala de aula. Ao ser expulsa de casa pelos pais, a protagonista é rejeitada pelo namorado e mandada para morar com a tia Daiane e o namorado Célio.

Janalice tem catorze anos. Em casa, a mãe chora. Grita. Estapeia. Rasga suas roupas. Entra o pai, com a farda de cobrador de ônibus. Tira o cinto. Espanca. Expulsa de casa. Ela sai chorando pela rua. Em uma esquina, Fenque está com os amigos. Ela chega e pede ajuda. Ele a trata mal. Ri de sua cara. Os amigos também. Ela cobra. Ele dá um tapa. Sai fora. Janalice se tranca em seu quarto. À noite, o pai volta. Está decidido. Vai morar com a tia por uns tempos. Não quero ver mais a tua cara. Piranha. Foi pra isso que eu te criei? A princesinha da casa? Nem me olha que eu te dou outro tabefe (Augusto, 2015, p. 7-8).

Daí então Janalice é exposta a toda desgraça, violência ou “pssica” a qual uma mulher poderia suportar ao longo da vida. Na casa da tia, a jovem é molestada e agredida por Célio. A protagonista é exposta ao ambiente das ruas, no centro de Belém, onde conhece Dionete e seu amante que a fazem experimentar o crack. A partir

da interferência dessa dupla, a menina é sequestrada e colocada a serviço de uma rede de exploração sexual e escravidão.

Uma Kombi com vidros negros encosta. O coroa e Dionete a seguram pelos braços. Abrem a porta. Ela está dentro da Kombi. O que é isso? Leva um murrão nos seios e cai. Alguém diz: Valeu! O carro arranca, balançando nos buracos. O que é isso? Um chute na bunda. Cala a boca. Mas. Cala a boca, caralho! Não dava pra ver pelos vidros aonde estava indo. Fechou os olhos, se encolheu e chorou (Augusto, 2015, p. 12).

À medida que a narrativa se desenrola, surge a figura de um detetive, incumbido da missão de conduzir a investigação com o objetivo de desvendar o enigma e capturar o responsável pelo sequestro. Esse detetive em questão é Amadeu, delegado aposentado. Ao tomar conhecimento dos sequestros que assolam a capital paraense e incapaz de se afastar do campo da investigação, Amadeu decide empreender esforços para resgatar Janalice, atendendo ao pedido de seu pai, um amigo de longa data.

Amadeu andou por Ó de Almeida, Presidente Vargas, Aristides Lobo, Manoel Barata, Riachuelo, Frei Gil e Primeiro de Março. Conferindo. Ninguém sabia de nada. Nunca tinham visto. Com uma foto. Foi nos camelôs. Esse brinco foi comprado aqui? E essa menina, conhece? Não. Aqui? Não sei, não, doutor. É tanta gente que vem aqui. Será que não sabem, mesmo? Bom, ela circulou poucos dias, pode não ter dado para notar. Encostou na banca do Alvino, na praça da República. Viram essa garota por aqui? Não sei. Parece que sim (Augusto, 2015, p. 20).

O drama da protagonista Janalice se entrelaça com o de Manoel Coutinho, também conhecido como “Portuga”, um imigrante angolano que busca vingar a morte de sua jovem esposa, assassinada em um trágico assalto por “ratos-d’água”. Além disso, a história também aborda a jornada de Préa, um garoto que assume a liderança de um bando criminoso na ilha de Marajó, após o brutal assassinato de seu pai. Tanto Portuga quanto Préa se apaixonam à primeira vista por Janalice e dedicam esforços incansáveis para resgatá-la.

Tais elementos da narrativa analisada coincidem com a descrição apontada por Boileau-Narcejac (1991) ao referir-se à América como terreno propício para o surgimento do *noir*, que, por sua vez, se utiliza da violência presente no romance policial para se constituir, tendo nas cidades modernas o *locus* perfeito para o caótico, aterrorizador e sangrento.

Com o crescimento das cidades norte-americanas, prosperaram todos os tipos de vícios sociais, tais como a prostituição, os jogos, as drogas, as extorsões. Mais ainda, há a política que, num espaço corrupto, também assim se torna. Sendo assim, é possível manipular os eleitores pela ameaça, pelo terror e pelo dinheiro. Por esse expediente, o poder pertence ao mais forte. Assim temos o poder centrado nas mãos do submundo, a lei controlada por grupos corrompidos (Boileau-Narcejac, 1991, p. 19).

Na trama de *Pssica*, além do narrador onisciente, também há espaço para as vozes das personagens se expressarem, especialmente por meio do uso de gírias, palavrões e da quebra das barreiras entre linguagem falada e escrita. O ritmo alucinante que permeia a narrativa completa de maneira coesa a representação da violência brutal que caracteriza o universo do crime, da prostituição e do tráfico. Neste estudo, propus fazer um recorte da representação de um tipo de violência em específico contida na obra augustiana: a exploração sexual de crianças e adolescentes, tema central da história e circundante no drama do sequestro de Janalice.

REPRESENTAÇÃO DA EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTIL EM *PSSICA*

Em *Pssica*, Edyr Augusto aborda a temática da exploração infantil de maneira franca, estabelecendo linhas tênues entre ficção e realidade. Essa abordagem cria intencionalmente uma relação

SUMÁRIO

dicotômica entre literatura e notícia, explorando os limites entre o universo literário e as narrativas baseadas em fatos reais. O estilo literário augustiano destaca-se pelas variações diatópicas e diafásicas da língua, enquanto os espaços narrativos são descritos de maneira desprovida de artifícios, proporcionando uma representação crua e autêntica. Os traumas das personagens ocupam uma parcela significativa do enredo, conferindo profundidade emocional à narrativa.

A tragédia na realidade amazônica se intensifica através do tráfico infantil para exploração sexual, tornando-se uma extensão da riqueza obtida com a degradação da terra. Sob a égide da exploração, a vida humana perde seu valor nos recantos sombrios dos garimpos clandestinos. Desse modo, Belém se torna o palco de uma violência que destoa da exuberância da natureza.

Este cenário sugere uma beleza que contradiz a exploração humana representada em *Pssica*, que se concentra em um plano mimético voltado para os elementos mais verossímeis da injustiça como referência dessa realidade. Assim, a narrativa conduz o leitor a fatos que aparentemente se relacionam apenas com as grandes metrópoles do Sudeste, revelando outra face do país que difere da idealização de uma Amazônia como paraíso natural e a aproxima do cotidiano violento das grandes cidades brasileiras.

Ao buscar entender a literatura como forma de representação, Regina Dalcastagnè (2002) problematiza a representatividade dos grupos sociais marginalizados, buscando pontuar qual o lugar de fala do escritor - a quem Barthes considerava como "o que fala no lugar de outro" - para entender "quem é, afinal, esse outro, que posição lhe é reservada na sociedade, e o que seu silêncio esconde" (p. 33). Assim, a autora participa de um movimento político de crítica e legitimação na representação literária, inserindo-se no crescente debate sobre o espaço ocupado por grupos marginalizados na literatura.

SUMÁRIO

Segundo Dalcastagnè, esses grupos marginalizados carregam uma identidade coletiva desvalorizada pela cultura dominante e incluem pessoas definidas por “sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério” (p. 33 e 34). No contexto literário, o silêncio dessas vozes marginalizadas é substituído por outras que buscam falar em nome delas, ressaltando a importância da representação dessas identidades na produção cultural.

Desse modo, é visto em *Pssica* que a protagonista Janalice pode ser enquadrada nesse grupo marginalizado em pelo menos dois critérios enunciados por Dalcastagnè: o fato de ser do sexo feminino e em se tratando de uma escrava sexual. Quanto ao autor, há questões de legitimidade e autoridade na representação de sua produção literária que merecem ser discutidas. Antes, pois, vale lembrar que Edyr Augusto Proença⁶ é jornalista e escritor paraense, já tendo publicado vários livros, todos com uma temática regional. São eles: *Os éguas* (1998), *Moscow* (2001), *Casa de caba* (2004), *Um sol para cada um* (2008), *Selva concreta* (2014), *Pssica* (2015), *Belhell* (2020) e *Eu já morri* (2022).

Partindo das reflexões de Dalcastagnè (2002) de que “quando o ‘outro’ a ser traduzido for o operário, a empregada doméstica, o malandro do morro, o ladrão ou o traficante, a prostituta ou o menino de rua, seres urbanos que estão sempre *do lado de lá* de nossa existência de classe média”, e ao constatar que Edyr Augusto é um homem intelectual de classe média, “autorizado” a falar dos marginalizados, transformando-os em personagens (e até em narradores) de seus textos, é possível notar desde logo o exótico presente em suas obras, ainda que de forma sutil, ao entender o exotismo como

um “meio através do qual se pode operar, graças à tomada em consideração da existência – e, por vezes, da irrupção

– de outro, um conhecimento de si e, ao mesmo tempo, uma questionação do saber etnocêntrico. No entanto, não vai, por esse facto, conduzir a um conhecimento do outro". Uma vez que a existência do outro está sujeita à vontade de um observador, sem a qual não chegaria até nós, esse outro "não existe senão em função da sociedade, das nossas preocupações, dos nossos fantasmas" (Mouralis, 1982, p. 110, *apud* Dalcastagnè, 2002, p. 41).

Edyr Augusto é direto e adota o cinismo como seu estilo característico, concedendo-lhe a autorização para zombar de cada personagem na narrativa de *Pssica*. Essas personagens alternam entre ingenuidade e perversidade, muitas vezes incorporando ambas as características simultaneamente. Presos em suas obsessões, oscilando entre aspirações depravadas e uma existência medíocre, elas percorrem as páginas do livro impregnadas de violência. Para Schoolhammer (2013), a violência emerge como uma chave para a compreensão da cultura, revelando-se como um dos alicerces fundamentais da própria estrutura social:

Para Schoolhammer (2013), a literatura faz mais do que representar a violência, já que esta atua como uma chave interpretativa da cultura e estrutura social, oferecendo uma abordagem que transcende a representação factual disponível em discursos jornalísticos, históricos ou das ciências sociais. A literatura, ao tratar da "violência como tema e matéria-prima" (p. 108), adentra aspectos da violência que escapam a outras representações, explorando seu "elemento produtivo e catalisador" (*Ibidem*) e, assim, tornando-a uma forma de comunicação essencial.

Os parágrafos breves da obra em questão entrelaçam as vozes do narrador e das personagens, eliminando a necessidade de contextualização para situar as figuras dentro de seu espectro social. A habilidade primordial de Edyr Augusto reside na manipulação eficaz dos diferentes códigos sociais, em que a escolha de alguns adjetivos, as ações minuciosamente descritas e o uso de gírias permitem ao leitor identificar a posição social das personagens.

SUMÁRIO

Ao utilizar a figura de linguagem da hipotipose, o autor constrói cenas vívidas e impactantes. Além disso, expressões como 'tu és minha' e 'senhor do lugar' funcionam como metáforas poderosas de posse e domínio, desumanizando a personagem feminina e reafirmando o controle absoluto do agressor sobre o corpo de Janalice. Essas metáforas vão além da mera fala, simbolizando a violência e a brutalidade do sistema patriarcal que permeia a narrativa.

Como se chama? Janalice. Hum, Janalice. Bom, para mim, de hoje em diante, se chamará Jane. Não me faz nenhum mal. Eu não fiz nada. Olhe, eu estava na rua e... Eu sei de tudo. Fica tranquila. De hoje em diante, tu és minha. Não tem ideia da tua sorte. Sorte? Sorte, sim, senhora. Puxa, como é linda, querida. Sabe de uma coisa? Vou te provar agora, viu? Foi tirando as roupas. Janalice pulou da cama. Tentou esconder-se no banheiro. Não tinha porta. Aquele homem foi chegando lentamente. Senhor do lugar. Encolheu-se junto a uma parede. Gritou nome de santos. Dos pais. Ele a levantou, chorando. Aquele cheiro, nunca mais esqueceria. E tinha muita força. Deitou-a no chão e a possuiu violentamente. Serviu-se à vontade. Janalice sentiu dor, humilhação, impotência. Tentou resistir. Fechou os olhos. Pensou no namorado. Nos amigos. Na mãe (Augusto, 2015, p. 27).

Walby (1990), autora de lutas feministas, indica que situações de violência masculina contra a mulher "se configura como relação patriarcal estrutural" ainda vigente na vida contemporânea "num sistema de estruturas no qual o homem domina, oprime e explora as mulheres" (1990, p. 20, *apud* Azevedo, 2017, p. 16). Azevedo ainda explica que "não se trata de violência isolada vista como um problema individual. A violência masculina é presente e se encontra em casos mais extremos como o abuso infantil, o espancamento e também se manifesta através de assédios sexuais e cantadas nas ruas" (*Ibidem*, p. 17).

Tendo em vista a narrativa de *Pssica*, estamos diante da história de uma menina frágil e sonhadora de quatorze anos de idade que

é raptada e explorada sexualmente, restando ao leitor assistir com repulsa a abrupta e assustadora cena de violação do corpo feminino. Vejamos como Spivaki (2010) conclui que a voz da mulher subalterna é silenciada, privada de expressão, no contexto pós-colonial.

No contexto do itinerário obliterado do sujeito subalterno, o caminho da diferença sexual é duplamente obliterado. A questão não é da participação feminina na insurgência ou das regras básicas da divisão sexual do trabalho, pois, em ambos os casos, “há evidências”. É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (Spivaki, p. 57, 2010).

É importante considerar que a prostituição possui características próprias e, quando relativizada, pode abrir espaço para a exploração sexual, o que acaba legitimando violências sexuais. Pinto (2024) observa que o fato de uma mulher ser prostituta não elimina sua condição de vítima de estupro, assim como uma menor de catorze anos, ainda que tenha experiências sexuais, não deve ser automaticamente considerada prostituta, sendo necessário preservar seu estado de vulnerabilidade.

Segundo o autor, ao tratar da prostituição sem especificidades, estereótipos acabam atribuindo ao sujeito características negativas, prejudicando a percepção de suas condutas e subjetividades. No caso da “prostituição infantil”, é evidente que esses contextos e trajetórias são muito distantes das prostitutas adultas. Mesmo que algumas dessas meninas venham a se inserir no mercado sexual no futuro, enquanto menores, elas não fazem essa escolha de forma autônoma, mas são condicionadas pela exposição à pobreza e à violência de homens no contexto em que vivem (Pinto, 2024, p. 18).

Em *Pssíca*, Janalice sofre uma transformação e é relegada ao papel de uma protagonista fracassada diante das crueldades que enfrentou, vitimada por outras personagens. Apesar de seu esforço para superar suas tragédias e fracassos, constantemente se vê derrotada diante dos inimigos. A proliferação de crueldades, conforme apontado por Regina Dalcastagnè, integra a narrativa contemporânea, uma vez que o “espaço da ficção, hoje, é tão ou mais traiçoeiro que o da realidade. Não há a intenção de consolar ninguém, tampouco de estabelecer verdades definitivas ou lições de vida” (2001, p. 116). Evidencia-se que o ponto de vista do narrador busca enquadrar imagens da vida humana marcadas pela negatividade, frustração e pela incapacidade de controlar a própria existência.

A necessidade de denunciar e combater as forças de exclusão e alienação é crucial em um país que, ao longo de sua história, alimentou essas dinâmicas. Ao direcionar o olhar para o passado da região amazônica, torna-se evidente que a exclusão, a exploração e a alienação assumem uma intensidade ainda maior, à medida que a realidade concreta se entrelaça com o hiper-realismo das cenas apresentadas:

As meninas entram em fila, nuas, enfeitadas por colares. Há uma vibração no recinto. Elas param e ficam expostas. Barrão toma a palavra. Meus queridos, elas são suas. Naquela direção, há três quartos com boas camas e muita camisinha. Fodam muito! São meninas novas, com o xiri apertado, cheirando a leite. Algumas ainda são cabaço! (...) Quando Jane entrou naquela sala, um arrepio passou em sua coluna. Sentia como se estivesse em uma jaula de feras famintas, babando por seu corpo. (...) Branquinha, certinha, com seios grandes e uma boceta raspadinha, era o grande troféu da noite. Barrão disse: o nome dela é Jane e, se vocês me permitem, o dono da festa será o primeiro a provar. Depois de mim, façam seus lances. Vamos foder! Está liberado! (Augusto, 2015, p. 60 e 61).

As sucessivas brutalidades vão dismantando a individualidade da jovem; estilisticamente, esse dismantamento se revela no

gradual afastamento do narrador da perspectiva de Janalice. Ao chegar ao final do livro, a subjetividade da personagem torna-se inacessível, principalmente devido aos traumas e agressões que fraturam a adolescente, deixando-a incapaz de recordar seu passado e preservar sua identidade. Jane, a figura desgrenhada e desconhecida abrigada no consulado brasileiro na Guiana Francesa, transforma-se em um espectro, representando apenas vestígios mínimos de Janalice (uma analogia intencional com o processo de exploração da Amazônia).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da problemática da exploração sexual infantil na literatura, representada no romance *Pssica* (2015) de Edyr Augusto, observa-se a correlação entre ficção e realidade. Os eventos narrados, os comportamentos das personagens e os *modus operandi* dos criminosos refletem casos frequentemente divulgados nos noticiários policiais. Esses elementos podem ter sido influenciados pela trajetória jornalística do autor no Estado do Pará, adicionando um componente de veracidade à sua escrita.

Pssica se configura como um romance *noir*, explorando temas relacionados a crimes, mistérios e elementos policiais que ultrapassam os conhecimentos de investigação criminal. Este romance, embora regional, transcende o regionalismo ao não se concentrar nos aspectos místicos das paisagens amazônicas. O autor apresenta, de maneira complexa e plural, uma Amazônia urbana repleta de variedades linguísticas e sociais. *Pssica*, que evoca azar e mau agouro, opta por uma abordagem mais sombria, retratando a região do Pará como um local marcado pela extrema violência, uma paisagem em colapso social, especialmente em Belém e nas cidades do Marajó, onde se desenrola grande parte da narrativa.

No que diz respeito à criminalidade, *Pssica* apresenta cenas impactantes que chocam; no entanto, o discurso inclui denúncias

SUMÁRIO

sobre a realidade contraditória da região metropolitana. A narrativa permite uma compreensão do contexto social, sendo que os personagens e suas falas representam vivências, choques e tensões associadas a um ciclo de criminalidade na região. *Pssica* não se limita ao âmbito literário, também incorpora vozes e eventos que ecoam situações e crimes verídicos. O romance traz personagens complexos inseridos em uma trama intrincada, cujos cenários violentos narrram diversos crimes, centralizando-se na reação, mas aprisionando as personagens em ciclos de azar, dor e angústia. Esse ambiente violento estabelece o tom pesado, inóspito e profundamente problemático na narrativa.

Ao explorar o tráfico humano e o abuso de menores, o romance adota uma abordagem sombria e realista, apresentando esses crimes de maneira “natural”, por vezes truculenta, provocando desconforto e estranhamento no leitor. A obra, segundo o autor, revela-se como uma literatura investigativa, denunciativa e crítica.

Pssica destaca uma série de crimes que ganham vida na trama literária, ao mesmo tempo em que evoca um sentido socioantropológico detalhado sobre as condições dos menos favorecidos nas grandes e pequenas cidades do Pará. Já a personagem Janalice transcende o papel de uma personagem comum, passando a representar inúmeras meninas abusadas, carregando traumas e sequelas incuráveis. Edyr Augusto não suaviza; escreve um romance que impacta profundamente o leitor.

O autor incorpora a denúncia como uma forma de crítica social. Sua escrita serve como um espaço para expressar indignação, questionar e revelar as adversidades que afetam a camada social marginalizada, abordando questões como pobreza, tráfico humano, narcotráfico, corrupção, criminalidade e outros aspectos que impactam as pessoas mais vulneráveis. Os textos augustianos exploram as controvérsias e as forças antagônicas que resultam na marginalização, subalternização e violência contra aqueles que se encontram em situação de marginalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGUSTO, Edyr. **Pssica**. São Paulo: Boitempo. 2015.

AZEVEDO, Fernanda Maria Caldeira de. **O conceito de patriarcado nas análises teóricas das ciências sociais**: uma contribuição feminista. *In*: Revista três pontos. Dossiê Múltiplos olhares sobre gênero. V. 13, n.1, 2018.

BOILEAU-NARCEJAC. **O Romance Policial**. Tradução de Valter Kehdi. São Paulo: Ática, 1991.

DALCASTAGNÈ, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo do Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. *In*: **Diálogos Latinoamericanos**, nº 3. Aarhus, pp. 114-30, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro, Vinhedo: Editora da Uerj, Horizonte, 2012.

LARA, Ana; SILVA, Beatriz; CELES, Emily; et al. **Combate ao abuso e à exploração sexual infantil**. Unicef, 2023. <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/trabalho-escravo-e-trafico-de-pessoas/trafico-de-pessoas/> Acesso em: 6 jan. 2024.

NOVO, Benigno Núñez. **Tráfico internacional de pessoas. Brasil Escola, 2024. Disponível em**: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/imprimir/125015> Acesso em: 7 jan. 2024.

O que é literatura noir? Biblioteca central PUC/RS, 2010. Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/o-que-e-literatura-noir/> Acesso em: 7 jan. 2024.

PINTO, Giuliana Alencar Serra. **A tênue linha entre prostituição e exploração sexual**. Jusbrasil, s.d. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-tenue-linha-entre-prostituicao-e-exploracao-sexual/657925716> Acesso em: 6 jan. 2024.

SCHOOLHAMMER, Karl Erik. **Cena do crime**: violência e realismo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: José Olympio. 340 p. 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 135 p. 2010.

Tráfico de pessoas. Conselho Nacional de Justiça CNJ, s.d. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/trabalho-escravo-e-trafico-de-pessoas/trafico-de-pessoas/> Acesso em: 6 jan. 2024.

4

Dalvina dos Santos da Silva Lima

REGISTRO DO COTIDIANO RORAIMENSE:

**TRAÇOS CULTURAIS, DESAFIOS
SOCIOPOLÍTICOS E CONTEMPORÂNEOS
NA LITERATURA DE NENÊ MACAGGI
E DAVI KOPENAWA**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-310-3,4

SUMÁRIO

RESUMO:

O relato do cotidiano é uma expressão literária que mergulha nas águas profundas e muitas vezes inexploradas da vida, como fala o poeta ao declamar suas insatisfações desmascarando os mendaciosos, com uso corriqueiro de metáforas e sutileza as mazelas humanas. Capturando os matizes que compõem o tecido da existência diária. Ao trazer à tona as experiências nomadologicamente das pessoas, os escritores têm a oportunidade de revelar a complexidade subjacente das interações humanas, os desafios da vida moderna e, por vezes, as riquezas que moldam as identidades locais. Neste contexto, o presente artigo propõe uma reflexão sobre a arte de narrar o mais simplório das ações que ocasionam as mais diversassingularidades, destacando o papel crucial do regionalismo como uma lente através da qual se pode observar os fios que tecem as similaridades culturais de determinadas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE:

Sobrevivência; Natureza; Cultura; Cosmovisão; Cotidiano; Regionalismo.

SUMÁRIO

POSTO DE ATRAÇÃO

*dentro da mata fechada
nos bosques sagrados do nosso chão
homem branco preparou
um posto de atração
panela açúcar facão
pedaço de pano de algodão
machado espelho sabão
e milhares de miçangas bijuterias
bugigangas
de repente
sentimos vergonha das nossas tangas
das coisas das nossas danças*

(Eliakin Rufino, 2011, p. 29)

O regionalismo, enquanto elemento essencial na literatura do cotidiano, oferece um olhar intimista e autêntico sobre as peculiaridades de uma determinada região geográfica. Ao explorar a linguagem, os costumes, as tradições e as relações sociais que caracterizam um local específico, os escritores têm a capacidade de criar uma atmosfera que ressoa com a identidade cultural da comunidade retratada.

Nesse sentido, a literatura se torna uma poderosa ferramenta para preservar e transmitir as nuances de um modo de vida regional. No decorrer deste artigo, examinaremos como escritores têm utilizado o relato do cotidiano como um meio para dar voz às experiências comuns, muitas vezes negligenciadas, e como o regionalismo emerge como um fio condutor, conectando as narrativas à autenticidade cultural. Ao mergulharmos nas obras que abraçam essa abordagem, poderemos desvendar os segredos e a riqueza que se escondem por trás das aparentes banalidades do dia a dia, revelando a extraordinária complexidade do comum.

No debate acadêmico não existe conhecimento estático, pois as reflexões consideradas finalizadas em um período histórico, ganham novos olhares e perspectivas, passando a ser reelaboradas a partir de pontos de vista enriquecidos por novas perspectivas históricas, que vão além das narrativas, consideradas superadas, traçando um novo caminho e possivelmente mudando realidades considerados positivos, como também emblemáticos.

Com a grave crise ambiental de escala global, parte das preocupações artísticas têm se alinhado em torno de uma agenda que se compromete em reverter o caos climático. Nesse ambiente, as manifestações da arte literária roraimense têm refletido essas questões, com destaque para a mobilização artística das tradições indígenas, dentre outros desafios enfrentados na contemporaneidade.

Tudo o que é sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas (Marx e Engels, Manifesto comunista, 1848).

Então a gente vive, acho que cada qual tá seguindo o que acha pra ele melhor (Terêncio Luiz Silva, macuxi, sobre as decisões dos índios).

Essas discussões transcendem as preocupações que tem direcionados encaminhamentos para reverter o apocalipse ou não, o registro do cotidiano roraimense tem evidenciado um reflexo dessa multiplicidade, abrangendo desde a religião até os desafios acadêmicos. Explorando como os aspectos culturais se entrelaçam com as dinâmicas modernas, promovendo uma compreensão mais profunda do modo de vida nessa região singular.

Giorgio Agamben (2007), filósofo italiano contemporâneo, é conhecido por suas contribuições ao campo da filosofia política, teoria crítica e estudos culturais. Seu trabalho abrange uma variedade de temas, incluindo biopolítica, soberania, estado de exceção

SUMÁRIO

e o conceito de “profanação”. Desenvolveu a ideia de profanação em oposição à noção de sacrifício e sacralização. Enquanto o sagrado envolve a separação e a elevação de algo para um status divino, a profanação, segundo Agamben, é a ação de trazer o sagrado de volta ao domínio comum e acessível.

Giorgio Agamben (2007) num dos mais importantes e mais lidos pensadores europeus da atualidade, ao analisar o caos o qual se aproxima a humanidade, deixa uma sugestão com base em suas reflexões para a posteridade, cabe a cada um, escolher ser/fazer ou não ser/fazer, de acordo com suas atitudes, pois tal poder pode salvar ou condenar.

Não pensar somente a relação potência e ato, como também mensurar suas consequências, pois, caso não ocorra acarreta resultados desastrosos, profanações, uma literatura que discute temas e reflexões acerca da necessidade de des-criar, para construir com uma nova chance de encontrar o equilíbrio entre existir e coexistir e seu oposto a extinção, caso alguma atitude enérgica não seja adotada.

A cosmovisão, termo que deriva do grego “kosmos” (mundo) e “vista” (visão), refere-se à forma como uma pessoa ou uma cultura percebe e interpreta o mundo ao seu redor. É um conjunto de crenças fundamentais que moldam a compreensão de uma realidade mais ampla.

Michel Foucault (1996), renomado filósofo e teórico social francês do século XX, apresentou em 1971 a conferência “A Ordem do Discurso”, uma abordagem inovadora sobre o poder e a produção de conhecimento na sociedade, foi um dos pensadores mais influentes na área da teoria social e crítica cultural.

Teoricamente acredita que o ego possui facetas que nos obrigam a irracionalidade, consequentemente desumanizando os seres, sendo esse responsável pelas mais incompreensíveis decisões

que afeta todos ao seu entorno, ele acredita ser esse um campo perigoso, o tão cogitado e muito necessário, o desejo, pois é o responsável direto e indireto pela inquietação social, nos mais diversos segmentos sociais.

Sua abordagem e suas contribuições para a compreensão da sociedade, do poder e da subjetividade trouxeram uma nova perspectiva para a análise da cosmovisão. Suas teorias oportunizaram uma maneira nova de olhar o cosmo, com um posicionamento mais crítico, questionando a própria existência.

Em outra vertente não muito distante uma mulher marca a história com questões semelhantes, "Can the Subaltern Speak?" é um ensaio seminal da teórica pós-colonial Gayatri Chakravorty Spivak, publicado pela primeira vez em 1988, aborda questões complexas relacionadas à representação e agência dos grupos subalternos na sociedade, especialmente nos contextos pós-coloniais.

Se opondo firmemente as teorias de autores que se acham capazes de falar pelo outro, e no lugar do outro, desvelando o que acreditam ser o melhor, para quem de fato é essa visibilidade? Para ela agir dessa maneira não resolve o problema existente, uma vez que esse sujeito continuará sem voz, onde as estruturas de poder e opressão o silenciarão.

Com a sensibilidade de argumentar sobre tais agendas até mesmo por está inserida em outro contexto, é uma das pessoas que cederam sua voz para que outros pudessem ser conhecidos, e até hoje fazem a diferença, enfrentam uma série de desafios sociopolíticos, que têm despertado o interesse de diversos autores nas vastas áreas do conhecimento.

Semelhante abordagem nos faz pensar uma realidade inversa, que para conseguir em meio aos conflitos de sua época, realizar as mais impensáveis façanhas. Stael se colocou diretamente na cova dos leões, para que uma sociedade não deixasse de existir, um tenebroso período da história.

SUMÁRIO

Aliás os movimentos que geograficamente determinaram o mundo como hoje o conhecemos foram determinados por ações consideradas chocantes, não ficando esquecidas por suas extraordinárias descobertas. Sua importância dentro do contexto histórico, no campo da literatura, da filosofia e da tradução, deu a essa escritora francesa, no início do século XX visibilidade, graças as suas grandes obras literárias.

Madame de Staël (2011) explora a literatura do Norte, destacando elementos que distinguem suas peculiaridades, aborda a riqueza da profundidade filosófica dos escritores alemães, e a conexão entre a literatura e a natureza, para os teóricos da Literatura do Meio-dia (Francesa, Italiana, Latina, Espanhola).

Staël examina a elegância e a clareza da expressão literária desses pensadores, bem como a paixão e a emotividade de suas criações, explora as influências históricas e sociais que modificaram essas tradições, como os autores que fizeram parte das diversas fases dos processos que moldaram as características locais, identidades regionais e influenciaram nas relações entre as comunidades.

Os poetas do meio-dia combinam sem parar a imagem do frescor, dos bosques frondosos, dos límpidos riachos com todos os sentimentos da vida. Nem os prazeres do coração eles evocam sem com eles combinar a ideia de sombra benfazeja, que deve protegê-los dos ardores impetuosos do sol. Aquela natureza tão vívida que os rodeia desperta neles mais ações que pensamentos. [...] Os povos do norte se ocupam menos com os prazeres do que com a dor, e sua imaginação por isso é mais fecunda. O espetáculo da natureza age fortemente sobre eles; ela age como se mostra naqueles climas, sempre sombria e nebulosa. Sem dúvida, as diversas circunstâncias da vida podem modificar essa disposição para a melancolia; mas ela detém com exclusividade a marca do espírito nacional (STAËL, Mme de, 2011, p. 82).

SUMÁRIO

Madame de Staël destaca a importância da literatura como uma expressão vital da cultura de uma nação. Ela reconhece as distintas características das literaturas do Norte e do meio-dia, apontando para as diferenças culturais, históricas e linguísticas que moldaram essas tradições literárias. Estabelece a base para uma análise mais profunda das peculiaridades de cada tradição literária.

Buscando estabelecer a relevância do regionalismo na construção da identidade nacional e como ele desempenha um papel crucial na formação da diversidade cultural, incumbindo-se de embates conflitantes que serão analisados com os dados e as evidências de um novo tempo, percorrido pelos teóricos, com questionamentos e ideologias políticas fundamentadas na identidade regional, exaltando o amor pela região, pretendo aprofundar os estudos sobre a literatura desse espaço geográfico, Roraima.

Para tanto, parto de uma perspectiva que concebe a literatura como espelho da sociedade, prática social que oferece uma perspectiva única para compreendermos as complexidades e nuances dos problemas locais, neste contexto, pesquisadores têm explorado em suas obras questões como a preservação cultural, a relação com as comunidades indígenas e os impactos das mudanças ambientais.

Roraima, estado situado na região Norte do Brasil, enfrenta uma série de desafios sociopolíticos que têm despertado o interesse de diversos autores nas vastas áreas do conhecimento, propõe uma análise geocosmopolítica das obras narrativas e destacam as críticas e reflexões sobre os dilemas enfrentados pela sociedade roraimense.

É rico em diversidade cultural, geográfica e étnica e as recentes pesquisas sobre a arte literária têm explorado questões como a preservação cultural, a relação com as comunidades indígenas e os impactos das mudanças ambientais presenciadas e molestada pela humanidade.

Neste texto, exploraremos como os aspectos culturais se entrelaçam com as dinâmicas modernas, promovendo uma

compreensão mais profunda do modo de vida nessa região singular. **A mulher do garimpo** e **A queda do céu** são obras que representam a realidade e a convivência emblemática desses povos, em que a literatura brasileira com muito brio abarca, foi escrita por Nenê Macaggi e Davi Kopenawa, respectivamente, sendo publicadas nos anos de 1970 e 2010.

A elegância e a clareza da expressão literária dos autores bem como a paixão e a emotividade de suas criações, exploram as influências históricas e sociais dessas tradições, por meio dessa visão intrinsecamente alheia e também temerosa a situação no espaço onde a narrativa está se desenvolvendo, corroborando para a desenvoltura argumentativa da trama que trava imbróglio há muito catastrófico.

No outro extremo, mas não muito distante, “Macunaíma” é uma das obras mais emblemáticas da literatura brasileira e foi escrita por Mário de Andrade, sendo publicada em 1928. Este romance modernista é uma das principais obras deste movimento no Brasil, neste enredo o ser singular é caracterizado por sua dualidade, pontos que moldaram suas aventuras na recuperação de seu bem precioso.

Destacando a importância da literatura como uma expressão vital da cultura de uma nação, apontando para as diferenças culturais, históricas e linguísticas, não apenas denuncia os problemas, mas também propõe alternativas e desperta a consciência ambiental a sociedade, o cotidiano roraimense é marcado pela riqueza cultural de seus povos, as variadas raças e etnias indígenas, como os Macuxi, Wapichana e Yanomami e muitos outros.

As festas tradicionais, rituais e a expressão artística, como a confecção de cestaria e pinturas corporais, constituem parte intrínseca da vida dos povos indígenas no Brasil. No entanto, não está isento de desafios, questão ambiental, o desmatamento e as mudanças climáticas, impactam diretamente na vida das comunidades locais, afetando atividades como a pesca e a agricultura. Estabelece a base para uma análise mais profunda das peculiaridades de cada tradição literária.

SUMÁRIO

O tratamento das comunidades indígenas é tema recorrente na obra de Nenê Macaggi, Eliakin Rufino, Sony Ferseck, Davi Kopenawa, Devair Antônio Fiorotti e, outros autores, que em sua trilogia “Entre Fronteiras” aborda a interface entre as comunidades indígenas e a sociedade envolvente. A luta pela demarcação de terras, a preservação da língua e a resistência cultural são aspectos enfatizados nas narrativas, promovendo uma reflexão crítica sobre as relações entre os povos originários e o restante da sociedade.

A Mulher do garimpo é uma das obras que representa a realidade e a convivência emblemática desses povos, em que a literatura brasileira com muito brio abarca, foi escrita por Nenê Macaggi, sendo publicada na década de 70. A elegância e a clareza da expressão literária dessa autora bem como a paixão e a emotividade de suas criações, exploram as influências históricas e sociais dessas tradições.

O regionalismo e seus fenômenos globais, interlaçam as regiões que se relacionam com o mundo exterior e como a globalização afeta as dinâmicas regionais e as múltiplas facetas: as manifestações culturais, os dialetos regionais, as tradições, as narrativas orais, lendas e os mitos que permeiam determinada região, ressaltando como esses elementos contribuem para a construção de uma identidade única e o impacto na literatura, examinando obras que exploram as peculiaridades locais e como os escritores lidam com a representação e suas origens.

Vários movimentos culturais buscavam romper com as tradições acadêmicas e europeias, buscando uma expressão artística mais autêntica e ligada à realidade brasileira, enfatizando Macunaíma. Mário de Andrade buscou na cultura popular brasileira elementos para construir uma identidade literária única, incorporando mitos indígenas, lendas folclóricas e a diversidade cultural do Brasil.

Mário de Andrade foi um importante escritor, musicólogo, etnólogo e crítico brasileiro, considerado um dos principais representantes do Modernismo no Brasil. Sua obra mais conhecida é

“Macunaíma”, um romance publicado em 1928 que se destaca por sua linguagem inovadora e pela abordagem crítica da sociedade brasileira.

A obra foi escrita durante o período do modernismo brasileiro, que teve início na década de 1920, movimento cultural que buscava romper com as tradições acadêmicas e europeias, buscando uma expressão artística mais autêntica e ligada à realidade brasileira, um dos principais líderes desse movimento, buscou na cultura popular brasileira elementos para construir uma identidade literária única, incorporando mitos indígenas, lendas folclóricas e a diversidade cultural do Brasil.

Contando a história do herói homônimo, nascido nas selvas amazônicas, segundo o autor, é um personagem preguiçoso, astuto e, acima de tudo, sem nenhum caráter moral. O enredo segue as aventuras e desventuras do protagonista, que viaja por diversas regiões do Brasil, encontrando personagens mitológicos e enfrentando situações fantásticas.

A narrativa cosmológica é marcada por um estilo peculiar, com uma linguagem que mistura elementos do folclore brasileiro, regionalismos, neologismos e ironia, o personagem de Macunaíma personifica a miscigenação cultural e étnica do Brasil, tornando-se uma figura simbólica da identidade nacional.

A preocupação com a preservação da identidade cultural roraimense, a aculturação e a globalização, pois, representam ameaças significativas para as tradições locais, e os escritores têm buscado, por meio de suas narrativas, alertar para a importância de preservar e valorizar a riqueza cultural do estado.

Com pontuações firmes, as vozes que ecoam o tema se destacam por meio de romances, poesias, relatos e pesquisas, podemos destacar alguns: Nenê Macaggi, Eliakin Rufino, Sony Ferseck, Davi Kopenawa e, outros autores que em suas coletâneas “Entre Fronteiras” abordam as interfaces entre as comunidades indígenas

SUMÁRIO

e a sociedade envolvente, a luta pela demarcação de terras, a preservação da língua e a resistência cultural são aspectos enfatizados. Como percebemos nos trechos a seguir de **A Mulher do Garimpo** citado no estudo A questão do regionalismo em na obra de Nenê Macaggi, da autora Silvia Marques de Almada (2017).

De acordo com Macaggi (1976, p. 149, 152 e 154, *apud* Almada, 2017, p. 73), “Então, Parente Alberto, entre risadas e apartes dos ouvintes, foi narrado[...] (Macaggi, 1976, p. 149). Geralmente o índio é feio, baixo e grosso, vendo-se contudo belos exemplares de ambos os sexos. [...] A cabeleira, espessa, lisa negra e comprida nas mulheres, fede a caracu de boi ou a brilhantina barata. Todos têm a pele boa e de cheiro característico, misto de fumaça, peixe moqueado e sujeira (Macaggi, 1976, p. 152).

As roças são pequenas, porque o índio, preguiçoso por natureza, tendo o necessário para tirar delas, detesta fazer tudo o que lhe dá muito trabalho. No comum. O índio é sovina e egoísta. Tudo o que faz é em troca de pagamento e fica enfezado se não faz compra ou troca, sempre desconfiado, agindo de má-fé para com o branco que o ajuda (Macaggi, 1976, p. 154).

Promovendo uma análise dialogada criticamente sobre as relações entre os povos originários e o restante da sociedade. Parente Alberto, neste contexto segundo a autora deixa evidente questões sociais relacionadas ao contato com índio e não índio que perdura desde sempre, essa interferência nos costumes em sua rotina causa conflito e uma leitura indiferente de como a organização baseada em suas tradições acontece, associa a dessemelhança de sua cultura, enfatizando como ocorre as similitudes de opiniões de uma maneira geral, entre os não índios.

Davi Kopenawa e Bruce Albert, em sua obra, **A Queda do Céu**, palavras de um xamã yanomami, aborda o fato da importância

da floresta para a sobrevivência da raça humana, segundo Davi Kopenawa (2019, p. 11):

A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la. Se conseguirem, os rios vão desaparecer debaixo da terra, o chão vai se desfazer, as árvores vão murchar e as pedras vão rachar no calor. A terra ressecada ficará vazia e silenciosa. Os espíritos xapirí, que descem das montanhas para brincar na floresta em seus espelhos, fugirão para bem longe. Seus pais, os xamãs, não poderão mais chamá-los e fazê-los dançar para nos proteger. Não serão capazes de espantar as fumaças de epidemia que nos devoram. Não conseguirão mais conter os seres maléficos, que transformarão a floresta num caos. Então morreremos, um atrás do outro, tantos brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar.

SUMÁRIO

A cosmologia desses povos é profundamente enraizada na tradição e na visão de mundo do povo Yanomami, uma comunidade indígena que habita a região da Amazônia, na fronteira entre o Brasil e a Venezuela. Sua cosmologia reflete uma interconexão íntima entre os seres humanos, a natureza e os seres espirituais que habitam o mundo invisível.

No cerne está a crença em uma relação sagrada entre os seres humanos e a floresta amazônica. Para o povo Yanomami, a floresta não é apenas um ambiente físico, mas um espaço sagrado cheio de espíritos e entidades sobrenaturais. Cada elemento da natureza é dotado de uma alma, e a interação respeitosa com essas entidades é vital para a harmonia e equilíbrio do universo.

Os indígenas Yanomami também acreditam em um complexo sistema de xamãs, indivíduos que têm a capacidade de se comunicar com os espíritos e acessar o mundo espiritual. Os xamãs desempenham um papel crucial na sociedade Yanomami, atuando como intermediários entre os seres humanos e os espíritos,

realizando rituais de cura, previsão do tempo e outros eventos significativos para a comunidade.

A literatura, nesse contexto, não apenas denuncia os problemas, mas também propõe alternativas para despertar a consciência ambiental na sociedade. O cotidiano roraimense é marcado pela riqueza cultural de seus povos, das mais variadas raças e etnias, as festas tradicionais, rituais, expressão artística, e pinturas corporais, constituem parte intrínseca da vida cotidiana. No entanto, não está isento de desafios, o desmatamento e as mudanças climáticas, impactam diretamente na vida das comunidades locais, afetando atividades como a pesca e a agricultura.

Além disso, a coexistência entre diferentes culturas e a busca por soluções colaborativas tornam-se elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva. Iniciativas que valorizam a educação indígena, aliadas a programas que introduzem as comunidades locais ao mundo digital, programas para que juntamente com sua comunidade possam encontrar meios para garantir sua sobrevivência, contribuem para a construção de um futuro mais promissor.

Questões sociais como a falta de infraestrutura em algumas áreas e a presença de comunidades isoladas demandam abordagens sensíveis para preservar a diversidade cultural e promover o desenvolvimento sustentável. A migração também se tornou um elemento significativo no cotidiano roraimense, especialmente devido à proximidade com a Venezuela, a chegada de migrantes, trouxe novos desafios e oportunidades, impactando a dinâmica social e econômica da região, a coexistência entre diferentes culturas e a busca por soluções colaborativas.

A cosmovisão muitas vezes está associada a rituais e festivais que celebram a relação sagrada entre a humanidade e a natureza. A dança, a música e as cerimônias tradicionais são expressões vivas

dessa conexão profunda, proporcionando uma experiência ritualística que fortalece os laços com o sagrado e reforça a harmonia entre as diferentes camadas da existência.

Os autores argumentam a favor de uma apreciação mútua entre essas tradições, destacando a contribuição que cada uma faz para o panorama literário global. Ao incluírem reflexões sobre como a compreensão e valorização das diversas expressões literárias podem enriquecer a experiência humana e promover um entendimento mais profundo da diversidade cultural, e sua importância como parte integrante da riqueza cultural do país.

Essas literaturas, voltadas para uma posição sensível em relação a pautas tão complexas, é fundamental que esteja presente nos vários segmentos, sendo compartilhada com todos, se estendendo principalmente às salas de aula, onde novas gerações aprendem a preservar suas tradições e, ao mesmo tempo, a enfrentar os desafios da globalização. São narrativas que abraçam tradições milenares e desafios contemporâneos, a preservação da diversidade cultural, aliada ao enfrentamento dos problemas ambientais e sociais, constrói uma história complexa. A atenção à educação e à tecnologia emerge como ferramentas essenciais para garantir a sustentabilidade e a resiliência dessa sociedade singular.

No entanto, vale ressaltar que é fundamental superar visões estereotipadas e limitantes, das diversas manifestações regionais, aliada ao enfrentamento dos problemas ambientais e sociais, como ferramentas essenciais para garantir a sustentabilidade e a resiliência dessa sociedade. Será necessário força sobre-humanas, no sentido de fazer des-criar, para criar novamente, segundo Agamben, isso não significa que será fácil, mas seu oposto é horrípilo, vale apenas conseguir é o maior feito que a humanidade sem questionar terá que se submeter, buscando um diálogo intercultural que promova o enriquecimento mútuo entre as diferentes regiões, contribuindo para a construção de uma identidade local enraizada na diversidade.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. *In*: **Profanações**. Coleção Marxismo e literatura. São Paulo: Boitempo, 2007.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **"Censo Demográfico 2020"**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>.

DE ALMADA, Silvia Marques. **A Questão do Regionalismo em a Mulher do Garimpo, de Nenê Macaggi**. Editora UFRR, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Edições Loyola, 1996.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Editora Companhia das letras, 2019.

STAËL, Mme de. Sobre as literaturas do norte e do meio dia. *In*: ELIAKIN RUFINO, **Cavalo Selvagem**. 2011, p. 29.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.



5

*Audeane dos Santos Lopes
Rosidelma Pereira Fraga*

**A TRADIÇÃO ORAL
EM *O CÃO E O CURUMIM*
DE CRISTINO WAPICHANA
E *MEU AVÔ APOLINÁRIO: UM
MERGULHO NO RIO DA MINHA
MEMÓRIA* DE DANIEL
MUNDURUKU**

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-310-3.5

SUMÁRIO

RESUMO:

Ao longo dos séculos, as comunidades indígenas têm transmitido saberes, mitos, conhecimentos e histórias por meio da oralidade, formando um rico legado que se entrelaça com sua visão de mundo e valores. Além de ser um veículo vital para preservação de línguas indígenas pois, muitas estão ameaçadas. Neste sentido essa pesquisa visa destacar a tradição oral ligada aos povos indígenas, apontando assim, as obras *Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da minha memória* de Daniel Munduruku e *O Cão e o Curumim* de Cristino Wapichana como ponto de referência para este estudo. Com uma trama envolvente, as obras destacam valores familiares, resiliência e as complexidades da vida, proporcionando uma reflexão sobre as nuances da existência. Deste modo analisaremos alguns pontos importantes como o lugar de fala, a identidade e a tradição oral presentes nas duas obras em questão. A análise dessas obras teve com base teórica Munduruku (2010), Spivak (2010), Hall (2006) entre outros que fundamentaram esse trabalho. Contudo, destacaremos aqui uma literatura indígena com uma escrita numa perspectiva memorial e autobiográfica, dos próprios povos indígenas destacando a aceitação da sua identidade como também autoafirmação diante dessa situação de descaracterização, de negação e de auto reconstrução de quem se é e de como se vive, ligadas a histórias que habitam nas memórias dos dois autores.

PALAVRAS-CHAVE:

Povos indígenas; Identidade; Lugar de fala; Tradição oral.

INTRODUÇÃO

Compreender e valorizar o processo histórico e cultural da cultura indígena nos instigam a estudar e disseminar o conhecimento acumulado por esses povos originários. Precisamos entender que a valorização da ancestralidade indígena e os ensinamentos que são passados de geração a geração contribuem para reafirmar a identidade, o lugar de fala no meio no qual estão inseridos.

Neste sentido essa pesquisa visa destacar a tradição oral ligada aos povos indígenas, apontando assim, as obras *Meu avô Apolinário: um mergulho no rio da minha memória* de Daniel Munduruku e *O Cão e o Curumim* de Cristino Wapichana, como ponto de referência para este estudo.

Essa abordagem se baseia em três momentos, o primeiro momento trata do “lugar de fala” que ganha destaque não só na fala de palavras, mas no sentido de existência e poder social desses povos dentro dessa estrutura a qual estão inseridos. Quando fala-se de lugar social, propõem-se uma visão mais ampla que envolve a valorização da opinião de um grupo ao invés de experiências e vivências individuais.

O segundo não menos importante, fala a respeito da valorização da identidade, trata da aceitação da identidade indígena, como o próprio indígena se enxerga em meio aos grupos sociais. Desta forma numa análise comparativa apontamos a obra *Meu avô Apolinário* de Daniel Munduruku, que mostra inicialmente em seu enredo autobiográfico que a falta do contato com a cultura indígena, fez com que ele negasse sua própria história. Em contrapartida a obra *O Cão e o curumim* de Cristino Wapichana, mostra essa aceitação de forma natural por ter nascido e ser criado dentro das tradições indígenas.

O terceiro e último ponto destaca a tradição oral em um contexto mais pessoal e familiar pois, narra na obra *Meu avô Apolinário*,

memórias e experiências do avô, transmitindo conhecimentos práticos e valores éticos através de histórias particulares. Porém, a obra *O cão e curumim* mergulha nas narrativas indígenas, utilizando mitos e lendas para destacar a relação dos povos indígenas com a natureza. Aqui, a tradição oral é representada como uma forma de preservar a riqueza cultural e espiritual dessas comunidades.

A análise dessas obras teve com base teórica Munduruku (2010), Spivak (2010), Hall (2006) entre outros que fundamentaram esse trabalho. Todavia, é importante que essas “centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam” Krenak, (2015, p. 30) cheguem a diversos públicos, pois apresentam uma visão mais ampla da vida indígena.

SUMÁRIO

DESENVOLVIMENTO

“Histórias que moram em mim.”

Cristino Wapichana

A tradição oral é uma tradição de valor inestimável aos povos indígenas, estes que possui uma cultura escrita recente, marcada ainda por estereótipos, vem aos poucos ganhando espaço em meio ao mosaico das diversas literaturas. Sendo assim, essa importante forma de comunicação desempenha um papel fundamental na preservação da identidade e cultura dos povos originários.

Ao longo dos séculos, essas comunidades têm transmitido saberes, mitos, conhecimentos e histórias por meio da oralidade, formando um rico legado que se entrelaça com sua visão de mundo e valores. Além de ser um veículo vital para preservação de línguas indígenas pois, muitas estão ameaçadas.

Com base nas suas práticas sociais e culturais, essa prática oral, está ligada a conhecimentos ancestrais transmitidas de geração

em geração, mantendo as línguas indígenas vivas, resistindo às pressões da globalização e do deslocamento cultural.

Além disso, essa forma de comunicação era e ainda é importante, na educação, nos seus rituais religiosos, nas palavras encantadas e nos cantos indígenas. Esse conhecimento deve ser de fato de todos da comunidade, mas cabe aos mais velhos a função de repassar os ensinamentos e as tradições como afirma Munduruku:

[...] o conhecimento, na sociedade indígena, é dominado pelos mais velhos. Mesmo que uma pessoa saiba todas as coisas sobre seu povo, sobre sua tradição, se houver alguém mais velho presente naquele espaço, é de direito que o mais velho responda o que lhe foi perguntado. Na sociedade indígena não existem especialistas absolutos. Todos sabem fazer tudo; todos sabem contar as histórias dos antepassados; todos sabem manipular os instrumentos da sobrevivência; todos sabem o que cura e o que mata. No entanto, por uma questão de respeito, àquela pessoa que já tem uma caminhada mais longa, faculta-se-lhe o direito de aconselhar, dirigir, coordenar, opinar e curar as pessoas. A ela é dado o direito de ser mestre e de exercer a sua sabedoria. Dessa forma, podemos entender que a educação que todos recebem é o respeito pelo caminho que o outro percorre (Munduruku, 20, p. 92).

Pode-se assim dizer que essa oralidade era a principal forma de compressão do mundo para os povos indígenas. Desta forma a tradição oral está diretamente ligada a memória, que se apresenta por meio de perguntas ou reflexões feitas por nós mesmos, sendo ela despertada por meio de uma imagem, um cheiro ou um som. Ela também desempenha um papel crucial na educação dentro das comunidades indígenas.

Assim, destacamos a necessidade de lembrar até mesmo quando não temos essa intenção pois, as histórias contadas pelos mais velhos são significações que unem gestos, sentimentos e tradições de um povo, ou seja se interessar e compreender o que se

SUMÁRIO

passou, visando conhecer a vivência dos nossos antepassados como o comportamento, a fala, e o modo como viviam faz que haja uma aproximação com as suas próprias raízes.

Todavia, as histórias contadas pelos mais velhos funcionam como instrumentos de ensino, transmitindo não apenas conhecimento prático, mas também valores éticos e morais. Essa abordagem educacional é integrada à vivência cotidiana, promovendo uma aprendizagem contextualizada e profunda.

Nesta perspectiva surgem as literaturas infanto-juvenis que agregam a tradição oral e a escrita literária que por sua vez, Amorim e Freire acrescentam,

As possibilidades que a literatura pode oferecer à adoção de práticas curriculares multi e interculturais nos convidam a refletir sobre seu papel social e sua influência na formação de ideias, de representações e, porque não dizer, de pessoas. Compreendida como arte da palavra, como produto artístico que tem suas raízes no social, como manifestação artística que (re)cria a realidade, a literatura constitui um componente da comunicação e da interação social, cujo papel inclui a difusão da(s) cultura(s) de uma sociedade [...] (Amorim e Freire, 2014, p. 44)

Nesse sentido, teremos como base de análise as obras *O Cão* e *o Curumim* de Cristino Wapichana, uma obra que mergulha nas tradições e ensinamentos indígenas, proporcionando uma perspectiva enriquecedora sobre a cultura e a sabedoria desses povos.

Essa história, escrita por Cristino Wapichana, destacar elementos fundamentais da cosmovisão indígena e oferece lições valiosas sobre respeito à natureza, espiritualidade e relações interpessoais. Além disso, os ensinamentos presentes na obra destacam a importância de viver em harmonia com a natureza, respeitando-a como um elemento intrínseco à existência humana.

Outra e a obra que será analisada é *Meu avô Apolinário* de Daniel Munduruku que narra inicialmente a história do curumim e

SUMÁRIO

suas dificuldades de aceitação indentitária e retorno a sua origem ligada a vida de um personagem central que é o seu avô Apolinário.

A vista disso, o livro destaca suas experiências, desafios e triunfos, oferecendo uma visão profunda de sua jornada ao longo do tempo. Com uma trama envolvente, as obras destacam valores familiares, resiliência e as complexidades da vida, proporcionando uma reflexão sobre as nuances da existência. Deste modo analisaremos alguns pontos importantes como o lugar de fala, a identidade e a tradição oral presentes nas duas obras em questão.

O primeiro ponto, "o lugar de fala" ganha destaque não só na fala de palavras, mas no sentido de existência e poder social desses povos dentro dessa estrutura a qual estão inseridos. Quando fala-se de lugar social, propõem-se uma visão mais ampla que envolve a valorização da opinião de um grupo ao invés de experiências e vivências individuais. No entanto temos que reconhecer que:

É a voz socialmente autorizada que inclui e exclui sujeitos e conhecimentos, determinando não apenas quais as identidades ou os saberes que podem integrar o currículo, mas também como essas identidades e saberes deverão ser aí representados. Em todo esse processo de exclusão e inclusão, de valorização ou de negação, estão inscritas, evidentemente, relações de poder (Louro, 1998, p. 44).

Diante desta perspectiva e como parte dos estudos culturais é importante destacar Spivak, *Pode um subalterno falar?* Que nos remete a reflexão de até onde os povos subalternos podem falar e até onde podem ser ouvidos, visto que "Algumas críticas mais radicais produzidas pelo Ocidente hoje são o resultado de um desejo interessado em manter o sujeito do Ocidente, ou o ocidente como sujeito." (Spivak 2010, p. 20). Neste sentido Munduruku afirma que o lugar de fala ainda engatinha, pois ainda há uma pouca aceitação dessa literatura diante do cânone nacional.

É aqui que se inscreve a literatura indígena. Longe de estar ocupando um espaço largo na memória nacional,

SUMÁRIO

ainda tateia procurando seu lugar de pertencimento no cenário literário brasileiro. Isso acontece especialmente porque o lugar da escrita não costuma permitir que aventureiros ali se instalem, diferentemente de outras artes. Não, não quero depreciar o que cada arte produz, mas dizer que a literatura, para ser reconhecida como tal, passa por um crivo crítico que vai além do gosto popular. Até muito pouco tempo atrás era comum pessoas dizerem que não existia literatura indígena porque os nativos não dominavam a escrita e seu instrumento preferencial era a oralidade. Alguns especialistas chegavam a dizer que um indivíduo indígena, ao escrever, deixava de ser indígena, porque isso é incompatível com sua tradição oral. Ainda hoje pesquisadores jovens que tentam estudar essa literatura em seu mestrado ou doutorado encontram forte resistência entre os orientadores, por estes não aceitarem a existência de tal literatura como objeto de pesquisa. Menos ainda quando a escrita da qual aqui se fala é a infantojuvenil, segmento pouco considerado pela dita literatura canônica e que tem sido a porta de entrada de escritores indígenas na sociedade brasileira (Munduruku, 2018 p. 03).

Cabe enfatizar, que há muito tempo a visão sobre o indígena está ligada ao olhar do colonizador, que impunha seu domínio sobre os povos marginalizados pois, os povos indígenas sempre foram considerados inferiores e sem história, ou seja, estiveram numa posição que os minimizavam com relação aos demais.

Pode-se apontar dentro da literatura cânone dois períodos, o primeiro considerado indianista que destacou “bom selvagem herói da nação (O guarani de José de Alencar)” este que era submisso e que negava sua cultura para viver ao lado do colonizador, e o segundo com uma literatura considerada modernista que via o indígena como “preguiço e sem caráter (Macunaíma de Mario de Andrade)” desta forma podemos afirmar que não havia uma aceitação da cultura indígena como única, com valores, histórias e tradições, pois não havia lugar de destaque permanente para eles dentro da literatura.

Segundo Silveira (2019, p. 204), "O povo indígena sofreu e ainda sofre com o processo de silenciamento frente às culturas dos povos colonizadores, que resultaram no apagamento e total desvalorização da História construída pelos índios."

Felizmente segundo Munduruku (2018), os povos originários, vem ganhando espaço e se destacando dentro e fora da literatura.

Os indígenas, que sempre foram presentes na história, eram tidos como ausentes e, agora que quebravam o silêncio, entravam pela mesma história pela porta da frente. Pela primeira vez o povo brasileiro, por meio de seus representantes legais, dizia que os indígenas não estavam mais de passagem, numa linha evolutiva de humanidade. O povo disse: eles são tão brasileiros quanto todos os outros e sua diversidade não é um empecilho para essa convivência nacional. Cabe ao Estado brasileiro oferecer todas as condições para que mantenham suas tradições, seus costumes, suas línguas, seus rituais e seus territórios (Munduruku, 2018 p. 02).

Nessa linha evolutiva da humanidade, os espaços de fala se ampliam e cada dia nos deparamos com literaturas indígenas que trazem a realidade e a vida desses povos. Desta forma, literaturas atuais buscam ligar essa ancestralidade como uma questão de retomada, de entender e voltar as suas raízes.

Na obra *O cão e o curumim* essa relação de poder e lugar de fala, se destaca na relação do convívio familiar, pois ele (o curumim) sendo criança não possuía muitos direitos, salvo aqueles relacionados "a ser criança". Diante dos guerreiros da aldeia o curumim não podia se pronunciar nem quando se tratava de afazeres fora da aldeia, esse era um direito que deveria ser conquistado.

Amanhã cedo iremos colher palha de ubim. Vamos levar todos que podem carregar um feixe delas[...] Eu já me sentia apto a carregar palha, mas ainda não havia ganhado esse direito. Eu tinha experimentado o peso de um feixe e sabia que daria conta de carregar pelo menos um monte

pequeno, suficiente para preencher umas cinco varas. Porém somente meu pai poderia aprovar minha entrada no grupo (Wapichana 2018, p. 56-57).

Cabe destacar que o personagem não deve só nascer índio, ele deve se tornar índio pois participa das relações sociais vistas como construções culturais e históricas na qual está inserido. São relações de poder que são conquistadas para só assim ter o direito de fala dentro da comunidade.

Já na obra *Meu avô Apolinário*, esse lugar de fala ganhou menos destaque ainda, ligado ao desprezo e ao preconceito, o curumim se sentia triste e silenciado pela sociedade que estava inserido como podemos observar no fragmento a seguir, “E como já contei, eu era uma pessoa trabalhadora que ajudava meus pais e meus irmãos e isso era uma honra para mim. Mas era uma honra que ninguém levava em consideração. Eu ficava muito triste porque meu trabalho não era reconhecido. Para meus colegas só contava a minha aparência... e não o que eu era e fazia.” (Munduruku, 2009, p. 11).

O segundo aspecto importante a ser destacado trata da aceitação da identidade indígena, como o próprio indígena se enxerga em meio aos grupos sociais. Desta forma numa análise comparativa apontamos a obra *Meu avô Apolinário* de Daniel Munduruku, que mostra inicialmente em seu enredo autobiográfico que a falta do contato com a cultura indígena, fez com que ele negasse sua própria raiz como podemos perceber no fragmento,

Só não gostava de uma coisa: que me chamassem de índio. Não. Tudo, menos isso! Para meu desespero nasci com cara de índio, cabelo de índio (apesar de um pouco loiro), tamanho de índio. (...) E por que eu não gostava que me chamassem de índio? Por causa das ideias e imagens que essa palavra trazia. Chamar alguém de índio era classificá-lo como atrasado, selvagem, preguiçoso (Munduruku, 2009, p. 11).

Diante deste fragmento de negação da identidade devido ao meio exterior social que o personagem se encontra, Puri e Cavalcante

SUMÁRIO

(2019, p. 85), afirma que “a cultura indígena faz parte da base deste país, mas ainda assim, o indígena não é reconhecido como participante desta cultura”. Compreender e valorizar o processo afirmação cultural indígena nos leva a ampliar esse conhecimento acumulado de um saber ancestral que é infelizmente apagado da nossa história.

Hall afirma que, o meio social em que o indígena se encontra, é capaz de transformar sua identidade, por isso se torna indispensável esse olhar interno em harmonia com significados e valores que nos ligam as identidades culturais.

A identidade dentro dessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o interior e exterior – entre o mundo pessoal e mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (Hall, 2006, p. 11-12).

De certa forma pose-se assim dizer que o meio contribui para esse processo identitário e que devido aos fatores externos ligados a diferentes grupos e contextos podem influenciar nesta construção do pensamento que está em constante transformação. Ao valorizar a identidade indígena, reconhecemos a diversidade cultural e desafiamos estereótipos prejudiciais que podem ter sido perpetuados historicamente.

Ainda analisando a obra *Meu avô Apolinário* de Munduruku, pontua-se momentos conflitantes entre a identidade individual de ser indígena e da identidade social do não querer ser. Essa abordagem cultural significativa de aceitação acontece sob o viés da tradição oral, marcada pelos conhecimentos ancestrais do avô Apolinário, esses ensinamentos do avô faz com que o curumim se aceite e se veja como indígena no decorrer do enredo, tornando evidente na obra e criando um emaranhado de construções simbólicas sobre o querer e ser indígena.

SUMÁRIO

Neste sentido a valorização da identidade indígena também é fundamental para o fortalecimento da autoestima e do orgulho dessas comunidades. Ao reconhecer e respeitar suas tradições, contribuímos para a preservação da autoimagem positiva, combatendo estereótipos prejudiciais e promovendo um sentimento de pertencimento que é vital para o bem-estar psicossocial.

Deste modo, Silva (2007, p. 82) esclarece que “A afirmação da identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre ‘nós e eles’ [...]”.

No entanto, na obra *o Cão e o curumim* de Cristino Wapichana, mostra essa aceitação de forma natural por ter nascido e ser criado dentro das tradições indígenas “ E lá estava eu, novamente naquele lugar, cercado de árvores frondosas, cheias de vida. [...] Aquele pedaço da aldeia era parte de mim, quando eu não ia até lá, ela vinha até mim, como os sonhos nos encontram. ” (Wapichana 2018, p. 10).

Temos aqui o olhar indígena sob duas perspectivas, a primeira de um curumim que nasceu na cidade, e que viveu sobre uma ótica de negação da sua identidade, pois estava num meio social que era pejorativo e discriminatório, desta forma ele possuía uma visão pelo olhar de negação. No segundo fragmento, vemos relação de aceitação da origem, visto que o curumim possuía uma relação de proximidade com a natureza e com a sua cultura.

Nesse sentido, Luciano, (2006, p. 42) afirma que “as identidades indígenas, negadas e escondidas historicamente como estratégia de sobrevivência, é atualmente reafirmada e muitas vezes recriada por esses povos”.

Na obra *o Cão e o curumim* de Cristino Wapichana, essa aceitação e orgulho indetitário se permeiam ao longo do enredo, onde o protagonista “o curumim” destaca diversos pontos como, treinar as habilidades de caçador, a importância de merecer

instrumentos de caça para cada etapa de aprendizagem, a vontade de virar um guerreiro e de proteger a aldeia e sempre ouvindo os ensinamentos dos mais velhos como podemos observar,

Meu avô sempre falava que tínhamos de alimentar bem o corpo e também o espírito para crescermos fortes e saudáveis, para buscarmos ter coragem do bem-te-vi, a leveza de uma pluma e a velocidade de um beija flor. Mas não era só isso. Dizia também que tínhamos de ter a força e a destreza de uma onça e a fidelidade e o coração de um cão. Eu achava isso um máximo! Embora não entendesse completamente o significado de todas as palavras e ensinamento (Wapichana 2018, p. 23).

Esse processo de reafirmação da identidade indígena, em diversos contextos, é iniciado na comunidade e na escola indígena, onde há principalmente a valorização da língua nativa, onde vem sendo constantemente praticada. Autores como Munduruku e Wapichana, além de falar a língua portuguesa, em suas obras sempre buscam destacar palavras ou até mesmo frases da sua língua materna. Essas palavras ou frases aguçam a curiosidade do leitor e o interesse em conhecer mais dessa cultura oralizada.

Como podemos observar em alguns recortes da obra o *Cão e curumim* de Wapichana (2018), como o darywin (bolsa feita de palha), arumã (árvore nativa), paracari (bebida fermentada feita de mandioca), kaimen kupukudan (bom dia), minhayda'y (amigo) e muitas outras palavras que surgem no decorrer do enredo.

Essa abordagem surge como modo de valorização da cultura materna, por isso é tão importante a manutenção de uma educação diferenciada nas comunidades indígenas, pois escrever para um não indígena sugere um conhecimento bilíngue. Desta forma, destacaremos aqui uma literatura indígena escrita numa perspectiva memorial e autobiográfica, dos próprios povos indígenas destacando a aceitação da sua identidade como também autoafirmação diante dessa situação de descaracterização, de negação e de auto reconstrução de quem se é e de como se vive.

SUMÁRIO

As obras enfatizam pontos importantes como questões que envolvem o respeito a natureza, por exemplo na obra *O cão e o curumim* de Cristino Wapichana, os anciãos indígenas de certa forma conversam com a floresta, o rio e os animais, há entre eles uma relação de confiabilidade e uma certa proximidade como podemos observar no seguinte fragmento,

Sabe meu neto, não estamos sozinhos no mundo. Olhe para esta árvore e para o chão que você pisa. Somos feitos de uma pequena parte de tudo que nos cerca. Não podemos nos esconder. Tudo nos vê. Estamos ligados com todos os seres da terra, pela água e pelo ar...Dependemos deles para continuarmos no mundo, e eles dependem da gente. Não somos mais importantes que eles e nem eles mais importantes que nós (Wapichana 2018, p. 13).

Na obra *Meu avô Apolinário*, podemos observar também essa relação com a natureza, onde o próprio rio se justifica como um meio de ensinamentos e lugar de aprendizagem. "Temos de ser como o rio, meu neto. Temos de ter paciência e coragem. Caminhar lentamente, mas sem parar. Temos de acreditar que somos parte deste rio e que nossa vida vai se juntar a ele quando já tivermos partido desta vida." (Munduruku, 2009, p. 31).

Essa relação com a natureza está muito presente na cultura e, por meio dela, os mais velhos conseguem transmitir os ensinamentos, mais apropriados para cada situação vivenciada pelos integrantes da comunidade indígena. Logo, Munduruku afirma que:

Nossa tradição (...) sempre foi movida pela fé nos sinais que esses sábios nos trouxeram. Por muito tempo, eles nos deram demonstrações de que sabem dominar a lei-tura do tempo. Não cabe a nós ficar questionando essa sabedoria milenar. Afinal, para nós eles são (...) espécie de amigos íntimos do Criador e que nos falam as palavras sagradas vindas dele (Munduruku, 2010, p. 3).

Além disso, a obra, *O cão e o curumim* também aponta uma relação de existência e de doação da natureza com os seres que

vivem na natureza. “No mundo temos de compreender a importância do existir, meu neto. Não vivemos apenas para nós mesmos. Existimos quando o outro existe e nos completamos quando nos doamos, como esta árvore, que se deixa ferir para curar os outros. Só existimos juntos (Wapichana, 2018, p. 15).

O terceiro e último ponto importante são os ensinamentos passados pelos mais velhos “a tradição oral” na obra *Meu avô Apolinário* de Munduruku, o curumim procura o avô, com o intuito de aconselhamentos devido aos momentos desmotivadores e de chateação que passava na escola. O avô leva o menino a um rio próximo à cachoeira e pede que o mesmo escute a voz do rio, por horas o menino fica naquele lugar e não consegue compreender a intenção do seu avô. E constantemente, “olhava fixamente para as águas pensando no que [...] deveria ouvir” (Munduruku, 2009, p. 29).

Depois de algum tempo o curumim desiste e seu avô intervéem para trazer os ensinamentos como fonte de conhecimento e saber ancestral: “Você viu o rio, olhou para as águas. O que eles lhe ensinam? A paciência e a perseverança” (Munduruku, 2018, p. 30).

Em contrapartida, a obra, *Meu Avô Apolinário* aborda a tradição oral em um contexto mais pessoal e familiar, pois narra memórias e experiências do avô, transmitindo conhecimentos práticos e valores éticos através de histórias particulares. Aqui, a tradição oral é um veículo para preservar não apenas a cultura mais ampla, mas também as histórias familiares e a sabedoria acumulada ao longo do tempo como podemos perceber, [...]. Temos de acreditar que somos parte deste rio e que nossa vida vai se juntar a ele quando já tivermos partido desta vida. Temos de acreditar que somos apenas um fio na grande teia da vida, mas um fio importante, sem o qual a teia desmorona. Quando você estiver com esses pensamentos outra vez, venha para cá ouvir o rio (Munduruku, 2009, p. 30).

No entanto, *O Cão e o Curumim* mergulha nas narrativas indígenas, utilizando mitos e lendas para destacar a relação dos povos indígenas com a natureza. Aqui, a tradição oral é representada

SUMÁRIO

como uma forma de preservar a riqueza cultural e espiritual dessas comunidades, como podemos observar “o pajé nos aguardava lá fora com suas folhas e incenso de muruai. Conforme saíamos de casa, ele nos benzia, um a um, pedindo proteção do grande criador, Tuminkere, para que fôssemos e retornássemos em segurança” (Wapichana, 2018, p. 62).

A leitura do ambiente, dos animais e tudo o que era ligado à natureza e à vida na comunidade também era muito importante nos ensinamentos, sendo tudo adaptado a cada faixa etária.

Meu avô parecia saber tudo! Certa vez, ele disse que as leituras eram tão importantes para a nossa vida que dependíamos delas para conseguir viver. Passei muitos dias pensando sobre o que ele quis dizer com aquilo. [...] em nossas leituras do ambiente, por exemplo não podíamos confundir o canto do sapo- cururu com o canto do macaco guariba. Deve ser por isso que ele insistia em dizer com sua voz rouca e compassada: vocês precisam usar os sentidos. São eles que irão mostrar os perigos antes de aparecerem” (Wapichana, 2018, p. 34).

A voz dos anciões era e ainda é valorizada e aceita por toda comunidade, como forma de respeito àqueles que portavam conhecimentos da vida e para a vida. Nesse sentido, ambas as obras destacam a importância da transmissão oral na preservação da identidade cultural, ligadas ora a ensinamentos individuais, ora ligados à natureza. Essa dualidade reflete a versatilidade e a amplitude da tradição oral como uma ferramenta para preservar e transmitir conhecimentos culturais e individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradição oral é um pilar essencial para a sustentabilidade cultural dos povos indígenas. Ela conecta passado, presente e futuro,

SUMÁRIO

proporcionando uma compreensão profunda e holística de suas identidades e modos de vida.

No entanto a preservação da tradição oral enfrenta desafios, como o impacto da modernização, a perda de territórios e a assimilação cultural. Esforços para valorizar e fortalecer a tradição oral incluem projetos de documentação linguística, incentivo à transmissão intergeracional e respeito pela autonomia dessas comunidades em suas práticas culturais.

Sendo assim, as obras abordaram o papel do curumim como ouvinte que se depara com seus conflitos internos em *Meu avô Apolinário* e do curumim que ouve e que está atento para aprender em *O cão e o curumim*, enfatiza a importância das relações interpessoais na sociedade indígena. Os valores de cooperação, solidariedade e respeito mútuo são intrínsecas as tramas, transmitindo lições sobre a importância da aceitação e valorização da identidade indígena e do trabalho em conjunto e da comunidade.

Além disso, a valorização da identidade indígena promove a justiça social, reconhecendo e corrigindo históricas injustiças e discriminações, pois muitas comunidades indígenas enfrentam desafios relacionados à perda de territórios, marginalização econômica e preservação de línguas ameaçadas.

Ao valorizar suas identidades e o local de fala, estamos dando voz e visibilidade a essas comunidades, contribuindo para a construção de sociedades mais inclusivas e igualitárias. Nesse sentido, Ambas as obras destacam a importância da transmissão oral na preservação da identidade cultural ligadas ora a ensinamentos individuais e ora ligados a natureza.

Todavia, é importante que essas “centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam” Krenak, (2015, p. 30) cheguem a diversos públicos, pois apresentam uma visão mais ampla da vida indígena.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, R. M. de; FREIRE, E. de C. A literatura como fonte de inspiração para a construção de práticas curriculares interculturais. **Revista Lugares de Educação**, [S. l.], 2014.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KRENAK, Edson. **O sonho de Borum**. São Paulo: Autêntica Editora, 2015.
- LOURO, Guacira Lopes. **Segredos e mentiras do currículo**. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. *In*: SILVA, Luiz Heron da. (Org). A Escola Cidadã no Contexto da Globalização. Petrópolis: Vozes, 1998, p.33-47.
- LUCIANO, Gersem José dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, DF: UNESCO, Ministério da Educação, 2006.
- MUNDURUKU, Daniel. **Meu vô Apolinário**: um mergulho no rio da (minha) memória. São Paulo: Studio Nobel, 2009.
- MUNDURUKU, Daniel. **Crônicas de São Paulo**: um olhar indígena. 2. ed. São Paulo: Callis Ed., 2010a.
- MUNDURUKU, Daniel. **A literatura indígena não é subalterna**. Itaú Cultural. 12 mar. 2018a. Disponível em: www.itaucultural.org.br/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna. Acesso em: 10/01/2024.
- PURI, Zélia; CAVALCANTI, Adriana de Holanda. **Memórias de vida, ancestralidade indígena e artes sagradas como práticas de educação. Identidade!**, São Leopoldo, 2019. Disponível em: <https://periodicos.est.edu.br/identidade>.
- SILVA, T. T. A produção social da identidade e diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SILVEIRA, Lilian Greice dos Santos Ortiz da. Identidade e ancestralidade na literatura indígena. **Miguilim** – Revista Eletrônica do Netlli, 2019.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina G. Almeida, Marcos P. Feitosa e André P. Feitosa. São Paulo: Editora UFMG, 2010.
- WAPICHANA, Cristino. **O cão e o curumim**. São Paulo: Editora melhoramentos, 2018.

6

Jane Lima Peixoto
Moema de Souza Esmeraldo

ELEMENTOS REGIONAIS E O REGIONALISMO NAS OBRAS LITERÁRIAS DE ELIAKIN RUFINO

SUMÁRIO

RESUMO:

Neste trabalho, serão abordadas obras poéticas de Eliakin Rufino, tais como: "Cavalo selvagem", "Gaia viva" e "*Poeta de água doce*", entre outros. A partir das análises das obras, a intenção é verificar a relação com o objeto de estudo aqui inserido, quais são os elementos regionais de Roraima e evidenciar a discussão sobre o conceito de regionalismo. Importante ressaltar a contribuição de estudos que tratam dos mesmos objetos de pesquisa. Para discutir essas questões este estudo teve como direção algumas leituras críticas sobre a obra de Eliakin Rufino e a recepção do Movimento Roraimeira. Além de discutir questões de legitimidade na narrativa brasileira contemporânea a partir de estudos de Regina Dalcastagnè (2002,2007), de Antonio Cândido (2005,2006), Cátia Monteiro Wankler (2013) e Glaciele de Souza Harr (2007). Ainda serão feitas referências teóricas das obras *O rumor da língua* de Roland Barthes (2004), *Breve história da Amazônia*, de Márcio Souza (2001).

PALAVRAS-CHAVE:

Cultura; Literatura; Regional; Regionalismo.

INTRODUÇÃO

Partindo da ideia de que, elementos relacionados ao regional e o desdobramento dos seus conceitos, esbarra-se sempre em sua relação com o regionalismo, e ainda, que todos esses itens estão presentes em várias obras de Eliakin Rufino, verifica-se a importância de analisar aqui sobre o Regional na literatura. Destaca-se uma produção e discurso voltado para os elementos regionais, como a natureza, a cultura, as pessoas e suas vivências, histórias, entre outros assuntos de um determinado local. Enfatiza-se ainda a globalização, que interfere muitas vezes nas mudanças de várias situações, inclusive o de aderir comportamentos, gostos e culturas e literaturas de outros lugares distantes, daí a importância de entender essa inter-relação entre o local e o nacional, e o local e o global. Enfim, já que o Regional está vinculado ao Regionalismo, busca-se aqui, enfatizar vários exemplos destes elementos presentes em algumas obras de Eliakin Rufino e relacioná-los com pensamentos, conceitos e visões de outros intelectuais.

ELIAKIN RUFINO E O MOVIMENTO RORAIMEIRA

Eliakin Rufino é um dos fundadores do Movimento Roraimeira. O Movimento surgiu no início da década de e estiveram também envolvidos no Movimento e na formação deste, Zeca Preto e Neuber Uchôa. O Movimento Roraimeira tinha por objetivo divulgar não só a literatura roraimense e as artes gerais, com também, exaltar a terra roraimense, e assim, seus elementos regionais e a identidade local. O trio formado por Eliakin Rufino, Neuber Uchôa e Zeca Preto recebeu também um outro nome interessantíssimo: “regionalíssima trindade” (SOUZA, 2013, p. 42).

Segundo Oliveira, Wankler, Souza (2009), uma das fases de destaque do Movimento Roraimense trazia como destaque “à exaltação estética da paisagem natural e das culturas do povo, fase fortemente marcada pelo desejo de construção de uma identidade local” (2009, p. 28). Sendo assim, Eliakin Rufino, na primeira fase desse Movimento, contribuiu para divulgação de elementos que compõe o universo da cultura e dos costumes regionais de Roraima. E sobre seu referencial para produção literária adere ao Movimento Modernista que chega em Roraima na década de 1980:

(...) os modernistas lançam uma grande pedra no lago tranquilo da influência europeia no Brasil, né? Agora essa onda só chega em Roraima em 84: o Roraimense é o movimento modernista, que chega aqui em Roraima na década de 80. Toda a nossa inspiração é modernista: é o Modernismo, é o movimento modernista... (Tardio. (...)) O Roraimense é o último movimento cultural brasileiro do século XX, por causa da distância, entende (...) (2009, p. 29).

Além do Movimento Modernista, o Roraimense teve influências também do Movimento Tropicalista: O Tropicalismo surgiu sob influência das correntes artísticas da vanguarda e da cultura pop nacional e estrangeira, como o pop rock e o concretismo. Outros aspectos que chamaram atenção foram as inovações estéticas radicais, pois surgiram em pleno regime militar. Além disso, a inserção deste movimento literário chamado Tropicalismo nesta pesquisa justifica-se pelo fato de Eliakin Rufino, apesar de o Tropicalismo ser da década de 1960 e o Roraimense de 1980/2000, afirma que o Roraimense também sofreu influências do Movimento Tropicalista (CARREIRO, 2014, p. 18).

O ESPAÇO EVOCADO OU O ESPAÇO CANTADO: RORAIMA

O Estado de Roraima possui uma área física de 224.298,9 km² e está localizado no Hemisfério Norte (MAGALHÃES, 2008). Roraima

SUMÁRIO

é um estado da Região Norte do Brasil, sua história está fortemente ligada ao Rio Branco, tendo como ponto culminante o Monte Roraima e sendo cortado pela linha do Equador. Boa Vista é a capital de Roraima, sendo também a única capital brasileira ao norte da Linha do Equador. Roraima é um dos lugares do mundo que possui grandes variedades de belezas naturais. Um estado formado de uma grande riqueza cultural e que atualmente, pela questão de fronteira e a alta imigração do povo venezuelano e até guianense, culturas se misturaram e a busca por uma nova identidade do povo que habita nas terras de Roraima, que faz tríplice fronteira com a República Bolivariana da Venezuela e com a República da Guiana (antiga Guiana Inglesa). Faz ainda fronteiras com os estados do Pará e Amazonas.

Atualmente, Roraima possui o menor Produto Interno Bruto (PIB) do país. Sua base produtiva está na agricultura, pecuária e extrativismo animal, vegetal e mineral. Sendo assim, sua economia está diretamente ligada às atividades de setores de prestação de serviços, mineração, indústria e agroindústria.

Roraima é formado por uma combinação dos três elementos que ajudaram a criar a identidade da região: o índio, o europeu e o mestiço de origem nordestina. Os índios são responsáveis por uma herança imaginária repleta de lendas e crenças, de artes, de danças, artesanatos, de rica cultura. A forte contribuição dos migrantes nordestinos também influencia no caldeirão cultural roraimense, a partir das práticas culinárias, sociabilidades e da música (NASCIMENTO; FREITAS; FARIAS, 2014).

Sobre a influência europeia, deu-se historicamente a partir da colonização, ultrapassando fronteiras, possibilitando vários acontecimentos históricos e contribuindo na construção histórica local. Enfim, a contribuição humana de vários povos incrementou no estado de Roraima variados perfis culturais.

Bartoly (2011, p.86) afirma que as realidades dos lugares são cada vez mais complexas e, nesse sentido, são percebidas e vividas de diferentes formas, por diferentes indivíduos. Assim, através de

SUMÁRIO

algumas obras de Eliakin, principalmente de suas poesias carregadas de elementos regionais, percebe-se a representação identitária de Roraima, como, por exemplo, no poema baixo:

Mudança das folhas
em Roraima não há primavera
somente inverno e verão
mas a flor do meu canto
nasce em qualquer estação
no inverno eu canto verde
o rio cheio
o capim
eu canto as águas de julho
que é tempo de buriti
no verão eu canto a lua
a praia grande
o céu azul
eu canto o sol de janeiro
que é tempo do caju
em Roraima
não existe outono
somente inverno e verão
caem folhas do meu canto
poemas rolam no chão.

(Rufino, 2011)

O poema “Mudança das folhas” traz vários elementos regionais e uma produção de discurso voltada para essas riquezas da região. Do início ao fim da poesia, esses elementos regionais são destaques, bem como as características climáticas do estado de Roraima. No primeiro verso do poema, há um destaque para o local de exaltação: “Roraima.” No segundo verso, a afirmação de não haver primavera, somente verão e inverno, isso destacado no terceiro

verso. No quarto verso, essa ausência de primavera parece ser substituída pelo seu canto, quando diz: “mas a flor do meu canto nasce em qualquer estação”. A partir do sexto verso, elementos regionais como o verde, o rio cheio, o capim, o buriti alegram a estação do inverno nessa relação poesia, canção e natureza. No décimo primeiro verso, o destaque é para a estação do verão, mostrando ainda uma continuação da relação de canção e os elementos naturais, enaltecendo a presença da lua, da praia grande, do céu azul, do sol de janeiro e do caju.

Nessa relação de poesia, canção, natureza e estação do tempo, o outono, que também não existe em Roraima, chega representado pelas “folhas do canto e poemas que rolam no chão”. Isto é enfatizado no penúltimo e último verso do poema. Eliakin Rufino, nesta poesia, mostra um pouco de si, do amor às canções, poesia e natureza.

SUMÁRIO

ELEMENTOS E PARTICULARIDADES DA CULTURA DE RORAIMA

Hoje em dia, vários povos de outros estados e nações habitam no estado de Roraima, mas nem sempre foi assim, pois os indígenas, em suas diversas etnias, dominavam e habitavam na grande extensão territorial do estado com sua cultura, crenças e linguagens, verificando-se daí, a grande importância da contribuição indígena em todos os aspectos para o estado de Roraima.

Com o aumento da indústria do garimpo, a partir de 1940 e a história da presença de ouro e diamantes na Serra de Tepequém, muitos foram os que correram atrás desses atrativos em busca de uma vida melhor, não importando as consequências que deixariam para a natureza ou o perigo que enfrentariam para obter o que queriam. A Serra de Tepequém é atual município de Amajari, lugar lindo

de belezas naturais e minérios, atraiu uma grande migração de povos nordestinos e do estado do Pará. Atualmente, é cheia de marcas deixadas por garimpeiros que buscavam por riquezas.

Desta forma, a cultura em Roraima, que era composta por grande contribuição das tradições indígenas, com essa migração em grande escala de outros brasileiros de diversos pontos do país, especialmente nordestinos do Maranhão e, também de outros povos de diversos países, especialmente os que fazem fronteira com o estado de Roraima, foi fortemente influenciada. As tradições e os costumes foram gradativamente foram alterados, pela religião, pela culinária, pelas danças e músicas (NASCIMENTO; FREITAS; FARIAS, 2014).

Com a presença de outros povos em Roraima, a cultura roraimense, que no qual predominava a cultura indígena, passou também a prevalecer a cultura nordestina e ainda traços e núcleos culturais diversificados de outros ramos e lugares.

ELEMENTOS REGIONAIS

Elementos naturais como a paisagem e a cultura dos povos indígenas, representam bem a história de Roraima, servem como ponto de partida para aqueles que não só observam, mas para aqueles que querem explorar conteúdos, escrever poesias, descrever paisagens, pesquisar objetos, produzir canções, arte, teatros entre outros. Para os habitantes dessa terra tão amada chamada Roraima, vários são os elementos que representam a riqueza do lugar: um simples buriti, bacaba ou buritizais, o lavrado, o cerrado, o lago, o caju, a mangueira, a cachoeira, a capivara e assim vai, são tantos elementos, que qualquer escritor se perderia nas riquezas das belas palavras, e se tratando de riqueza, quanta riqueza há em Roraima.

SUMÁRIO

Povos do mundo inteiro voltam seus olhares para esse lugar rico, chamado Roraima.

Claval (1999) afirma que “seus elementos servem como mediação na transmissão de conhecimento, valores ou símbolos”. Esses símbolos também contribuem para a construção da identidade de um lugar e em Roraima não é diferente. Para Woodward (2000, p. 8), “a identidade é marcada por meio de símbolos”. Sobre isso, surge aqui a necessidade de analisar ou discutir as relações de interpenetração entre os elementos regionais e a regionalismo local, e ainda a importância destes elementos na contribuição para a construção da identidade de Roraima, identidade esta, que até nos dias de hoje vem sendo construída.

De acordo com Costa e Souza (2005), o Estado de Roraima é sancionado assimetricamente por mosaicos que compreendem serras, lagos, florestas de atitude, charcos, cerrados, etc. Em Roraima destaca-se o lavrado, o local não-florestado, conforme BARBOSA e MIRANDA (2005), um termo muito comum entre os habitantes locais e que vem sendo utilizado, com mais frequência desde o início dos anos 1990 (BARBOSA; MIRANDA, 2005, p. 61).

Para Wankler e Souza (2007), são várias as paisagens que podem ser encontradas no Estado de Roraima, desde topografias monótonas cobertas por florestas densas, até regiões montanhosas formadas por grandes e exuberantes serras. E, muitos desses “cenários” estão presentes nos versos da literatura local, principalmente na produção lítero-musical do Movimento Roraimeira. Partindo desse Movimento e outras manifestações artísticas, Eliakin Rufino destaca-se, principalmente quando o assunto são belezas regionais, paisagens, elementos regionais de Roraima. Para confirmar tais afirmações, existem várias obras do poeta que evidenciam tais exemplos. Verifica-se aqui, algumas dessas tantas que exaltam a terra roraimeense, como nos poemas: a “Cavalo selvagem”, “Gaia viva” e “Poeta de água doce”. Na poesia “Cavalo selvagem”, pode-se observar:

SUMÁRIO

Eu sou cavalo selvagem
não sei o peso da sela
não tenho freio nos beijos
nem cabresto
nem marca de ferro quente
não tenho crina cortada
não sou bicho de curral
eu sou cavalo selvagem
meu pasto é o campo sem fim
para mim não existe cerca
sigo somente o capim
eu sou cavalo selvagem
selvagem é minha alegria
de ser livre noite e dia
selvagem é só apelido
meu nome é mesmo cavalo
cavalo solto no pasto
lavrado todo atravesso
caminhos no campo eu traço
transformo galope em verso
eu sou cavalo selvagem
sou garanhão neste campo
eu sou rebelde alazão
sou personagem de lendas
sou conversa nas fazendas
sou filho livre do chão
eu sou cavalo selvagem
meu mundo é a imensidão.

(Rufino, 2011)

O poeta exalta as riquezas e diversidade do estado através das palavras: cavalo selvagem, pasto, capim, campo, lavrado, um chão rico, livre no mundo da imensidão, porém com o desejo de todos possuírem para tantos fins. Os cavalos selvagens vivem nos

SUMÁRIO

lavrados de Roraima, conhecidas como lavrado, por isso são conhecidos como cavalos lavradeiros. Animais que carregam em seus lombos outras histórias, história de uma colonização, de uma fuga, de uma liberdade. Em outra obra literária, Na poesia cantada “Gaia viva”, Eliakin Rufino apresenta seu livro com uma frase que diz muito sobre a obra: “Gaia é vida, é poema, é música”, percebe-se essa relação de amor à terra, como o próprio nome diz “Gaia”, deusa do planeta Terra, poderosa, mãe-Terra, uma obra que convida o leitor a admirar e pensar sobre a natureza, a refletir sobre a natureza e o homem através da poesia que pode ser lida ou cantada:

A pedra canta
a planta fala
o rio vê.
O vento sente
a chuva chora
o raio lê.
O peixe sonha
a rosa dança
tudo é o mesmo ser.
A nuvem sabe
a lua entende
o sol nascer.
O fogo escreve
a estrela dorme
o povo crê.
O céu esquece
a onda lembra
Tudo é o mesmo ser.
Gaia
Tudo está vivo
Tudo respira
Eu e você.

(Rufino, 2011)

SUMÁRIO

Partindo da ideia exposta por Rolando Barthes (2004, p. 64), de que “o nascimento do leitor deve pagar-se com a morte do autor”. Tem-se aqui a possibilidade de interpretar o texto de uma maneira mais solta, sendo assim, o leitor agora o autor, interpretam a poesia conforme sua bagagem de conhecimento, não fugindo ao assunto principal que é a mãe-Terra. Aqui uma poesia recheada da presença da figura de linguagem prosopopeia, onde todos os elementos que sentem, sabem, lembram, nascem, esquecem, dormem, respiram e creem tem o direito de viver, daí a importância da harmonia entre todos esses elementos, do cuidado com a natureza, pois matando a natureza, todos provavelmente morrerão. Várias poesias de Eliakin Rufino que também exaltam a natureza, estão presente na obra “Poeta de água doce”, com muitos títulos atrativos como: “Mudança das folhas”, “Pescador”, “Rios”, “Cruviana”, “Festa dos botos”, “Sentimentos cintilantes”, “Sol de verão”, “Boa Vista”, “Buritizeiro”, “Aquário, Asa de gaivota”, “Anaconda”, “Água viva”, “Vida e morte”, “Vida ligeira”, “Cavalo selvagem”, “Lavadeiras”, “Rumo do rio”, “Arquipélago interior”, “Miragem”, “Parixara”, Festa na fazenda, Linhas do destino, Quentura, Versos de maio, Cavalo encantado, Sílabas soltas, Foi Macunaima, Iniciação pela água, Vida marcada, O caboclo e o rio, Nascentes, Ribeira, Se fosse você e Vento. Muitas são as obras do poeta Eliakin que exaltam Roraima e suas paisagens, o próprio hino municipal de Boa Vista, capital de Roraima, traduz isso: “O Sol traz ao campo, verde esperança”. Partindo da presença e da riqueza do Regional nas obras de Eliakin Rufino, têm-se aí, a importância de outra questão a analisar: o diferenciar e relacionar o Regional e o Regionalismo, isto por não ser o mesmo, mas estarem sempre presentes em obras literárias regionais.

REGIONALISMO

Para alguns intelectuais e Chiappini (1995) deu sua contribuição afirmando que Regionalismo “(...) é um fenômeno universal,

SUMÁRIO

como tendência literária, ora mais, ora menos atuante, tanto como no movimento – ou seja, como manifestação de grupos de escritores que programaticamente defende, sobretudo, uma literatura que tem por ambiente, temas tipos, certa região rural...” (Chiappini, 1995, p. 153 e 154). Para a autora, esse seria “fenômeno universal”.

No texto sobre o Verbetes “Regionalismo” elaborado pelos professores Allison Leão, e Sheila Praxedes, presente no livro **(Novas) Palavras da Crítica** (Leão; Praxedes, 2023, p. 249-651), no que se refere ao Regionalismo na área literária, o texto parte da problematização de certas noções estabelecidas por vozes acadêmicas institucionalizadas, com isso, o assunto não fica só na historiografia literária brasileira, enfatiza outras categorias que estão sempre relacionadas com o regionalismo como, por exemplo, o nacionalismo, região, literatura regional, região cultural e outras. Na questão do que é considerado texto regional pela crítica no Brasil, o destaque vai para o critério que utilizam, que é o do universal (Leão; Praxedes, 2023, p. 649). Destaca-se ainda no texto a noção de regionalismo posta em debates em torno de pares “regional/nacional e local/universal, bem como localismo/cosmopolitismo...” (Leão; Praxedes, 2023, p. 650).

No Brasil, essa noção de regionalismo na literatura parte da junção de textos literários que trazem o lugar, como um elemento necessário para a fixação de uma identidade única. No entanto, houve a necessidade de uma divisão com os modelos europeus para assim construir uma identidade brasileira. (Leão; Praxedes, 2023, p. 651) Destaca-se ainda no texto, a noção de regionalismo, que é posta em debates em torno de pares “regional/nacional e local/universal, bem como localismo/cosmopolitismo...” (Leão; Praxedes, 2023, p. 650).

O regionalismo no Brasil, constituiu-se de uma tendência representativa da literatura brasileira, o da cor local, esta, conforme a crítica machadiana, surge com a intenção de reunir “discursos cujo mote seja capaz de fazer parecer que o lugar tem, de fato, uma

SUMÁRIO

“identidade”, única e marcante... e que defende uma certa homogeneidade regional que integra o nacional (Leão; Praxedes, 2023, p. 651)”.

Foi a partir do Movimento Pré-Modernismo, no período de 1930, que a literatura regional começa a construir uma identidade brasileira, o Regionalismo começa a ser visto como grande Movimento entre o local e o universal, destacando-se como uma das grandes obras brasileiras o “Grande Sertão Veredas” (1956) de Guimarães Rosa e Vidas Secas de Graciliano Ramos (1938).

Sobre essa relação do regionalismo e o universal temos essa grande contribuição de José Américo de Almeida, em *A bagaceira*, (1928) “O regionalismo é o pé-do-fogo da literatura, mas a dor é universal, porque é uma expressão de humanidade. E nossa ficção incipiente não pode competir com os temas cultivados por uma inteligência mais requintada: só interessará por suas revelações, pela originalidade de seus aspectos despercebidos”. Destaca-se aqui outras definições:

Baseando-se em ponto de vista de George Stewart, o autor chega a duas grandes definições de regionalismo: primeira, toda obra que tenha por pano de fundo alguma região particular ou que pareça germinar intimamente desse fundo; a segunda pressupõe que uma obra de arte só é tida com regional quando não apenas se localiza numa região, mas retira sua substância real, seu embasamento, do fundo natural (clima, topografia, flora, fauna) e da forma como estes elementos afetam a vida humana na região, e que considera as peculiaridades da sociedade humana estabelecida naquela região que a tornam distinta de qualquer outra. Esta última é a que ele toma como o sentido do regionalismo autêntico (Wankler; Nascimento, 2013, p. 77).

Itamar Vieira Júnior em sua fala em uma entrevista ao Programa Roda Viva – da TV Cultura, do dia 15 de fevereiro de dois mil e vinte soltou a seguinte frase “ A minha literatura não é regional,

eu escrevo a partir do meu centro, eu penso a minha literatura a partir da centralidade das nossas vidas, o que está ali é a perspectiva dos personagens, do autor, em um determinado cenário, mas ali estão questões e temas universais, como o direito à terra, o direito à vida, à liberdade... que são temas que atravessam todas as sociedades e todas as culturas, não só no Brasil, mas no mundo”

Sabe-se que analisar poesia não é assim tão fácil, conforme Candido “A linguagem da poesia é mais convencional e impõe uma atenção maior” (2006, p. 28). No livro **Na sala de aula**, Candido apresenta uma forma de análise mais precisa para a compreensão dos elementos mais básicos do poema, sugere ainda que: “Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista [...]. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível neste ofício (Candido, 2005, p. 7).

Na poesia “Cavalo selvagem”, de Eliakin Rufino, por exemplo, existe a presença de elementos regionais, tais como: o próprio cavalo selvagem, o lavrado, o campo sem fim, as lendas nas fazendas, ou seja, o que é considerado regional. Apresenta-se também nessa poesia elementos do Regionalismo como os ideais de características universais como o do pensamento do direito à vida, presente no terceiro ao quinto verso: “não tenho freio nos beijos nem cabrestos nem marca de ferro quente”; sobre o pensamento de liberdade, aparece no verso treze e quatorze essa reflexão: “selvagem é minha alegria de ser livre noite e dia...” Eliakin através de suas poesias, torna-se uma voz daqueles que buscam liberdade e que muitas vezes não sabem ou não tem como expor seus ideais de lutas, pois esse lugar de fala para os grupos dominados nunca foi comum, Dalcastagnè (2002) enfatiza o controle do discurso, partindo da denúncia feita pelo filósofo francês Foucault, sendo este controle do discurso, “a negação do direito de fala àqueles que não preenchem determinados requisitos sociais: uma censura social velada, que silencia os grupos dominados (2002, p. 36).

De acordo com Souza (2001), o período colonial deixou traços profundos na Amazônia, assim como em outras regiões. A fase do período colonial trouxe consigo uma racionalidade mercantilista e, na área da literatura, textos como o relato começaram a diminuir, dando espaço à poesia, à ciência e ao romance. A região da Amazônia nesse período continuou sendo um grande mistério para os brasileiros, quase sempre vítima, repetidamente abatida pelas simplificações, pela esterilização de suas lutas e pela neutralização das vozes regionais. Daí a razão dos poucos documentos e manifestações regionais da Amazônia e principalmente de Roraima.

A FIGURA INDÍGENA NA LITERATURA REGIONAL, NACIONAL E NO REGIONALISMO UNIVERSAL

Os primeiros habitantes de Roraima, por exemplo, os índios, eram tratados como verdadeiros bichos por estrangeiros, e o pior, sem voz e sem ninguém para representar essa voz, gritar por essa dor, relatar o seu desejo, escrever a sua história. Índios que viviam num cenário de guerra, numa luta constante por seus territórios e culturas, como se vê até os dias de hoje, muita coisa não mudou, porém, vozes foram surgindo com o passar do tempo, graças ao auxílio do meio intelectual, surgindo também organizações que hoje lutam por seus direitos sociais, intelectuais e culturais. Vozes que estão nas poesias, músicas, contos, crônicas e nas mais diversas formas de expressão.

Em muitas obras literárias no decorrer da história o índio sempre foi um ser sem voz, o que podia ser dominado como, por exemplo, em **Iracema**, na obra de José de Alencar, uma obra relevante para o Romantismo, a figura indígena entra em íntima comunhão

SUMÁRIO

com o colonizador, sendo personagens educados e civilizados, sendo a figura indígena uma “indígena boa”, representada através da personagem Iracema, uma indígena, que representava uma “Terra virgem”, a natureza que poderia ser tocada pelos portugueses sem nenhuma ideia de maldade por estes. Nessa prosa romântica de Alencar, não se fala das condições indígena, e nem da violência do colonizador para com o povo indígena. Deste modo, esta produção leva-nos a entender na existência de uma imagem ridicularizada dos indígenas, de que são selvagens, chegando a ser comparados com animais e primitivos, isto por diversos motivos, dentre eles, por não terem desenvolvidos avanços em termos de tecnologia, ou de não aceitarem a escravidão e assim serem chamados de preguiçosos. Entende-se aí, que desde muito tempo o povo roraimense, representado em tempos distantes pelo povo indígena, buscava por uma liberdade, ser dono de suas próprias terras, viver livre no seu mundo e com sua cultura, como diz a poesia “Parixara”, de Eliakin Rufino:

Vou-me embora pra maloca
sou amigo do pajé
farinha de mandioca
cuia cheia de chibé
Vou-me embora pra maloca
peixe paca buriti
carne seca pra paçoca
damurida caxiri
Vou pintar a minha cara
pra dançar o parixara
pé no chão roupa de palha
pra dançar o parixara
Cocar de pena de arara
pra dançar o parixara
noite alta lua clara
pra dançar o parixara

(Rufino, 1999)

SUMÁRIO

O poeta Eliakin Rufino em sua música “Tudo índio”, faz uma referência do indígena presente na cidade de Boa Vista, que não estão em suas aldeias por um motivo: o da busca de emprego, melhores condições de vida que já não existem mais em seus lugares de origem, daí a presença da população indígena urbana e as misturas de raças. Vivem em lugares periféricos e pobres, envolvidos por valores e normas peculiares da situação de contato interétnico destes com a sociedade envolvente. Fica fácil entender que na cidade é possível constatar as difíceis situações socioeconômicas da população indígena, isto enfatizado em vários versos da música “Tudo índio”. Temos como exemplo o verso: “Eu conheço yanomami que vende sorvete e um pedreiro taurepang que vive de biscate, as mulheres índias, longe da maloca e da floresta, sobrevivem como desempregadas domésticas...”

Em uma parte do hino do município de Boa Vista, capital de Roraima, a figura indígena, é vista com os mesmos direitos de vida às outras raças, nos versos em que diz assim: “São manhãs de luz, são novas crianças, o sol traz ao campo, verdes esperanças, para o povo índio, os negros e brancos, que semeiam vida pelos verdes campos.” No campo da literatura, Eliakin torna-se na região uma voz, a voz dos excluídos, pois muitas vezes até no campo da literatura essas vozes são suprimidas, caladas e excluídas, pois nesse espaço, como observa Regina Dalcastagné “se configura como um espaço de exclusão (2007, p. 18)”. Para Spivak:

Diante das estruturas do imperialismo “esse espaço dialógico de interação não se concretiza jamais para o subalterno. Pois, este é desinvestido de qualquer forma de agenciamento, de fato, não pode falar, (2010, p. 15)

Eliakin Rufino escreveu, no dia 15 de junho de mil novecentos e noventa e oito, um artigo para a *Folha de Boa Vista*, jornal da cidade de Boa Vista, capital de Roraima, e esse artigo com o tema “Infância

abandonada”, relata como eram tratadas as crianças pela sociedade naquele período, pois as praças e parques estavam abandonados, para o escritor, as crianças eram tratadas com desprezo, omissão e abandono. Tem-se aqui um escritor que denuncia a situação de uma sociedade, uma voz que clama por muitas vozes.

Na música “50 voltas ao redor do sol”, Eliakin menciona o universo como sua aldeia e o povo como a tribo. Em nenhum momento, identifica a raça indígena como uma raça inferior, isolada e legítima, os povos se misturam, ocasionando a formação de novos povos, que buscam encontrar sua identidade. Eliakin em suas poesias, geralmente musicadas, revela que seu traço comum é a forte ligação com marcas da vida, num ambiente marcado por fronteiras, habitadas por povos indígenas e não índios.

SUMÁRIO

CONCLUSÃO

A partir dos textos analisados de Eliakin Rufino, conclui-se que o autor exalta a região e o local em que nasceu, como um universo exuberante, diferente das demais regiões do Brasil, onde a natureza é marcada por suas muitas peculiaridades. Através de seu disco “DIZ (...),” demonstra prazer em ouvir e anunciar a língua, para ele tão necessária. Percebeu-se que apresenta em muitas de suas obras literárias características do Regionalismo não só local, mas universal, àquele que ultrapassa as fronteiras, que descreve as lutas, as dores universais, o desejo da liberdade, do respeito e igualdade. No seu disco, o poeta exalta a Amazônia, enfatiza a necessidade de recuperar o que se perdeu, referindo-se ao período da ditadura. E assim, Eliakin mostra em suas obras literárias o que vemos no nosso dia a dia: o direito dos povos indígenas sendo desrespeitados, o povo roraimense numa luta constante por dias melhores, mesmo

que vários elementos regionais muitas vezes apareçam nas poesias, músicas, histórias de uma forma louvável e de grande valor, não é assim que realmente são vistos no mundo real.

O fato é que várias obras de Eliakin Rufino, sejam elas músicas, poesias ou outras obras literárias, nos permite apreciar e analisar a literatura regional e o regionalismo inserido em seus ideais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Iracema**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

BARTHES, Roland. 1915-1980. **O rumor da língua** / Roland Barthes; prefácio Leyla Perrone- Moisés; tradução Mário Laranjeira; revisão de tradução Andréa Stahel M. da Solva. - 2ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CANDIDO, Antônio. **O estudo analítico do poema**. 5. Ed. São Paulo: Humanistas. 2006.

CANDIDO, Antônio. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. 8. Ed. São Paulo: Ática, 2005.

CARREIRO, Vivian de Aparecida Oliveira. A Cultura Regional Roraimense na produção dos poetas: Devair, Fioroti, Eli Macuxi e Zanny Adairalba. **Dissertação**. Datada de 2008 a 2012. - Boa Vista, 2014. 101 f.

DALCASTAGNÈ, Regina. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 20. Brasília, julho/agosto de 2002, pp.33-87.

FEITOSA, Suênia Kdidja Araújo. **Recepção do Movimento Roraimense: identificação, apropriação e construção identitária** / Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem e Cultura Regional) - Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014. 106 f.

FERREIRA, Patrícia Martinho. "José Luís Jobim, Nabil Araújo e Pedro Puro Sasse (orgs.), (Novas) Palavras da crítica, 2021" **Portuguese Literary and Cultural Studies** (2023): 306-309.

RUFINO, Eliakin. **GAIA VIVA**: Ilustrações de GRAÇA LIMA. - 1ª. Ed. - Loerna: UK' A Editorial, 2022.

RUFINO, Eliakin. **Poeta de água doce**. Rio de Janeiro. - 2. Ed. - Editora Blocos, 1999.

SUMÁRIO

RUFINO, Eliakin. **Cavalo selvagem**. Organização e apresentação: Tenório Telles. Manaus Valer, 2011.

RUFINO, Eliakin. **Poeta do mundo verde** - disponível em <https://poetadomundoverde.com.br/eliakin-rufino/> Trajetória- Eliakin Rufino- Acesso em 12 de janeiro de 2024.

WANKLER, Cátia Monteiro, Souza, Glaciele Harr de. **Estudos de Literatura de Roraima: uma abordagem multidisciplinar e pluricultural**. *In*: Revista Eletrônica da Universidade de Roraima, 2007.

Selmar de Souza Almeida Levino, Flávio Corsini Lirio. **Panorama Cultural de Roraima**. Organizadores. Boa Vista- RR: Editora da UFRR, 2016. 222 p.

Silva, Tiago Cardos da. **O poeta do mundo verde e o movimento roraimeira: a trajetória de Eliakin Rufino** (1984 a 2000) / Tiago Cardoso, 2021. 55f.:il.

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**-2ª Ed., revista e ampliada.- Rio de Janeiro: Agir, 2001.

WANKLER, Cátia Monteiro, NASCIMENTO, Cléo Amorim. Margens, Centralidades e Novos paradigmas Conceituais: a Literatura de Roraima, Regionalismo e Topofilia. **Cadernos de Literatura Comparad**. nº29 - 12/2013/ Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa /disponível em: www.ilcml.com.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

7

*Lucineth Salgado Barroso
Moema de Souza Esmeraldo*

LITERATURA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA:

A AUDIODESCRIÇÃO
DOS LIVROS DE ZEZÉ MAKU
COMO RECURSO DE INCLUSÃO

SUMÁRIO

RESUMO:

A escola – ambiente plural que recebe pessoas com múltiplas particularidades, dentre elas as Pessoas com Deficiências- PcD – que enfrentam inúmeros percalços no seu cotidiano. Desse modo, buscar meios de inclusão é papel de todos da comunidade escolar. Nesse contexto, esta proposta de trabalho pretende investigar as tecnologias assistivas como arcabouços que precisam ser inseridos nas práticas de ensino e aprendizagem. Pretende-se apresentar uma pesquisa teórica e prática a partir da audiodescrição de livros da literatura infantil como forma de contribuição para a inclusão de Pessoas com Deficiências no ensino fundamental de uma escola pública de Boa Vista. O uso dos meios tecnológicos no ambiente escolar ainda é incipiente, talvez pelo fato de muitos professores não terem o domínio ou o acesso aos recursos tecnológicos disponíveis atualmente. É neste sentido que se propõe, conforme Lei Brasileira de Inclusão 13.146/15, a inclusão da Pessoa com Deficiência-PcD, utilizar a audiodescrição, a partir do uso de livros do escritor Zezé Maku (2015). Este trabalho justifica-se pelo fato de que a audiodescrição consiste em um importante meio tecnológico que possibilita o acesso ao mundo da leitura pelas pessoas com deficiências, conforme Nascimento (2020) que compreende a audiodescrição como um recurso que traduz imagens em palavras possibilitando às pessoas com deficiência visual conhecer características de objetos por meio da audiodescrição, ou seja, por meio de uma técnica de leitura de imagens.

PALAVRAS-CHAVE:

Audiodescrição; Educação Inclusiva; Literatura infantil.

INTRODUÇÃO

As Pessoas com Deficiências-PcD enfrentam inúmeros percalços no seu cotidiano e, no ambiente escolar, não é diferente. Este artigo pretende apresentar resultados parciais de um estudo teórico e prático sobre as tecnologias assistivas com ênfase na audiodescrição de livros da literatura infantil como meio de inclusão das Pessoas com Deficiências (PcD) de uma escola, no município de Boa Vista/RR.

Desse modo, buscar meios de inclusão é papel de todos da comunidade escolar. As tecnologias assistivas são arcações que precisam ser inseridos nas práticas de ensino e aprendizagem, mas, apesar de estarmos na era da tecnologia, o uso dos meios tecnológicos, ainda é incipiente, pelo fato de muitos professores não terem o domínio ou o acesso aos recursos tecnológicos disponíveis.

As formações para a inclusão por meio das tecnologias assistivas são de máxima urgência, uma vez que negar a tecnologia é, de certa maneira, danoso à aprendizagem dos alunos no tocante à era digital. É, neste sentido, que se propõe, conforme Lei Brasileira de Inclusão n.º 13.146/15, a inclusão das Pessoas com Deficiências pela audiodescrição a partir do uso de livros das literaturas infantil do escritor Zezé Maku em que de maneira lúdica trata valorização da fauna e da flora amazônica.

Diante do exposto, esta proposta de trabalho justifica-se pelo fato de que a audiodescrição consistir em um importante meio tecnológico que possibilita o acesso ao mundo da leitura pelas PcD's, o que gerará uma integração entre professores, alunos típicos e até mesmo as pessoas com deficiência. Assim, pretende-se analisar a audiodescrição de livros da Literatura Infantil como forma de inclusão de pessoas com deficiências, bem como pesquisar sobre a importância da audiodescrição de livros da literatura infantil como forma de inclusão de pessoas com deficiências; analisar as diferentes

SUMÁRIO

maneiras pelas quais a audiodescrição de livros da literatura infantil pode contribuir na vida escolar de pessoas com deficiências; e demonstrar os resultados da experiência do uso de audiodescrição no processo de ensino e aprendizagem de pessoas com deficiências.

Atualmente, com os avanços tecnológicos surgem importantes recursos de ensino e aprendizagem, neste sentido, este estudo propõe problematizar de que maneira a audiodescrição de livros da literatura de livros da literatura infantil podem contribuir para a inclusão de pessoa com deficiência? Como a audiodescrição pode contribuir com o processo de ensino aprendizagem ao ser utilizada como recurso para o trabalho pedagógico com alunos PcD, do ensino fundamental da Escola Municipal Marly Martins Paz? Neste contexto, busca-se estudar, para refutar ou não, se a utilização da audiodescrição de livros da literatura infantil contribui como meio de inclusão no processo de aprendizagem de pessoas com deficiências.

Na atualidade, percebe-se a necessidade da prática da inclusão por meio da leitura e do uso da audiodescrição de livros da literatura infantil, uma vez que se trata de um importante recurso tecnológico que poderá contribuir com a formação de leitores e propiciar ao educando uma aprendizagem mais prazerosa. Deste modo, esta pesquisa surgiu da inquietação em observar que muitos professores, mesmo estando na era digital, que ainda não usam a tecnologias como formar incluir as pessoas com deficiências.

Assim, pretende-se chegar aos resultados por meio de um estudo teórico e prático sobre o uso da audiodescrição de livros da literatura de infantil pode contribuir com o trabalho pedagógico de leitura literária de maneira prazerosa, além de corroborar com o ensino e a aprendizagem de pessoa com deficiência.

Diante do exposto, trata-se de um pesquisa teórica e prática que tem como metodologia a pesquisa bibliográfica e qualitativa, bem como a observação sistemática com possibilidade de realização de uma pesquisa ação.

No primeiro momento, serão realizadas pesquisas bibliográficas sobre a temática da audiodescrição e a trajetória do uso dessa ferramenta como recurso didático no Brasil. No segundo momento, pretende-se desenvolver um produto educacional que visa utilizar a audiodescrição como ferramenta pedagógica para o ensino de literatura a partir da obra de um autor local.

Diante dessa proposta, pretende-se realizar a seleção dos livros da literatura infantil do escritor Zezé Maku referente a fauna e flora amazônica para realização das audiodescrições. Em seguida, a intenção será de gravar audiodescrições com colaboradores que irão narrar um ou dois livros do escritor Zezé Maku com o uso do recurso software Audacity e plataformas digitais como Spotify e Anchor para acesso das pessoas com deficiências.

SUMÁRIO

LITERATURA E INCLUSÃO

Em suma, pretende-se obter como resultado desta pesquisa um produto educacional desenvolvido a partir de audiodescrições de livros infantis do escritor Zezé Maku em que tem como principal foco a valorização da fauna e flora local, entre os pontos em contextos por meio lúdico, está abordagem da extinção de animais da floresta amazônica, que serão narrados por duas colaboradoras que já conheçam a dinâmica da educação inclusiva, com o uso do recurso software Audacity para gravação e edição. O produto gerado - audiodescrições - poderá ser acessado, a princípio, por meio das plataformas Spotify e Anchor para acesso das pessoas com deficiências e outros meios de divulgação institucionais serão aventados.

José Miranda de Aquino ou Zezé Maku é um poeta e nordestino vindo do Maranhão para Roraima, onde exerce a função de educador no serviço público há mais de 40 anos, é mestre em Crítica

SUMÁRIO

Literária, pelo Programa de Letras/PUC-Goiás desde 2023, tendo importante contribuição para a literatura do estado de Roraima, levando a cultura amazônica ao conhecimento de todo o Brasil. Zezé Maku tem dez obras publicadas, sendo sua mais recente *“O Reino da Poesia e a casa de Zezé Maku”* publicado em 2022.

Em sua trajetória tem reconhecimento por sua trajetória como poeta verde, ambientalista, ecólogo e defensor da flora e fauna amazônica, em que dá ênfase na defesa da floresta e seus animais caracterizados em suas obras literárias em suas formas físicas e beleza peculiar.

O poeta Zezé Maku ressalta em suas obras os animais, já foram extintos, as exemplo o *“Limpa-folha-do-Nordeste”* e outras espécies que se encontram ameaçados na atualidade, de formar lúdica expõe sua preocupação e amor pelo verde amazônico e suas múltiplas diversidades.

Desse modo, selecionamos o livro mais recente do autor *“O Reino da Poesia e a casa de Zezé Maku”* para realizar um trabalho pedagógico de de audiodescrição desse livro para crianças com deficiências visuais. O intuito dessa pesquisa que além de teórica é prática será construir um produto educacional que envolva leitura literária, audiodescrição e inclusão de pessoas deficiente visual, o que definimos como produto educacional.

De acordo com Pagán (1995) os Produtos Educacionais podem ser entendidos como todos os instrumentos e meios que fornecem diretrizes para contribuir na tomada de decisões tanto na planificação quanto na intervenção direta no processo de ensino. Por isso, posteriormente, as audiodescrições serão disponibilizadas como recursos pedagógicos para a disseminação das tecnologias assistivas, estabelecendo a possibilidade de conexão entre ensino e aprendizagem, já que se trata de uma realidade necessária na sociedade contemporânea.

SUMÁRIO

Uma escola inclusiva deve seguir a legislação referente a essa modalidade, buscando desenvolver práticas metodológicas que apreciem as potencialidades de cada um de seus indivíduos e suas contribuições ativas, e não focar demasiadamente nas impossibilidades, nas deficiências (Rodrigues, 2006).

Pelo fato de a tecnologia assistiva ser de caráter multidisciplinar, é importante sua inserção no fazer pedagógico dos professores e no processo de aprendizagem dos alunos, dentre eles, as pessoas com deficiências, uma vez que se trata de produtos, recursos, metodologias e estratégias de ensino que facilitam a consolidação das habilidades e competências das pessoas com deficiências.

Segundo Livia Maria Vilela de Mello Motta e Paulo Romeu Filho (2010) no texto *Audiodescrição: transformando imagens em palavras* discutem sobre um importante recurso tecnológico que pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem de pessoas com deficiência que é a audiodescrição, que facilita o entendimento não só das pessoas com deficiência visual.

A pesquisa realizada por Rabêlo (2023) intitulada *Audiodescrição como recurso de tecnologia assistiva* para inclusão educacional de estudantes com deficiência visual busca analisar e discutir, a partir da perspectiva dos professores, de que forma o uso da audiodescrição, no contexto escolar, propicia a inclusão de estudantes cegos e com baixa visão, por exemplo. Nesse sentido, prover recursos de tecnologia assistiva é fator indispensável para que diversas barreiras sejam eliminadas, favorecendo, assim, que o processo de ensino e aprendizagem seja vivenciado pelos estudantes de modo efetivo.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que a audiodescrição ainda é pouco difundida no contexto escolar investigado. Embora uma parte dos professores tenha uma noção do que se trata esse recurso, a maioria não se sente segura para implementar a AD

em suas aulas, atribuindo-a aos profissionais de apoio escolar ou à professora de Braille a realização da tarefa.

Em consonância a esses estudos, porém na perspectiva da formação de leitores literários Fernanda Gritti (2021), no estudo Audiodescrição: a inclusão através da tradução audiovisual no universo literário infantojuvenil analisa as audiodescrições de ilustrações presentes em quatro textos literários voltados ao público infantil cego ou com baixa visão, com o intuito de repensar definições tradicionais de literatura e leitor, observando qual o papel do leitor no processo de leitura; problematizar a cultura grafocêntrica e a iconofobia; analisar as concepções de inclusão reforçadas pela Lei nº 13.146/2015, a qual garante o direito, dentre outros, de que a literatura seja acessível a todos os públicos.

Ainda visando fundamentar a discussão sobre a importância e o direito à recepção da literatura será aprofundada a discussão de como a literatura contribui como a formação humana e a humanização dos sujeitos conforme Antonio Cândido (1995) no texto “O direito à literatura” enfatiza que a literatura é indispensável à formação do ser humano, tanto no plano da alta cultura como na esfera da cultura popular. Sendo que a carência de fabulação é presente no indivíduo, e o acesso a esse incompressível bem obedece ao princípio da igualdade e da não discriminação.

A literatura tem o papel de humanizar, porque faz o homem vivenciar diferentes realidades e situações. É uma necessidade universal que deve ser satisfeita, pois, dando forma aos sentimentos e à visão do mundo, tem a capacidade de organizar o caos que há dentro do homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura por ter sua função humanizadora é imprescindível para a educação inclusiva. Ao fazer da leitura literária uma

prática pedagógica – desenvolvida de forma sistematizada, estimulada e mediada por profissionais do ensino – potencializa o sujeito em sua busca por autonomia. A literatura tem um papel importante na formação do imaginário, e a prática do uso da literatura infantil como meio de inclusão é de expressiva importância para o processo de ensino e aprendizagem de pessoas com deficiências.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 1995. p. 169-91.

GRITTI, Fernanda. **Audiodescrição: a inclusão através da tradução audiovisual no universo literário infantojuvenil**. 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras) –Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, 2021.

MOTTA, Livia Maria Vilela de Mello; ROMEU FILHO, Paulo (Orgs.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010. PAGÁN, J. B. Función didáctica de los materiales curriculares. Pixel Bit. Revista de Medios y Educación, v. 5, p. 29-46, 1995.

RABÊLO, Aline Costa. Audiodescrição como recurso de tecnologia assistiva para inclusão educacional de estudantes com deficiência visual. 2023. 113 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Científica, Inclusão e Diversidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação Científica, Inclusão e Diversidade, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Feira do Santana, 2023.

MAKU, Zezé. **O reino de Makunaima e sua chefia da fauna**. Boa Vista: Edição do autor, 2015.

NASCIMENTO, Ricardo Augusto Lins. Desenvolvimento de um portal de objetos em audiodescrição: Recurso de tecnologia assistiva para inclusão de pessoas com deficiência visual - "BOCAWEB" 2020. 206 f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados/MS, 2020.



8

Roberta Sagica Gomes

PARICHARA:

TRADIÇÃO DO POVO
WAPICHANA

SUMÁRIO

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo o estudo do *Parichara* no Povo Wapichana, dando destaque a três cantos de *parichara* mais conhecidos na região Serra da Lua: "Waparicharapan", "Damuryd" e "Aichikary kynynnaa". Para tanto, partiremos da concepção de que as tradições, costumes e narrativas vivenciadas por meio do *Parichara* desempenham um rico processo de socialização da identidade do Povo Wapichana.

PALAVRAS-CHAVE:

Tradição; Wapichana; Parichara.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de abordar aspectos dos conhecimentos do povo Wapichana mediante a apresentação e à análise do *Parichara* como elemento de cultura que vai muito além de uma dança: trata-se de uma tradição do Povo Wapichana que envolve uma gama de valores a ser estudada e divulgada para a população.

Nessa perspectiva, acredita-se que esta investigação será norteadora para aprofundar discussões e contribuir para a construção de novos olhares no que tange o canto, a dança e a cultura do Povo Wapichana, em especial no que diz respeito ao *Parichara*.

Percebe-se que é de grande relevância acadêmica, intelectual e cultural conhecer mais a fundo os rituais que organizam as visões de mundo de diferentes povos. Nesse sentido, na qualidade Wapichana, posso afirmar que o *Parichara* é uma manifestação cultural que vai além da dança e do canto, abrangendo um contexto muito mais amplo e rico que o da dança em si.

A dança do *Parichara* tem sido estruturada por meio de uma grande variedade de rituais, os quais possuem diversos usos e significados para o povo Wapichana. Tomemos como exemplo o *wakunaykian*, (termo que significa, em Wapichana, “estamos alegres”), que transmite um momento de alegria pelo encontro de povos em um único lugar. Já no *Parichara Waparicharapan* se transmite o orgulho de ser wapichana, valorizando as bebidas tradicionais.

De outra perspectiva, o *Parichara Damuryd* ressalta a culinária indígena que se baseia na simplicidade e na utilização de ingredientes regionais como peixe, tucupi, pimenta e outros; enquanto o *Parichara Aichakary kynynnaa* é composto sob a forma de um canto em homenagem ao dia do povo indígena, comemorado no dia 19 de abril. Essa última versão se traduz como um ato de união e resistência no contexto histórico de afirmação de identidade que nos remete

uma expressão de orgulho e de pertencimento como membro do povo Wapichana, assim como nosso amor à terra de origem e a valorização dos saberes dos anciões.

O POVO WAPICHANA E O *PARICHARA*

Os povos indígenas da etnia Wapichana são oriundos da Guiana e do Brasil e vivem nas proximidades da fronteira entre o Brasil e a Guiana, principalmente no interflúvio dos rios Branco e Rupununi. Sua língua materna recebe o mesmo nome do seu povo “Wapichana” que é uma língua da família Aruak. Sua população no Brasil é estimada em mais ou menos 13 mil indígenas que estão presentes nas regiões de Surumu, Amajari, Tabaió e na Serra da Lua entre o rio Tacutu e rio Branco, suas comunidades contam com uma população mista, de Wapichana e Macuxi.

Os wapichana viabilizam sua renda por meio da agricultura da mandioca, milho, abobora, produção de farinhas, beiju, tapioca, caça, pesca, coleta de sementes e artesanato em porcelana, barro, fibras de algodão e palha de buriti. Utilizam técnicas tradicionais em seus plantios, fazem mutirões para realizar trabalhos coletivos e individuais, suas comunidades recebem projetos de incentivos à produção agrícola, agropecuário, suíno cultura e avicultura ofertado pelo conselho indígena de Roraima- CIR e realizam uma vez por mês reuniões comunitárias, assembleias regionais e estaduais onde são debatidos e consultados seus projetos comunitários.

Na atualidade podemos ver alguns indígenas Wapichana se destacando no cenário nacional, como, por exemplo: a Ex-Deputada Federal Joenia Wapichana, eleita a primeira deputada indígena; assim como na produção artística, podemos citar o indígena Cristino Wapichana, autor do livro *A Boca da Noite*. Além disso, Cristiano

SUMÁRIO

também é contador de história, músico, compositor e cineasta. Já na composição de *Parichara* temos o professor Wapichana, compositor e tradutor Geraldo Douglas, que tem mais de 50 *Paricharas* de sua autoria.

A cultura dos Wapichana é rica e diversa, conta com muitos rituais, mas o mais conhecido é o *Parichara*, que é uma dança de celebração e gratidão que é realizado em ocasiões especiais, como colheitas, festas comunitárias, casamentos e manifestações, recepções e atualmente em competições locais, regionais e também serve de mostra de cultura na recepção de autoridades. Os cantos e danças se fazem presente no dia a dia da comunidade, sendo elemento de suma importância para manter e fortalecer os costumes tradicionais.

Para Barros (2009, p. 10), os cantos e as danças estão intrinsecamente ligados aos sentimentos (alegria, tristeza), saudações, comunicação e identidade. É exatamente essa a função do *Parichara* como elemento da nossa cultura.

Nestas competições são utilizados cocares feitos com penas de animais, na cabeça; ao passo que o corpo dos integrantes é pintado com tinta extraída do jenipapo e do urucum. Também são amarradas cabaças pequenas em varas ou amarradas nas saias feitas de algodão, ou de fibra de buriti. Entre os adornos se destacam colares e pulseiras de sementes, com penas coloridas; e alguns participantes tocam instrumentos feitos de bambu e sementes, que produzem sons variados e bem ritmados. Os integrantes dos grupos de *Parichara* dançam em círculo cantando e bebendo *caxiri*, enquanto o pajé faz a defumação em agradecimento a natureza e seus antepassados.

Para Koch Grunberg (2006), Alvarez (2009), Barros (2009) dentre outros os cantos e danças indígenas estão relacionados com o universo cósmico, com os mitos, rituais, lendas, purificações, invocações e fenômenos sobrenaturais.

De acordo com Nádía Farage:

SUMÁRIO

determinadas plantas mágicas – wapananinau em Wapixana – são comumente usadas pelos xamãs em razão de sua potência fônica vocal; estas plantas se manifestam, sobretudo, pelo canto: “são alma que, por sua vez, é a potência da fala em grau eminente, o canto”, ou seja, “em canto os wapananinau se manifestam, e mesmo no interior de um maracá vivem, falam e sobretudo cantam” (Farage, 1997, p. 76-77).

Esse tipo de *Parichara* citado pela escritora Farage (1997, p. 77) é utilizado em sessões de reza ou de cura, e só podem ser usados pelo pajé, pois são cantos sagrado e cujo uso se dá dentro de todo um ritual a ser seguido, o qual exige conhecimento do poder das plantas. Essa modalidade de *Parichara* não pode ser usado em apresentações em hipótese alguma.

O *Parichara* é uma forma de expressão da identidade Wapichana, pois é por meio dele que é transmitido sua cosmovisão e seus conhecimentos ancestrais para as novas gerações, que aprendem desde muito cedo a dançar e a cantar o *Parichara* nos eventos comunitárias.

Conforme Ailton Krenak, (1989, p. 1), na nossa tradição um menino bebe o conhecimento do seu povo nas práticas de convivência, nos cantos, nas narrativas. Os cantos narram a criação do mundo, suas fundações e seus eventos. Então, a criança está ali crescendo, aprendendo os cantos e ouvindo as narrativas.

A citação de Ailton Krenak define a importância da oralidade para os povos indígena e da sabedoria dos anciãos que estão repassando conhecimento aos mais novos que muitas vezes não encontramos em livros.

Os cantos entoados durante a apresentação do *Parichara* discorrem sobre a natureza, os animais os antepassados e deuses. Eles são repetidos durante a dança geralmente em círculo com as mãos dadas e com batidas com o pé direito onde crianças, jovens e anciões cantam e dançam o *Parichara*.

SUMÁRIO

Para Devair Antonio Fiorotti (2018), nos dias atuais, o *parichara* é usado principalmente em ocasiões comemorativas ou mesmo festejos como representação do que era o *parichara*, sua história. Hoje se fala em grupos de *parichara*, assim como grupos de dança, no sentido usado pelos não indígenas. Nas comunidades de interlocução, em sua quase totalidade, o *parichara* não faz mais parte de um uso coletivo como era no passado. Tornou-se, ainda, sinônimo de dança indígena, incluindo, às vezes, até outras músicas tradicionais, como tukui, por exemplo, que são dançadas como sendo *paricharas*.

Conforme citado por Devair Antonio Fiorotti o *Parichara* é a atração principal dos festejos nas comunidades indígenas ainda que haja alterações em seu formato, mesmo assim está presente nos festejos como, por exemplo: o festejo do artesanato que ocorre anualmente na comunidade indígena Novo Paraíso, vem vários grupos de *Parichara* das comunidades vizinhas se apresentar e concorrer ao prêmio do melhor grupo.

Este evento tem o intuito de fortalecer a cultura por meio de apresentações dos grupos de *Parichara* da região que vêm em busca de ganhar a premiação e de abrilhantar o festejo com a sua participação. Nesses festejos, cada grupo é avaliado pelos trajes, pela pintura, pelo canto, pela dança, pela qualidade da dramatização e pela quantidade de participantes, assim como pela animação e pelos instrumentos tradicionais utilizados na apresentação, entre outros.

A comunidade Indígena Novo Paraíso está situada na Terra Indígena Manoá / Pium na Região Serra da Lua no município de Bonfim, e tem aproximadamente uma população de 405 indígenas, em sua maioria falantes da Língua Wapichana. Nessa comunidade tem dois grupos de *Parichara*: o primeiro Painha, u'Wizei Dainhau (Filho do Novo Paraíso), é coordenado pela professora Joice Alberto e possui 26 componentes; já o segundo grupo, Wadaynhau (Nova Geração) é coordenado pela senhora Rosa Ângela e tem 20 integrantes.

Os grupos ensaiam seus passos imbuídos de um só propósito, que é o de transmitir alegria, apreciação da cultura e interação com os visitantes.

A REGIÃO SERRA DA LUA E O *PARICHARA*

Conforme a narrativa do Povo indígena da etnia Wapichana, que possui registros no livro de **Protocolo de Consulta da Serra da Lua**, observa-se:

A Região Serra da Lua concentra a maior parte dos wapichana. Ela recebeu esse nome por conta de um grupo de wapichana que viajava pela a região, quando em certa noite percebeu um reflexo muito brilhante sobre uma serra. O reflexo tinha formato de lua e chamou a atenção dos viajantes, que consultaram os pajés para entender o que viram. Foram várias noites de trabalho dos pajés, até que chegaram à conclusão de que aquele brilho era emitido por uma grande pedra com formato de lua. Mas essa pedra não era comum, ela era sagrada e tinha um dono que a protegia, por isso, ninguém deveria olhá-la por muito tempo ou se aproximar dela. A pedra tinha uma força sobrenatural, que poderia fazer as pessoas adoecerem e até mesmo desaparecerem. Este reflexo pode ser visto ainda hoje numa serra próxima a comunidade Muriru. Dizem os pajés que muitos espíritos protetores da natureza habitam aquele local. É por isso que o povo wapichana chama a região de Serra da Lua (2005, p. 07).

A narrativa “pertence a uma cultura, inscreve-se em uma história social, insere-se em um sistema de convenções, que regulam inclusive sua forma, seu gênero, etc.” (Jobim, 1996, p. 98). A referida região está localizada ao leste do Estado de Roraima abrange dois Municípios: Bonfim e Cantá, composto por 32 (trinta e duas)

SUMÁRIO

comunidades indígenas, que são as seguintes: no Bonfim: Cachoeirinha do Sapo, Pium, Cumaru, São João, Manoá, Novo Paraíso, Alto Arraia, Jacamim, Wapum, Água Boa, Marupá, Bom Jesus, Jabuti, Moscow, Muriru; já no município do Cantá: Malacacheta, Jacamizinho, Gavião, Mirixi, Bacabal, Rabixo, Pato, Jenipapo Canaúanim, Campinho, Barro Vermelho, Taba Lascada, Laje, Campinarana, Inajá, Maranta.

Todas as comunidades componentes da Região Serra da Lua possuem sua organização administrativa própria e participam de projetos de trabalhos coletivamente através de suas Assembleias Regionais e Estaduais. Para Ribeiro (1995), os povos indígenas permanecem na luta pela conservação das tradições, dentre estas destacamos os cantos e as danças. E neste contexto podemos considerar a dança e o canto como um movimento de resistência cultural.

O *Parichara* na região Serra da Lua se faz presente em festejos, recepções e assembleias. O mais conhecido dos *Parichara* é o “Waparicharapan, Waparicharapan” veja, a seguir, a letra dele na Língua Wapichana e na Língua Portuguesa:

PARICHARA NA LÍNGUA WAPICHANA

Waparicharapan, Waparicharapan
Waynau wapichannau, wa aidian wakadyz
Waparicharapan waparicharapan
Waynau wapichannau, wa aidian wakadyz

Watyzan para kari
Watyzan sawarau
Watyzan mazi kia'a
Watyzan tubuchia'a

(Geraldo Douglas)

NA LÍNGUA PORTUGUESA

Nós dançamos parichara
Nós dançamos parichara
Nós somos wapichana
Mostrando nossa cultura

Nós bebemos pajuaru
Nós bebemos caxiri
Nós bebemos aluá
Nós bebemos mocororó

A letra deste *Parichara* é uma expressão de êxtase da cultura wapichana, celebrando tanto a dança quanto as bebidas tradicionais, bem como destacando a importância das práticas culinárias e sociais na cultura Wapichana. Podemos identificar a dança como um ato de identidade cultural, união e exibição cultural.

No trecho “Nós somos Wapichana” é uma declaração de pertencimento, valorização e orgulho da cultura wapichana. Já no verso “Mostrando nossa cultura” é um convite as karaiwas (brancos/não indígenas) a aprender e apreciar a riqueza da cultura Wapichana a fim de promover conhecimentos ancestrais deste povo e difundir a cultura wapichana.

A letra do *Parichara* a seguir é uma celebração da culinária Wapichana, destacando - a Damurida. Um prato típico com a base de carne de peixe ou caça assada, ou não, cozida junto com muitas pimentas e folhas da pimenteira, tucupi e sal.

PARICHARA NA LÍNGUA WAPICHANA

Damuryd didiada tym
Damuryd kanyzy tym
Damuryd kupay tym
Damuryd kadyny ‘u

SUMÁRIO

*Baukup kunai kii, waniken damuryd
Watyzan parakari bixua 'u na 'ik
Kibiau.*

*Baukup kunai kii, waniken damuryd
Watyzan parakari bixua 'u na 'ik
Kibia'u.*

*Damuryd kapaxi id
Damuryd puaty id
Damuryd bakyry id
Damuryd kadyny 'u
(povo wapichana/macuxi)*

NA LÍNGUA PORTUGUESA

*Damurida de pimenta
Damurida com tucupi
Damurida de peixe
Damurida saborosa*

*Juntos alegres, comenos damurida
Bebemos caxiri muito doce e amargo*

*Juntos alegres, comenos damurida
Bebemos caxiri muito doce e amargo*

*Damurida de tatu
Damurida de macaco
Damurida de caititu
Damurida saborosa*

Ao observar a letra do *parichara* "Damurida" podemos conhecer a variedade desse prato típico da culinária dos povos indígenas

de Roraima, a damurida. Feita com muita pimenta, com tucupi, de peixe, de tatu, de macaco e de caititu. Ao cantar e dançar esse *Parichara* podemos mostrar a diversidade da culinária tradicional e manter os costumes dos antepassados vivos nos dias atuais.

E assim, destacar a importância da comida e da bebida na cultura wapichana não apenas como sustento, mas como uma forma de celebração das riquezas que a natureza nos disponibiliza no dia a dia.

Ao citar os diferentes tipos de damurida, é possível mostrar a diversidade de sabores e ingredientes utilizados na culinária Wapichana. “Damurida saborosa” enfatiza o prazer e a satisfação que este prato proporciona, sugerindo que é uma comida muito apreciada pelos Wapichanas.

Já na estrofe “Bebemos caxiri muito doce e amargo” indica a riqueza dos sabores do caxiri, bem como a apreciação de diferentes paladares na população wapichana.

PARICHARA NA LÍNGUA WAPICHANA

Aichikary kynynnaa

Baydap, diaytam, idikinhayda’y, paminhaytamkii, bakaiayda’y.

Waynau wry’y wapichannau, mixiu wry’y kayzyd sannau.

Aizii kamuu wakunaynaykikidian aichakariwei kamun wa’at.

Mazan waynau at aunaa, ipei kamuu waynau kamuun.

Iwa’at aizii un inhawyznau imaunapdin undadukuunau.

Aunaanaa ikibeazu’unaa, waynau manawyn Ruuraima sannau.

Dukuzyynau baukuptinhan, papaanau na’ap kapam.

Mawysnau na’ik tuminnarynau manawyn kawiziinhau.

(Geraldo Douglas)

LINGUA PORTUGUESA

Um, dois, três, quatro e cinco

Somos mesmo wapichana, os verdadeiros da serra da lua

Escolheram esta data, e com isso, nos alegraram mais pra

*Nós somos todo dia, celebramos, o nosso dia.
Venha pra cá meu irmão não devemos ter vergonha
Somos os verdadeiros roraimenses
Os anciões estão se juntando, as meninas e os meninos
São os verdadeiros donos da terra.*

O *Parichara* "Aichikary kynynnaa" é um canto em homenagem ao dia do povo indígena comemorado no dia 19 de abril, é um ato de união e resistência no contexto histórico de afirmação da identidade que remete uma expressão de orgulho de pertencimento do povo Wapichana e amor a sua terra de origem. Citado no verso "Somos mesmo Wapichana, os verdadeiros da serra da lua". E, continua: "escolheram esta data, e com isso, nos alegraram mais pra nós somos todo dia, celebramos, o nosso dia" eles declaram ser os verdadeiros roraimenses que valorizam os conhecimentos dos anciões e que estão lado a lado com a nova geração compartilhando conhecimento e colocando-o em prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo inicial, podemos concluir a importância da preservação da cultura do povo Wapichana através da dança do *Parichara*. Conforme observamos neste artigo, existem três Paricharas que se destacam entre a maioria, pois ressaltam a identidade, valorização da cultura, a culinária, o sentimento de pertencimento e resistência do povo Wapichana e a valorização dos conhecimentos dos anciões.

Podemos ver que ainda há uma grande demanda para expandir e ampliar as discussões e conhecimentos sobre a contribuição da cultura do povo Wapichana através do *parichara*, ainda é preciso aprofundar-se em estudos que detalhe mais a fundo este tema, por meio de colaboradores em suas narrativas, pois o povo Wapichana ainda tem muito a declarar sobre as suas vivências.

REFERÊNCIAS

BARROS, Benedita. **Anais do seminário propriedade intelectual e patrimônio cultural:** Proteção do Conhecimento e das Expressões Culturais Tradicionais. Belém 2005.

FARAGE, Nadia. **As flores da fala:** praticas retóricas entre os Wapichana. 1997. Tese (doutorado). São Paulo: USP, 1997.

FIOROTTI, Devair. **Taren, Eren e Pantom:** Poeticidade oral macuxi. pag.13, 2018. JOBIM, José Luís. História e narrativa. **Cadernos de letras da UFF**, n.12,1996.

KOCH-GRUNBERG, Theodor. **Del Roraima al Orinoco** (1911-1913). Tomos I, II, III. Caracas: Ediciones del Banco Central de Venezuela, (1924)1982.

KRENAK, Ailton. Disponível em: <https://teoriadebate.org.br/1989/10/01ailton-krenak-receber-sonho/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

RIBEIRO, Darcy. Kadiwéu. **O povo brasileiro.** A formação e o Sentido do Brasil. São Paulo e Companhia das Letras. 1995.

SOBRE AS AUTORAS E O AUTOR

Ayane Camila de Araújo Silva

É graduada em Letras - Português pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Desde o semestre de 2022.2 é mestranda no Programa de pós-graduação em Letras da UFRR e por este programa também é bolsista CNPQ. Professora efetiva de língua portuguesa do Governo de Roraima desde abril de 2022, atuando também como professora de português como língua de acolhimento desde outubro de 2018 e em abril de 2021 pelo SENAC/RR. Participou como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) Letras da UFRR de 2017 até 2020, duas vezes do Programa de Iniciação Científica (PIBIC) e também atuou no Programa de Iniciação a Docência (PIBID). É escritora e pintora amadora.

Audeane dos Santos Lopes

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Roraima (2012). Também é formada em Letras pela Universidade Estadual de Roraima (2016). Especialista em Letras Língua Portuguesa e Literatura pela FAVENI, aluna de Pós-Graduação do Mestrado em Letras (PPGL), pela Universidade Federal de Roraima- UFRR, sendo orientada pela professora Dra. Rosidelma Fraga. Atualmente é professora Estadual no Colégio Estadual Militarizado Vereador João Rogélio Schurtz e professora da esfera municipal atuando na Escola Ildnéa Barbosa Ferreira.

Dalvina dos Santos da Silva Lima

Possui graduação em Teologia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil (2003), graduação em Pedagogia pela Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil (2010) e graduação em Letras - Espanhol e Literatura Hispânica pelo Instituto Federal de Roraima (2015). Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade Educacional da Lapa FAEL (2017). Atualmente é professora do Governo do Estado de Roraima, professora da Prefeitura Municipal de Cantá e aluna de pós-graduação, mestrado pelo PPGL/ RR, UFRR.

Hilvany Lannay Silva Araújo

Formada em Letras - Habilitação em Língua e Literaturas Vernáculas. Participou como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET - Letras), da UFRR. Foi voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic), pela UFRR. Mestranda em Letras/PPGL (UFRR), linha de pesquisa: Literatura, artes e cultura regional.

SUMÁRIO

Jane Lima Peixoto

Atualmente faz o curso de Mestrado em Letras/PPGL, na Universidade Federal de Roraima, com início em setembro de 2023 e área de concentração em estudos de linguagem e cultura regional. Minha pesquisa está inserida na linha II: Literatura, Artes e Cultura Regional. Servidora Municipal da SMEC e da rede Estadual de ensino (SEED-RR), atuando na cidade de Boa Vista/RR. Docente desde 1998. Trabalhou nas Escolas Municipais: Darcy Ribeiro, Vovô Dandê, Carlos Raimundo Rodrigues, Valdemarina Normando Martins e Glemíria Gonzaga Andrade. Trabalhou nas Escolas Estaduais: Professor Antonio Ferreira de Souza, Professor Severino Gonçalves Gomes Cavalcante, Dom José Nepote e Coema Souto Maior Nogueira. Tem graduação em Licenciatura plena em Letras, com habilitação em Literatura e especialização em Educação Infantil.

Luany Araújo Pinho

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRR- (PPGL/UFRR/CAPE), linha de pesquisa Literatura, Artes e Cultura Regional, sob a orientação do prof. Dr. Roberto Mibielli; Bolsista CAPES; Mestre em Ciências da Educação pela UNEG, na Venezuela, orientada pelo prof. Me. Leonardo Latuff, grau obtido em 2018; Especialista em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Estrangeira, pela Uninter (2014), Especialista em Comunicação Social: Assessoria de Comunicação e Novas Tecnologias, pelo IBPEX/Facinter (2007); graduada em Letras/Inglês pela UERR (2018); graduada em Pedagogia pela Faceten (2011); e graduada em Comunicação Social pela UFRR (2004). Atua como professora da rede básica de ensino do Estado de Roraima desde 2002. Participou entre os anos de 2019 e 2022 como redatora de Inglês na Comissão Estadual de Implementação da Base Nacional Comum Curricular-ProBNCC Roraima.

Lucineth Salgado Barroso

Mestrado em andamento pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - PROFEI, da Universidade Federal de Roraima-UFRR; Especialização andamento em Educação Especial com Ênfase em Educação Inclusiva; Especialização em andamento em Contabilidade Governamental; em Auditoria e Controladoria; em Educação Infantil, Neurociência e Aprendizagem; em Neurociência; graduação em andamento em Ciências Contábeis; especialista em Artes Visuais; especialista em Psicopedagogia Institucional, Clínica e Hospitalar; especialista em Docência em Ensino Superior; graduada em Pedagogia pela Faculdade Machado de Assis (2018) e graduada em Educação do Campo - Ciências da Natureza e Matemática, pela UFRR (2015). Atuou Supervisora e Bolsista no PIBID Diversidade; como receptora do Programa Residência Pedagógica- Pedagogia da Universidade Federal de Roraima-UFRR. Atualmente é professora pedagoga na Prefeitura Municipal de Boa Vista. Tem experiência na Educação Superior, Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II.

Moema de Souza Esmeraldo

Pós-doutorado em andamento, com bolsa PROCAD/CAPE, no Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Docente efetiva de magistério superior/adjunto, na Universidade Federal de Roraima, atuando no Centro de Educação, nos cursos de Educação do Campo e na licenciatura em matemática EAD. Professora

SUMÁRIO

permanente dos Programas de Pós-graduação em Letras (PPGL/UFRR) e no Programa de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva (Profei), além de colaboradora no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM). Atualmente participa dos grupos de pesquisa Literatura, africanidades e minorias sociais (PPGL/UFRR) e Recepção da Literatura infanto-juvenil e práticas sociais de letramento literário (LEDUCARR/CEDUC/UFRR), neste último está como líder. Doutora em Letras (2018), pelo Programa de Literatura, cultura e contemporaneidade, da PUC-Rio e Mestra, em Estudos da Linguagem (2014), pela UFG. Possui graduação em Letras Português/ Inglês pela Universidade Estadual de Goiás/Campus Cora Coralina (2005) e graduação em Pedagogia (2010). Foi servidora da Secretaria de Educação do Distrito Federal e Secretaria Estadual de Educação de Goiás, além de professora substituta, na Universidade Estadual de Goiás/Campus Formosa. Tem experiência na área de Letras e Educação atuando principalmente nos seguintes temas: estudos literários, literatura brasileira, crônica, poesia, literatura e ensino, letramentos sociais, escritas decoloniais e formação de professores.

Roberta Sagica Gomes

Possui Magistério pelo Centro de Formação de Professores de Boa Vista-RR (2001). Possui graduação em Pedagogia pela FARES (2016). Possui Graduação em curso de História pela FAFIBE (2017). Pós-Graduação Lato Sensu em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - EAD, pelo Instituto Federal de Roraima -IFRR (2019). Atuei como professor cursista na Formação do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC (2018). Possui experiência profissional como professora em séries iniciais pela Secretaria da Educação do município de Bonfim (2005 até o presente momento). Atualmente é professora na Educação Escolar Indígena - Secretaria de Estado da Educação e Desporto de Roraima e professora - Secretaria da Educação do Município de Bonfim. Já atuei com gestora, coordenadora e orientadora na escola Municipal Cantinho Feliz, nos anos de 2013 a 2021, estou atuando como Coordenadora Pedagógica da Escola Municipal Indígena Vovó Cristina desde 2022. Atualmente estou cursando Mestrado em Letras pelo PPGL-UFRR, tendo como orientador o professor Dr. Fábio Almeida de Carvalho na área Estudos de Linguagem e Cultura Regional. Linha II: LITERATURA, ARTES E CULTURA REGIONAL.tendo como objeto de pesquisa Parichara no Povo Wapichana.

Rosidelma Pereira Fraga

Pós-Doutora em Cultura Contemporânea, pela UFRR (2015-2017). Doutora e Mestre em Letras e Linguística, na área de Estudos Literários, pela Universidade Federal de Goiás, com apoio do CNPq. Pós-Graduada, em nível de especialização em Língua e Literatura Brasileira (UNEMAT-2005). Graduada em Letras (português e literaturas-UNEMAT-2001). Atualmente é professora de literatura e pertence ao quadro permanente do PPGL (Mestrado em Letras), na Linha de Pesquisa Literatura, Artes e Cultura Regional, da Universidade Federal de Roraima Docente permanente no Mestrado em Educação Inclusiva - PROFEI. É líder do grupo de pesquisa Africanidades, literaturas e minorias sociais e coordena o Laboratório AFRICE Conceição Evaristo. Titular da Comissão de Heteroidentificação. Coordena o programa de extensão Musicultura e inclusão que se articula com o Mestrado Profissional em Educação Inclusiva e coordena o Projeto de extensão Com a palavra, o escritor e o leitor vinculado ao Mestrado em Letras e à Graduação. Coordena o PIBID Letras/UFRR intitulado Letramento em língua portuguesa, literatura e inclusão (2022-2024). Foi professora efetiva na área de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Roraima e temporária na UFG. Tem

experiência em Teoria Literária, Literaturas de Língua Portuguesa, Afro-brasileira, Literatura comparada (brasileira e africana), Leitura e recepção de poesia moderna e contemporânea, formação do leitor e ensino de literatura. Tem experiência em estágio supervisionado. Mantém parceria com movimentos sociais do campo, da negritude como Julho das Pretas e participa de comissão de Assédio Sexual e Moral com apoio a rede de mulheres. Tem experiência em Ensino de Literatura Portuguesa EAD/AVA. Poeta (Autora de *Poesis em verso e prosa* (2013), *Cantares de Amor* (2014) e *AmorAmante* (2018).

Valtenir Soares de Abreu

Doutor em Linguística Aplicada pelo Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2021). Possui mestrado em Letras (Literatura, Artes e Cultura Regional) pela Universidade Federal de Roraima (UFRR/2014). Especialização em Informática na Educação pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão (IBPEX/2010). Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Roraima (UERR/2007). Atuou como professor efetivo do município de Boa Vista no período de 2007 a 2017, lecionando nas séries iniciais do Ensino Fundamental, além de desenvolver atividades nas áreas de Informática Educativa e Educação Musical.

SUMÁRIO

ÍNDICE REMISSIVO

SUMÁRIO

A

aprendizagem 13, 87, 94, 95, 122, 123, 124, 126, 127, 129
audiodescrição 9, 13, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129
autoria 10, 11, 15, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 32, 33, 34, 42, 134

B

Beauvoir 37, 40, 42

C

Circe 8, 11, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48
contemporaneidade 8, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24,
25, 27, 33, 44, 69, 146
contemporâneo 11, 20, 21, 22, 25, 31, 32, 33, 65, 69
Cosmovisão 67
cotidiano roraimense 8, 11, 69, 74, 79
criminalidade 11, 50, 63, 64
cultura digital 20, 21, 26

D

dança 13, 79, 110, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 142
drogas 11, 50, 51, 56

E

educação inclusiva 9, 10, 13, 125, 128
estereótipos 11, 33, 37, 38, 39, 41, 61, 85, 92, 93
exploração sexual 8, 11, 49, 50, 51, 52, 55, 56, 57, 61, 63, 65
exploração sexual infantil 11, 50, 51, 52, 56, 63, 65

F

fanfiction 29, 35
feminilidade 11, 37, 40
feminismo 37, 38, 48
ficção 8, 10, 11, 29, 49, 52, 56, 62, 63, 113

H

hegemônicas 22, 24, 25, 28, 33

L

literatura infantil 13, 122, 123, 124, 129
literatura marginal 15, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32
literaturas pós-autônomas 10, 15, 16

M

manifestação 13, 17, 21, 22, 24, 27, 31, 32, 87, 112, 132
marginalidade 8, 10, 19, 24, 31, 32, 64
mitologia 37, 41, 44, 47
mitos 12, 43, 48, 75, 76, 83, 85, 96, 134
música 79, 104, 110, 117, 118

O

oralidade 12, 83, 85, 86, 89, 135

P

PARICHARA 9, 130, 133, 137, 138, 139, 141
patriarcado 38, 39, 48, 65
PcD 122, 123, 124
pobreza 11, 15, 50, 51, 52, 61, 64
poesia 12, 54, 105, 106, 108, 110, 111, 114, 115, 116, 146, 147
pós-colonial 11, 15, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 32, 33, 34, 61, 71
povos indígenas 12, 74, 83, 84, 85, 86, 89, 94, 96, 97, 99, 107,
118, 133, 138, 140
Pssica 8, 11, 49, 50, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 65

R

realidade 8, 10, 11, 49, 51, 52, 56, 57, 62, 63, 64, 70, 71, 74, 75,
76, 87, 90, 126
regionalismo 9, 12, 63, 67, 68, 73, 75, 77, 100, 101, 102, 108, 112,
113, 115, 119
romance 8, 11, 30, 36, 37, 44, 46, 47, 50, 52, 53, 56, 63, 64, 65,
74, 76, 115
romance noir 11, 50, 53, 63

Roraima 10, 11, 12, 13, 14, 16, 73, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108,
110, 111, 115, 117, 119, 120, 125, 126, 133, 137, 141, 143,
144, 145, 146, 147

S

Sobrevivência 67

Spivak 12, 15, 21, 22, 25, 26, 28, 29, 31, 37, 40, 41, 71, 83, 85, 88, 117

T

tecnologias assistivas 13, 122, 123, 126

tradição 9, 10, 12, 13, 26, 38, 73, 74, 78, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88,
89, 92, 95, 96, 97, 98, 130, 132, 135

tradição oral 9, 10, 12, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 96, 97, 98

tráfico humano 11, 50, 64

W

Wapichana 9, 12, 13, 74, 82, 83, 84, 85, 87, 91, 93, 94, 95, 96, 97,
130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141,
142, 143, 146

SUMÁRIO

1 ESTUDOS
DE LITERATURA,
CULTURA
E CONTEMPORANEIDADE

Estudos de Literatura, Cultura e Contemporaneidade

www.pimentacultural.com

PERCURSOS
METODOLÓGICOS

